

NEIL YOUNG • JIMI HENDRIX • CHUCK BERRY • JIMMY PAGE • EDDIE VAN HALEN • JEFF BECK • SISTER ROSETTA THARPE • NILE RODGERS • B.B. KING • JONI MITCHELL • DUANE ALLMAN • CARLOS SANTANA • JIMMY NOLEN • TONY IOMMI • PRINCE • KEITH RICHARDS • ROBERT JOHNSON • JAMES HETFIELD E KIRK HAMMETT • JAMES BURTON • JOHN FRUSCIANTE • ST. VINCENT • BUDDY GUY • DAVID GILMOUR • EDDIE HAZARD

EDIÇÃO DE COLECIONADOR

# Rolling Stone

BRASIL

JIMI  
HENDRIX

250  
MAIORES  
GUITARRISTAS  
DA HISTÓRIA

MOTHER MAYBELLE CARTER • TOM MORELLO • FREDDIE KING • STEVIE NAY VAUGHAN • RANDY RHOADS • ALBERT KING





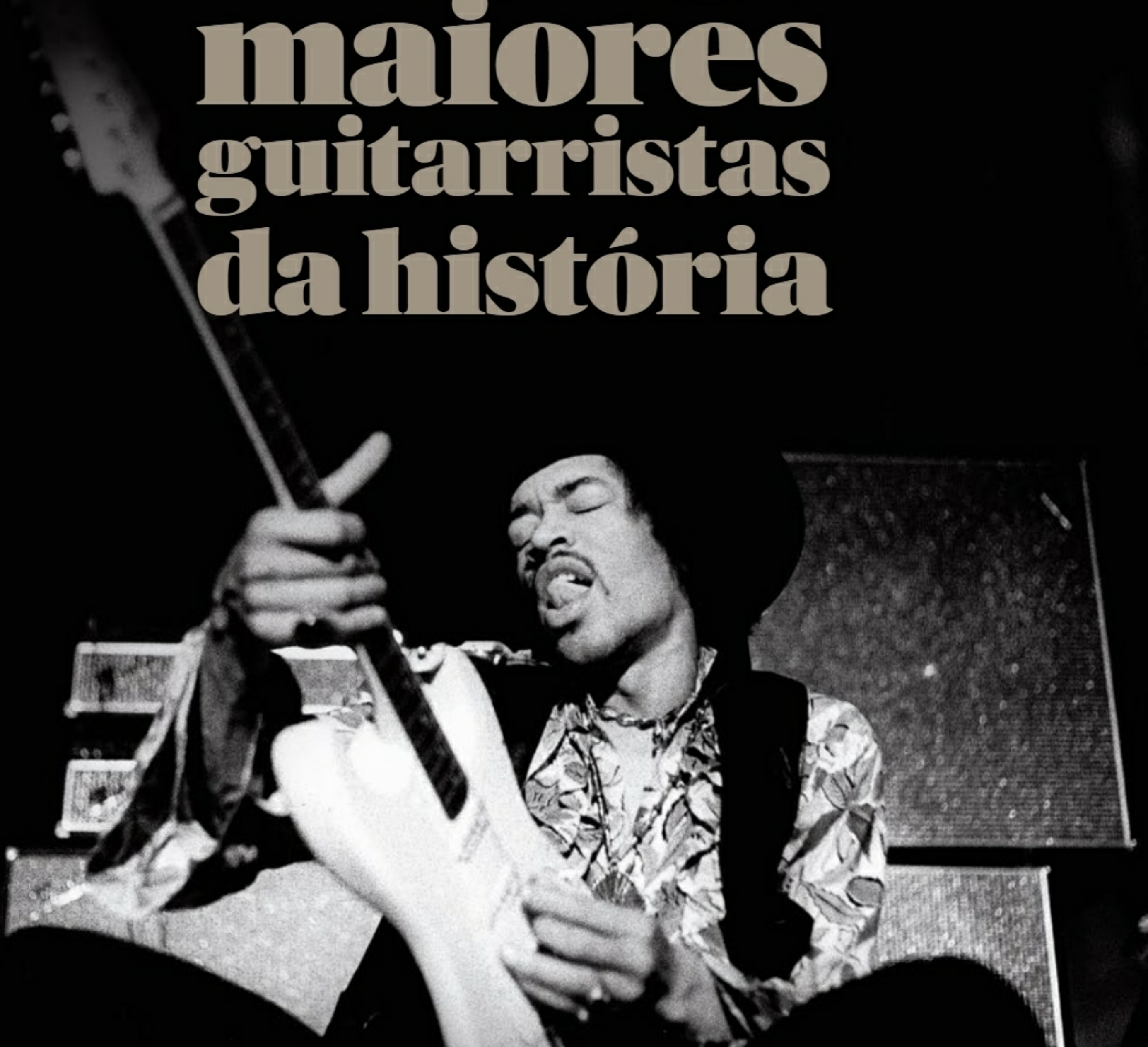


EDIÇÃO ESPECIAL DE COLECIONADOR

*RollingStone*  
BRASIL

250

maiores  
guitarristas  
da história





**EDITORIAL****A guitarra como uma orquestra**

**F**oi Joni Mitchell quem disse à *Rolling Stone* em 1969: “Queria tocar a guitarra como uma orquestra”. Talvez uma orquestra seja, de fato, uma boa forma de pensar a seleção feita nesta edição especial - cada um a seu jeito, os 250 melhores guitarristas - e violonistas - do mundo ajudaram a construir parte fundamental do que se entende como música contemporânea.

Feita a partir da seleção original de 2011 dos 100 maiores talentos globais, esta lista mantém algumas das posições, como a in-

discutível liderança de Jimi Hendrix. Porém, amplia os nomes apontados, leva a missão de identificar os gênios do instrumento para além dos guitar heroes que marcaram os anos 1970 e prioriza um foco ainda mais inclusivo. Do Brasil há dois representantes, a carioca Rosinha de Valença, na 162ª posição, e o mestre de Juazeiro João Gilberto na 142ª - mas se nos perguntarem, diríamos que ainda cabem outros.

Este especial para colecionadores marca ainda a passagem de Eric Clapton pelo Brasil. De uma personalidade controversa de convicções questionáveis, resgatamos aqui sua entrevista definitiva.

Nas páginas a seguir, convidamos a ler como se ouve e a tentar identificar em cada história estes diversos caminhos sonoros - uma mesma paixão, em um mesmo instrumento, mas que nunca é tocado da mesma forma. “Minha guitarra não é um objeto. É uma extensão de mim. É quem eu sou”, já disse Joan Jett.

**Eduardo do Valle e Ademir Correa**



Keith Richards, 15º maior  
guitarrista da edição, em 1992

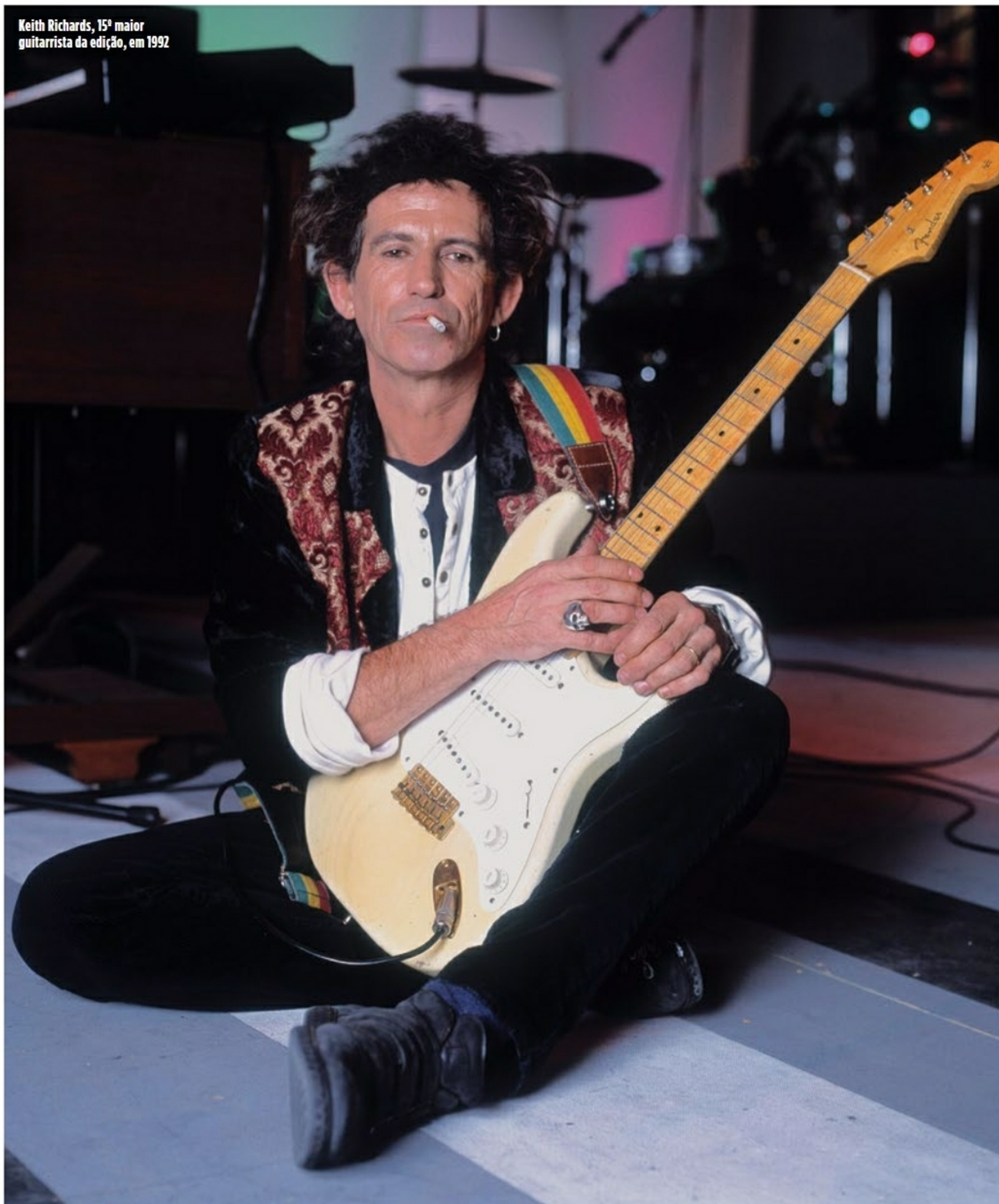


FOTO: PAUL NATKIN/GETTY IMAGES






# 250 maiores guitarristas da história

Celebrando a glória das seis cordas no blues, rock, metal, punk, folk, country, reggae, jazz, flamenco, bossa nova e muito mais

RS





“Minha guitarra não é um objeto”, disse Joan Jett certa vez. “É uma extensão de mim. É quem

eu sou.” A guitarra é o mais instrumental dos instrumentos, o mais primário e mais expressivo. Qualquer um consegue aprender a tocar em pouco tempo, mas você pode passar uma vida inteira explorando suas possibilidades. É por isso que é tão divertido pensar naquilo que forma um ótimo guitarrista.

A *Rolling Stone* publicou sua lista original com os 100 melhores guitarristas em 2011. Foi uma reunião feita por um painel de músicos, principalmente roqueiros das antigas. Nossa nova lista expandida foi feita pelos editores e jornalistas da *Rolling Stone*. Esta tem 250 posições.

Muitas vezes, os guitarristas são tão icônicos quanto os vocalistas das bandas em que eles tocam. Mas deuses mitológicos da guitarra como Jimmy Page, Brian May, Eddie Van Halen são apenas uma parte da história. Queremos mostrar a evolução da guitarra por dentro. A entrada mais antiga da lista (a ícone da música folk Elizabeth Cotten) nasceu em 1893. A mais jovem (a prodígio indie-rock Lindsay Jordan) nasceu em 1999. A lista inclui rock, jazz, reggae, country, folk, blues, punk, metal, disco, funk, bossa nova, bachata, rumba congoleza, flamenco e muito mais. Ela inclui virtuosos únicos como Pat Metheny, Yvette Young e Steve Vai, bem como puristas como Johnny Ramone ou Poison Ivy, do Cramps. Há as grandes estrelas, como Prince, Joni Mitchell e Neil Young e mestres dos bastidores, como o ótimo Teenie Hodges, do soul de Memphis, e o matador do smooth-rock, Larry Carlton.

Muitos excelentes guitarristas entenderam sua genialidade como parte de um duo, então Kim e Kelley Deal, do The Breeders, Adrian Smith e Dave Murray do Iron Maiden, e outros pares simbióticos dividem suas entradas. Nosso único critério instrumental é ser um talento no instrumento das seis cordas. (Desculpem aos tocadores de balalaica, talvez numa próxima.)

Ao fazer a lista, tendemos a valorizar consistência sobre bom gosto, sentimento sobre polidez, inventividade em vez de refinamento, espontaneidade e originalidade sobre técnica. Também tendemos a dar vantagem aos artistas que canalizaram quaisquer talentos divinos em ótimas músicas e álbuns que mudaram a história, não apenas aqueles que simplesmente tocam bem. Citando o visionário do blues moderno Gary Clark Jr., “eu não sei se quero sair tanto da estrada - não quero me perder na floresta - mas tenho gosto em andar por aí e cair na aventura”.



250

## Andy Summers

O The Police era uma espécie de trio imbatível, e Andy Summers era o principal motivo. Se afastando rapidamente do punk, ele reformulou acordes de jazz e ritmos de reggae como rock and roll impetuoso. Summers tocou da maneira mais moderada possível, construindo contrações curtas, deixando amplo espaço para Sting e Stewart Copeland. “Seu tom e estilo eram absolutamente perfeitos — ele deixava espaço em torno de tudo”, disse Alex Lifeson do Rush. “E ele pode lidar com qualquer coisa, desde uma bela execução acústica até jazz e tipos híbridos de coisas.”

MELHORES CANÇÕES: “MESSAGE IN A BOTTLE”, “EVERY BREATH YOU TAKE”

249

## Britanny Howard

Desde que começou na banda de garage-roots Alabama Shakes, a guitarra de Brittany Howard sempre foi um complemento terroso, fluido e admiravelmente ad-hoc para seus vocais poderosos e composição de alma. Ela tem um senso elástico de ritmo (confira como suas linhas difíceis e irregulares saltam do guitarrista Heath Fogg do Shakes em sua música de 2015 “Don’t Wanna Fight”). Howard assumiu o rock & roll direto com sua banda paralela Thunderbitch, e seu álbum solo de 2019, *Jaime*, foi uma vitrine estelar para sua musicalidade aberta, desde o funk de James Brown que ela fez em “History Repeats” até o fuzz derretido que ela fez em “Presence”.

MELHORES CANÇÕES: “HISTORY REPEATS”, “PRESENCE”

248

## Robby Krieger

Reinado em flamenco e jazz, Robby Krieger foi além do rock em uma época em que a maioria dos músicos ainda estava ligada ao blues. No The Doors, ele teve o talento improvisador de seguir as jornadas mais selvagens de Jim Morrison, escreveu alguns de seus maiores sucessos (“Light My Fire”) e pegou o jeito em sua formação de teclado-bateria-guitarra. “Não ter um baixista ... me fez tocar mais notas de baixo para preencher o fundo”, disse ele. “Não ter alguém marcando o ritmo também me fez tocar de forma diferente, para preencher o som. Eu sempre me senti como três músicos simultaneamente.”

MELHORES CANÇÕES: “RIDERS ON THE STORM”, “ROADHOUSE BLUES”



247

## Ricky Wilson

Quando os B-52s tocavam ao vivo, Ricky Wilson muitas vezes parecia feliz em segundo plano em meio à exuberância maníaca do vocalista, Fred Schneider, e ao cabelo de colmeia e aos movimentos de dança de Kate Pierson e Cindy Wilson. Mas sua mistura de angular post-punk, rockabilly e surf rock em clássicos como “52 Girls”, “Strobe Light” e “Private Idaho” fez dele um dos músicos mais inventivos da era New Wave. Wilson costumava usar apenas quatro ou cinco cordas em sua guitarra Mosrite azul e afinações estranhas para atingir um som estranho e espartano. “Eu apenas afino as cordas até ouvir algo que eu gosto”, ele disse uma vez. Com sua morte em 1985, a cena do indie-rock perdeu um radical despretensioso.

MELHORES CANÇÕES: “52 GIRLS”, “MESOPOTAMIA”

246

## Paul Simon

Paul Simon, o grande compositor, fala tão vivamente através de seu violão quanto de suas letras. Desmamado no início do doo-wop e no rock & roll, Simon ficou preso no renascimento folk durante meados dos anos 1960, viajando para a Inglaterra para estudar o domínio acústico de Bert Jansch. Ele continuou absorvendo novas influências, como em “Dazzling Blue”, de seu álbum mais recente, *So Beautiful or So What*: “Todo esse dedilhar folk é o que eu fiz com Simon e Garfunkel, mas [aqui] está no topo desse ritmo com músicos indianos tocando em 12/8.” Em seus 80 anos, ele ainda está tão ágil como sempre, como demonstrou em seu álbum de 2023 *Seven Psalms*.

MELHORES CANÇÕES: “DAZZLING BLUE”, “KATHY’S SONG”



245

## Leslie West



**L**eslie West (nome verdadeiro: Leslie Weinstein) deixou sua marca pela primeira vez no rock de garagem de meados dos anos 1960, com os Vagrants de “Respect” de Otis Redding. Em músicas como o sucesso de 1970 “Mississippi Queen”, West tocou linhas de blues ásperas com facilidade enganosa e um toque de R&B, através de uma floresta negra de distorção estressada. “Os riffs foram incríveis”, diz Dave Davies. “Ele poderia tocar frases chativas e intrincadas. Mas ele não era um cara que me olha. Ele brincou com a sensação.”

MELHORES CANÇÕES: “MISSISSIPPI QUEEN”, “NANTUCKET SLEIGHRIE (TO OWEN COFFIN)”

244

## Edilio Paredes

**É** difícil acreditar que a bachata já foi pouco conhecida fora da República Dominicana, sua terra natal. E o homem que deu à música sua identidade sonora — aquelas linhas em espiral que flutuam e acentuam a amargura do amor perdido — é Edilio Paredes. Um prodígio autodidata, desempenhou um papel fundamental na engenharia da transição do bolero campesino para a bachata contemporânea que finalmente ganhou seu lugar de direito como um gênero afro-caribenhista transcendente nos anos 1990. A discografia de Paredes como um homem de sessão prolífico dos anos 1960 aos anos 1980 fala por si — mas el maestro foi reconhecido álbum de 2011 *The Bachata Legends*.

MELHORES CANÇÕES: “NO ME OLVIDES”, “BENDITA NENA”

243

## Aaron Dessner e Bryce Dessner

**O**The National é uma história de rock única, estrelada por uma virtuosa dupla de guitarras que por acaso são irmãos gêmeos. Bryce Dessner colaborou com lendas como Steve Reich, Ryuichi Sakamoto, Jonny Greenwood e Kronos Quartet. Aaron Dessner é o guitarrista de Taylor Swift em *Folklore* e *Evermore*, adicionando Jerry Garcia-like twang a “Cowboy Like Me”; ele realmente se solta em “August” em *The Long Pond Studio Sessions*. Os irmãos Dessner podem se misturar para angústia elétrica (“Terrible Love”) ou beleza folk íntima (“I Need My Girl”). Eles também planejaram o tributo ao Grateful Dead de 2016, *Day of the Dead*, tocando com Bob Weir em “I Know You Rider”.

MELHORES CANÇÕES: “MR. NOVEMBER”, “THE SYSTEM ONLY DREAMS IN TOTAL DARKNESS”

242

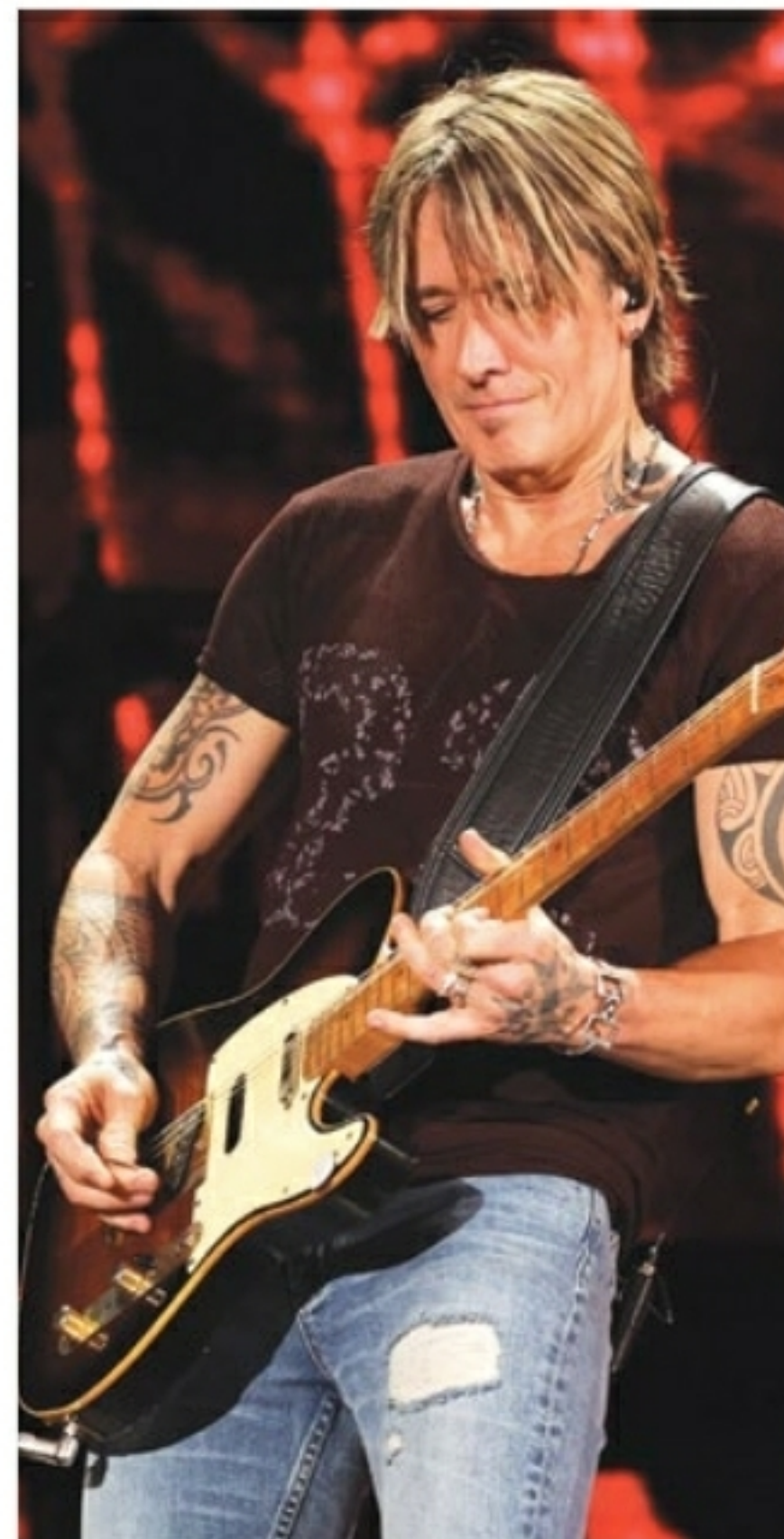
## Lindsey Jordan

**A** heroína da guitarra da Geração Z, Lindsey Jordan, teve aulas com a colega Mary Timony, a guitarrista extraordinariamente inventiva de Helium e Wild Flag. Quando Jordan fez sua estreia como Snail Mail aos 18 anos com *Lush* de 2018, ela parecia ter chegado, tendo internalizado totalmente todo o cânone do indie-rock. Ela é uma virtuosa casual e uma trituradora séria, mudando de construções de tensão para solos gloriosos, de Liz Phair para a expansão do Sonic Youth. “Eu gosto de jogar bolas de verdade”, disse ela à *Rolling Stone* em 2018. “Isso é o que significa estar no palco com integridade.”

MELHORES CANÇÕES: “HEAT WAVE”, “PRISTINE”

241

## Keith Urban



**E**le pode não ser o músico mais virtuoso ou o mais tradicional, mas Keith Urban brilha entre os artistas de Nashville por seu estilo sem esforço. Seus riffs, ritmos e solos parecem se materializar tão naturalmente quanto pensar, no entanto, de alguma forma, sempre elevam a música. Nada é abertamente chamativo; cada nota faz sentido. Mas ele está no seu melhor quando está no palco, entregando heroísmos de guitarra que se comparam ao maior do panteão do rock. Não é à toa que ele está preso a todos, desde os Rolling Stones até Nile Rodgers. “Eu amo que as pessoas queiram ouvir a guitarra”, disse Urban à *Rolling Stone* em 2015, “mas eu só penso na música... o que a música parece querer.”

MELHORES CANÇÕES: “HIGHWAY DON'T CARE”, “BLUE AIN'T YOUR COLOR”



240

## Erin Smith

**E**rin Smith, uma das pioneiras do movimento riot grrrl Bratmobile, começou a tocar junto com os discos de Beat Happening, uma banda de cuddle-core autoconscientemente primitiva com uma mulher na bateria. “Isso foi em 1987, e não só vi que as mulheres podiam tocar música, mas pude ver que você poderia fazer isso sozinha”, disse ela ao Museu de Cultura Pop. “Eu nunca poderia ser [o] Andy Taylor de Duran Duran. E eu percebi que estava tudo bem.” O estilo que ela criou com a cantora Allison Wolfe e a baterista Molly Neuman combinou linhas de baixo melódicas de surf-rock com acordes de garage-rock para fazer a estreia do Bratmobile em 1993, *Pottymouth*, um dos discos punk mais emocionantes dos anos 1990.

MELHORES CANÇÕES:  
“LOVE THING”, “P.R.D.C.T.”

239

## Duane Eddy



**S**e havia alguma dúvida no final da década de 1950 de que o violão — não o saxofone — era o instrumento essencial do rock & roll, Duane Eddy resolveu o argumento: veja seu single de 1958 “Rebel Rouser”, misturado com country twang e ondulando com tremolo. “Chet Atkins usou o vibrato de maneira seletiva — Duane Eddy o usou para marcar a música”, diz Dave Davies, dos Kinks. O impacto dos sucessos de Eddy, como “Forty Miles of Bad Road” e “Peter Gunn”, logo seria ouvido em música de surf e guitarristas como Jeff Beck e George Harrison.

MELHORES CANÇÕES:  
“REBEL ROUSER”, “PETER GUNN”



238

## Doug Gillard

**S**e Robert Pollard é o gênio da instituição de indie-rock de Ohio Guided By Voices, então Doug Gillard é o coração pulsante da banda. Ele é um complemento perfeito para Pollard, transformando seu jogo de palavras louco e zumbidos experimentais em rock & roll, e fazendo isso no ritmo incansável de dois ou até três álbuns do GBV por ano. “Conheço suas formas e zumbidos usuais — ou posso praticamente decifrar o que são se for uma nova forma — e replicá-los nas partes rítmicas nos discos na maior parte”, disse Gillard uma vez. “Mas também, eu tenho alguma liberdade para transformá-los.”

MELHORES CANÇÕES:  
“I AM A TREE”, “MR. CHILD”

237

## Jennifer Batten

**J**ennifer Batten ficou em evidência como o furacão da guitarra nas maiores turnês de Michael Jackson. Era um trabalho que exigia que ela tocasse funk, soul, metal e solo de “Beat It” de Eddie Van Halen todas as noites. Em seu primeiro álbum solo, *Above Below and Beyond*, de 1992, ela gravou “Flight of the Bumble Bee” de Rimsky-Korsakov, “Wanna Be Startin’ Somethin’” de Jackson e “Giant Steps” de John Coltrane (duas maneiras incomuns) na guitarra elétrica com mergulhos e batidas com os dedos em abundância, tudo com seu toque único. Mais tarde, ela mesma deu passos gigantes, tornando-se uma das poucas guitarristas capazes de ficar de igual para igual com Jeff Beck, fazendo turnê e gravando com ele em alguns de seus álbuns mais ousados na virada do milênio.

MELHORES CANÇÕES: “FLIGHT OF THE BUMBLEBEE”, “GIANT STEPS (ROCK VERSION)”

236

## Greg Sage

**G**reg Sage formou sua banda de Portland, Oregon, The Wipers, em 1977, soprando ortodoxias punk antes mesmo delas existirem com suas músicas complexas e extensas e som de guitarra irregular e misticamente distorcido. Em uma época em que outras bandas valorizavam a simplicidade, as músicas de Wipers como “When It’s Over” e “Romeo” pareciam bater paisagens sonoras. Como resultado, eles galvanizam a cena indie-rock do Noroeste do Pacífico. “Aprendemos tudo com os Wipers”, disse Kurt Cobain, que orgulhosamente os reivindica como sua banda favorita. “Eles estavam tocando uma mistura de punk e hard rock quando ninguém se importava.”

MELHORES CANÇÕES:  
“WHEN IT’S OVER”, “UP FRONT”



235

## Laura Marling

**A**cantora e compositora britânica Laura Marling é um tipo mais sutil de virtuoso, empregando afinações e vozes complexas dentro de sua música que soam muito mais simples do que realmente são. “I Was an Eagle”, do LP de Marling de 2013, *One I Was an Eagle*, soa sonhador e atmosférico graças ao uso da afinação DAGDAD, com sua influência principal Joni Mitchell tocando em seu catálogo através de frases incomuns e floreios atonais. Durante o bloqueio da Covid-19, Marling compartilhou sua visão de guitarra com fãs e seguidores, oferecendo tutoriais concisos e informativos no Instagram.

MELHORES CANÇÕES: “I WAS AN EAGLE”, “WILD FIRE”, “GHOSTS”



233

## H.E.R.

**H**.E.R. permaneceu discreta o suficiente para que ela ainda possa explodir as mentes a cada grande aparição pública, como o Grammy ou o Super Bowl. A voz de H.E.R. está mergulhada em R&B clássico, e ela adora uma balada efervescente, mas sua reprodução vai desde sotaques delicados e fluidos até o dedilhar de rock semelhante ao de Prince. O single "Hold On" de H.E.R. mostra ela dobrando suas próprias melodias vocais com uma série de leads estridentes, uma de suas assinaturas favoritas. "Eu também gosto de tocar meu violão como se estivesse cantando", disse ela ao *Guitar World*. "Às vezes, eu gosto de cantar e tocar meus solos ao mesmo tempo... até mesmo harmonizando minha voz com meu violão." Em 2021, a Fender criou um modelo Stratocaster exclusivo para a H.E.R., fazendo dela a primeira mulher negra a receber a honra.

MELHORES CANÇÕES:  
"HOLD ON", "COMFORTABLE"



234

## John McGeoch

**J**ohn McGeoch, de Manchester, anunciou sua presença com o lançamento do single de estreia da Magazine de 1978, "Shot by Both Sides", um dos grandes hinos do punk-rock do Reino Unido, e ele rapidamente inventou seu próprio estilo arquitetônico expansivo no trabalho posterior da banda e com a Public Image Ltd, bem como com Siouxsie e os Banshees. McGeoch recebeu elogios de Johnny

Marr, Ed O'Brien do Radiohead e outros. Sua mistura de guitarra rítmica cortada, flange místico e arpejos giratórios fez do álbum de 1981 dos Banshees, *JuJu*, o grande álbum de guitarra gótica dos anos 1980, introduzindo uma nova linguagem mal-humorada ao rock do Reino Unido, onde a atmosfera importava muito mais do que a angústia.

MELHORES CANÇÕES:  
"PHILADELPHIA", "SPELLBOUND"

232

## David Williams

**E**m bora ele tenha crescido amando o jazz, David Williams causou seu maior impacto em um estilo de música que não é conhecido como uma vitrine de instrumentistas: o pop dos anos 1980. Seus toques de reposição intencionalmente são fundamentais para a sedução rítmica de "Billie Jean" de Michael Jackson, "Stand Back" de Stevie Nicks e "Muscles" de Diana Ross. O veterano do Vietnã, que também saiu em turnê com Jackson e Madonna e trabalhou com todos, de Chaka Khan a Kenny Loggins, uma vez descreveu o "tempero secreto" que ele adicionou aos 40 melhores sucessos: "Você não precisa de muito disso, mas a quantidade certa faz o trabalho." Williams morreu de ataque cardíaco em 2009 aos 58 anos.

MELHORES CANÇÕES:  
"BILLIE JEAN", "DIRTY DIANA"

231

## Etta Baker

**O** nome de Etta Baker é sinônimo de blues do Piemonte, um estilo de tocar fluido, influenciado pelo ragtime e pelo folk que se originou na Costa Leste no início do século XX. Baker, nascida em uma família multirracial na Carolina do Norte em 1913 e criada na Virgínia, aprendeu violão com seu pai e muitas vezes dançava com sua família quando jovem. Suas composições instrumentais como "One Dime Blues" que apareceram em uma antologia de 1956 eram sísmicas: entre os que ouviam estavam Bob Dylan e Taj Mahal, o último gravaria um álbum com Baker antes de sua morte em 2006.

MELHORES CANÇÕES: "ONE DIME BLUES",  
"CAROLINA BREAKDOWN"



230

## Gustavo Cerati

**T**alvez porque ele sozinho transformou o som do rock latino com a majestade de suas músicas, é fácil esquecer que Gustavo Cerati era um extraordinário guitarrista. Em meados dos anos oitenta, o cantor e compositor argentino desencadeou um boom pan-americano de rock *en español* com trio Soda Stereo e sucessos como “De Música Ligera”. Depois da dissolução do Soda, Cerati caiu sob o feitiço de samples, mas ele voltou ao modo de deus da guitarra com *Ahí Vamos* de 2006, uma sessão tempestuosa encharcada em riffs elétricos esfarrapados. Cerati entrou em coma aos 50 anos e nunca se recuperou — mas a imagem dele sorrindo de prazer enquanto rasgava um solo no palco está para sempre gravada no subconsciente da cultura musical latina.

MELHORES CANÇÕES:  
“CANCION ANIMAL”, “LA EXCEPCIÓN”

229

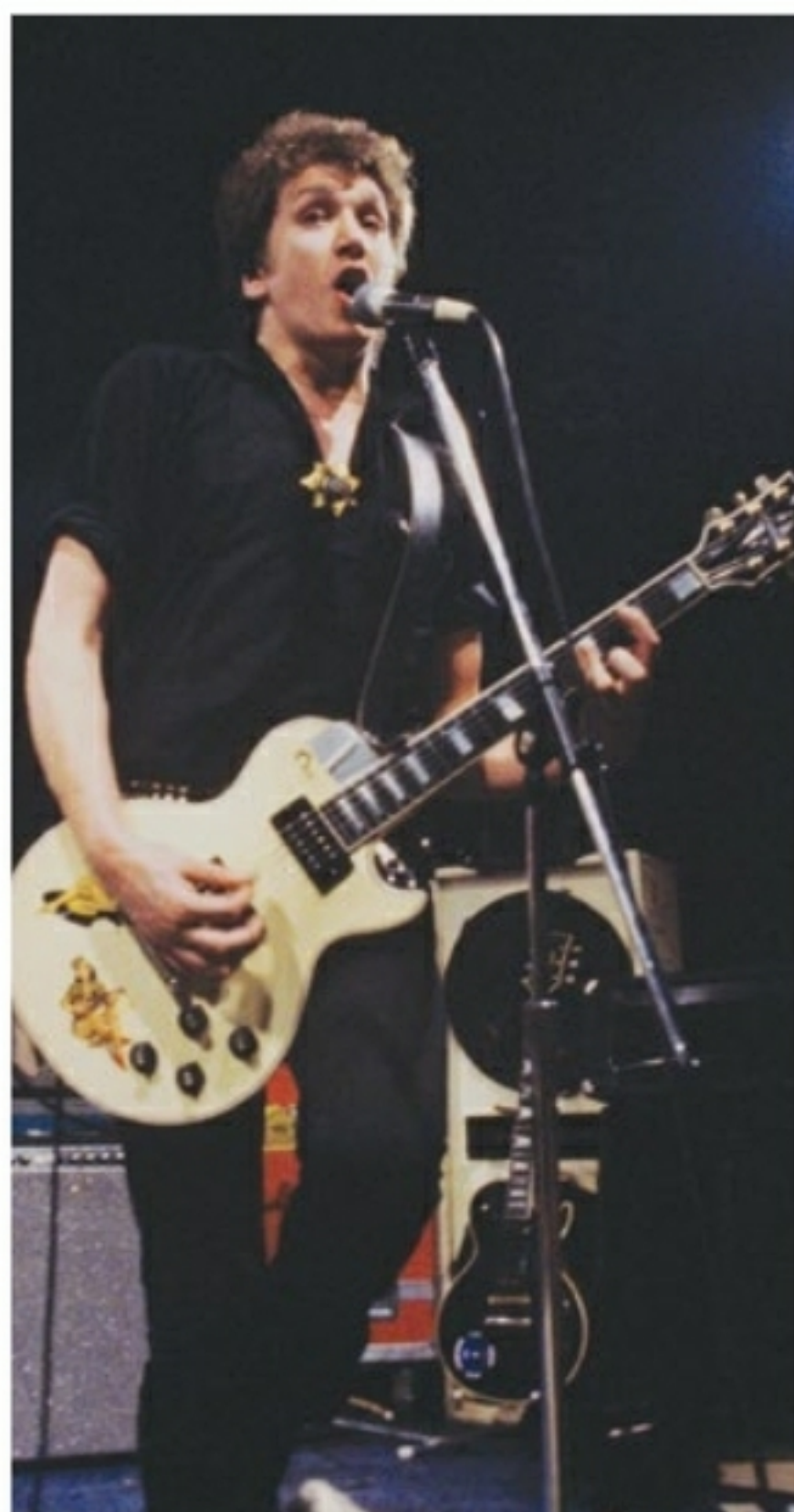
## Barbara Lynn

**B**arbara Lynn, de 16 anos, fez um ultimato para o namorado, Stank: “Se você me perder/Você vai perder uma coisa boa.” A nativa de Beaufort, Texas, definiu suas palavras para a música, usando uma guitarra destra que ela mesma aprendeu a tocar com a mão esquerda. A música resultante, “You’ll Lose a Good Thing”, um R&B de primeira em 1962, foi a primeira lambida em uma aclamada carreira de 60 anos. A maioria das músicas escritas por Lynn foram reproduzidas pelos Rolling Stones, Aretha Franklin, Otis Redding e Robert Plant e sampleadas pelos Beastie Boys e Moby. Isso fala da relacionalidade e do poder criativo de uma boa mulher feita de erros.

MELHORES CANÇÕES:  
“YOU’LL LOSE A GOOD THING”, “I’LL SUFFER”

228

## Steve Jones



**Q**uando o agente do New York Dolls, Malcolm McLaren, deu a Steve Jones um Les Paul customizada branca que havia sido tocado por Syl Sylvain dos Dolls, o instrumento (ou um modelo semelhante) se tornou a arma de escolha de Jones para sempre. Os acordes de poder brutais de Jones e os solos extravagantes foram um espelho perfeito para a bile provocadora de Johnny Rotten — e um critério para cada criador de punk-rock que seguiu. Seu legado foi definido com riffs indelévels em um disco — *Never Mind the Bollocks...* de 1977 — que inspirou guitarristas de Slash a Billie Joe Armstrong. Era uma atitude tanto quanto um som. Como Jones disse a um jornalista durante seus dias com o Sex Pistols, “Na verdade, não gostamos de música. Estamos no caos.”

MELHORES CANÇÕES:  
“GOD SAVE THE QUEEN”, “PRETTY VACANT”

227

## Glenn Branca

**U**m pilar do movimento pós-punk No Wave de Nova York, Glenn Branca se comprometeu a estabelecer a guitarra — muitas vezes sintonizado com sua marca registrada e modificada para funcionar em diferentes registros e produzir tonalidades variadas — como um instrumento sinfônico que poderia ser composto para conjuntos, às vezes totalizando até 100 músicos. Sua *Symphony No. 1*, gravada em 1981, contaria com Thurston Moore e Lee Ranaldo, da Sonic Youth, na orquestra. Branca também lançaria o primeiro álbum de Sonic Youth em sua gravadora Neutral, demonstrando que ele também tinha talento para identificar outros revolucionários musicais. “Tenho tantas ideias sobre música que nem comecei a trabalhar”, disse ele à *Helium* em 2016. “Se eu vivesse até 200, não terminaria meu trabalho.”

MELHORES CANÇÕES: “LIGHT FIELD (IN CONSONANCE)”, “VELVETS AND PEARLS”

226

## El Kempner

**M**uito antes de El Kempner lançar o Palehound — um projeto de potência indie que abriu recentemente os shows de boygenius — ele era apenas uma criança de sete anos aprendendo a tocar tocando o violão de seu pai com uma tampa de marcador. Desde então, a guitarra tem sido a luz orientadora: riffs eletrizantes elevados pela destreza musical de Kempner carregam faixas vivazes como “The Clutch” de seu recente quarto álbum de estúdio, *Eye on the Bat*. Mas o que aumenta as habilidades refinadas de apenas 29 anos é sua versatilidade. Kempner está igualmente em casa balançando em sua amada Stratocaster, fazendo dedilhar acústico ou fazendo arpeggio.

MELHORES CANÇÕES: “THE CLUTCH”, “INDEPENDENCE DAY” “VELVETS AND PEARLS”



225

## Fred 'Sonic' Smith e Wayne Kramer



O duo de guitarra MC5 de Wayne Kramer e Fred "Sonic" Smith trabalhou junto como os pistões de um motor. Combinando Chuck Berry e as primeiras influências da Motown com um interesse em free jazz, a dupla poderia chutar as lendárias jams de alta energia de sua banda profundamente no espaço. "Se você toca com outro guitarrista por tempo suficiente, você esgota tudo o que sabe, e então começa a tocar o que não sabe, e entra em algo bom", disse Kramer à *Premier Guitar* em 2018. "Acabamos de descobrir que poderíamos tocar partes rítmicas sincopadas simultaneamente, e elas se encaixam perfeitamente, ou poderíamos ficar sozinhos simultaneamente e elas ainda se encaixariam."

MELHORES CANÇÕES:  
"LOOKING AT YOU", "POISON"

224

## Marv Tarplin

O estilo de tocar e compor de Marv Tarplin, nascido em Atlanta e criado em Detroit, se tornou a chave para o sucesso de Smokey Robinson and the Miracles quase assim que o cantor de soul o escolheu para ser o guitarrista do grupo na década de 1960. A versatilidade de Tarplin se encaixa nas demandas de Motown, desde seus acordes de condução em "Going to a Go-Go" até a doce acústica de 12 cordas em "You Really Got a Hold on Me". Sua brincadeira com os acordes de "Day-O (The Banana Boat Song)" de Harry Belafonte o levou a escrever o núcleo do sucesso dos Miracles, "The Tracks of My Tears". Ele continuou a trabalhar com Robinson depois que os Miracles se separaram; os delicados detalhes que ele adicionou ao single solo de Robinson de 1979 "Cruisin'" deram a essa faixa um sentimento atemporal que ajudou a acioná-la para o Top 5 da Billboard Hot 100.

MELHORES CANÇÕES:  
"THE TRACKS OF MY TEARS", "CRUISIN"

223

## Joseph Spence

Em 1958, os musicólogos Sam Charters e Ann Danberg Charters estavam viajando pelas Bahamas à procura de músicos para gravar quando se depararam com Joseph Spence tocando música tão rica que assumiram à distância que estavam ouvindo dois músicos. "Ele muitas vezes parecia estar improvisando no baixo, nas cordas do meio e nos agudos ao mesmo tempo", observou Sam nas notas de encarte para *Joseph Spence: The Complete Folkways Recordings 1958*. O dedilhar afiado de Spence em uma ampla gama de músicas, do blues ao espirituais, ao calypso, teria uma enorme influência no movimento folk e além. O Grateful Dead transformou o destaque de Spence "We Bid You Goodnight" em uma música para fechar o set ao vivo, e o clássico Pet Sounds dos Beach Boys "Sloop John B" está em dívida com a versão da música de Spence.

MELHORES CANÇÕES:  
"BROWNSKIN GIRL", "JUMP IN THE LINE"

222

## Molly Tuttle

Mesmo antes de começar a varrer as cerimônias de premiação, a inovadora de bluegrass, Molly Tuttle, moradora de Nashville, e sua banda Golden Highway, estavam escrevendo seu nome na história da música. Seu flatpicking — técnica de tocar as cordas do instrumento com uma palheta entre o polegar e um ou dois dedos — acústico, influenciado por todos, de Tony Rice a Joni Mitchell e Clarence White, está enraizado, mas não vinculado à tradição. No início deste ano, ela se tornou a primeira artista de bluegrass a marcar uma indicação ao Grammy de Melhor Novo Artista — um sinal da evolução contínua do som, na qual Tuttle desempenhou um grande papel. "Nossa geração de músicos de bluegrass está realmente indo em algumas novas direções", disse Tuttle à *Rolling Stone* em janeiro. "Eu me sinto sortuda por fazer parte dessa cena que está quebrando barreiras."

MELHORES CANÇÕES:  
"TAKE THE JOURNEY", "EL DORADO"

221

## James Blood Ulmer

Primeiro tocando soul jazz, depois como ícone do free jazz Ornette Coleman, James Blood Ulmer esmagou gerações de blues, funk e guitarra de jazz em folhas brilhantes, riffs e solos nervosos. Em álbuns como *Tales of Captain Black* e *Odyssey*, seu tom ardente se provou uma enorme influência na cena experimental dos anos 1970 e 1980 no centro de Nova York, tocando a todos, desde Vernon Reid (que produziu os excelentes discos de blues dos anos 2000 de Ulmer) até bandas no-wave como DNA e Mars. Como o próprio Reid disse, "James Blood Ulmer está totalmente consciente, teoricamente e idiomáticamente — ele simplesmente nunca foi limitado por essas preocupações. Ele é uma rocha. Ele mesmo não se desculpa. Ele é o blues. Em si. Não são suas regras."

MELHORES CANÇÕES:  
"THEME FROM CAPTAIN BLACK", "TIMELESS"



220

## Courtney Barnett

A capacidade da cantora e compositora Courtney Barnett de mudar entre o dedilhar intrincado e melódico para solos frenéticos e inspirados no rock de garagem torna sua narrativa inteligente ainda mais dinâmica. “Parece que você está dirigindo pela estrada e está ensolarado”, disse Barnett à *Rolling Stone* em 2021 sobre “Write a List of Things to Look Forward To” de seu álbum de 2021, *Things Take Time, Take Time*. Essa é uma síntese precisa da maneira como a guitarra de dela acompanha as músicas elevadas que ela escreve. Em *Lotta Sea Lice*, em colaboração com Kurt Vile, a química entre os dois músicos é deslumbrante, à medida que suas guitarras e vocais se entrelaçam espontânea e perfeitamente.

MELHORES CANÇÕES: “TURNING GREEN”, “OVER EVERYTHING”, “PEDESTRIAN AT BEST”

219

## Glenn Tipton e K.K. Downing

Depois de ver o que Black Sabbath, Led Zeppelin e Deep Purple poderiam fazer com um único guitarrista, Judas Priest redefiniu “pesado” em meados dos anos 1970 com dois: K.K. Downing e Glenn Tipton. Em vez de se dividirem em funções de ritmo e guitarra principal, como os Rolling Stones e os Kinks fizeram, Tipton e Downing dobraram os riffs, se revezaram com solos de corte e abraçaram as lideranças de harmonia nas músicas de motociclismo da banda. O dar e receber mútuo deles definiu o modelo para Iron Maiden, Metallica, Slayer e todas as grandes bandas de duas guitarras que se seguiram. Como disse Kerry King, do Slayer, “Você quase sempre pode dizer que, se é Tipton, é super gostoso. Se é K.K., é um tipo de vibração mais nervosa, quase punk, que é uma ótima mistura.”

MELHORES CANÇÕES: “VICTIM OF CHANGES”, “BREAKING THE LAW”, “THE HELLION/ELECTRIC EYE”

218

## Lzzy Hale

Só por sua voz de dínamo, Lzzy Hale é uma deusa do hard rock. Mas ela também é uma guitarrista feroz, com um estilo agressivamente rítmico que complementa o guitarrista principal de Halestorm, Joe Hottinger. Hale também pode destruir — confira a maneira como ela imita a melodia vocal de “I Miss the Misery” na guitarra — e é tão influente no rock do século XXI que Gibson a escolheu como sua primeira embaixadora feminina da marca. A empresa até projetou um modelo de assinatura Hale de seu Explorer, que ela usa no palco e presenteia seus colegas, de Demi Lovato a Daniela Villarreal do Warning. “O pessoal da Gibson continua me dizendo que o grupo demográfico que compra mais guitarras elétricas agora é do sexo feminino”, disse Hale à *Rolling Stone*. “A onda está chegando, quer alguém goste ou não.”

MELHORES CANÇÕES: “I MISS THE MISERY”, “THE STEEPLE”

217

## Thomas McClary

Como um dos primeiros alunos negros a integrar as escolas públicas da Flórida, Eustis, nascido na Flórida, Thomas McClary, cujo primeiro instrumento foi o ukulele, tinha experiência em criar seu próprio caminho. Ele foi para a faculdade no Instituto Tuskegee no Alabama, onde formou o Commodores com o cantor Lionel Richie. O grupo fundiu funk, soul, gospel e country de uma maneira que atraiu os ouvintes negros e brancos, e a mistura de glamour e coragem de McClary em músicas como “Easy” ajudou a moldar o som do crossover dos anos 1980. “Eu ouvia Santana, Jimi Hendrix, Albert King, James Taylor e Crosby, Stills, Nash e Young”, lembrou mais tarde. “Eu pensei que seria muito bom unir esses caras para ter um som realmente atrevido, cru e autêntico que poderia ser atraente para todos.”

MELHORES CANÇÕES: “EASY”, “BRICK HOUSE”

216

## Steve Hackett

Genesis era uma banda de art-rock em grande parte desconhecida antes que o guitarrista Steve Hackett fosse contratado em 1971, substituindo o membro fundador Anthony Phillips. Hackett causou um impacto imediato quando apresentou sua técnica de toque de duas mãos, que eles capturaram no *Nursery Crime* de 1971, anos antes de Eddie Van Halen apresentá-la a um público maior. Alguns anos depois, ele colocou um solo de guitarra épico e crescente em sua obra-prima “Firth of Fifth”, uma das mais belas peças musicais que já apareceram em um álbum de prog-rock. Ele deixou o grupo em 1977 para seguir uma carreira solo que continua até hoje. “Estou muito feliz por ter libertado guitarristas para tocar solos deslumbrantes”, disse Hackett, “e inventar coisas que só seriam sonhadas de uma só vez.”

MELHORES CANÇÕES: “HORIZONS”, “FIRTH OF FIFTH”

215

## Kurt Vile

Kurt Vile pode parecer um cara preguiçoso e relaxado, mas ele é um guitarrista sério — e seu estilo, que combina zumbidos e solos intrincados e melódicos, está enraizado em parte em receber um banjo de seus pais quando adolescente depois que ele pediu uma guitarra. “Os banjos têm uma afinação aberta, e eles têm aquela corda alta de zumbido”, disse o garoto da Filadélfia ao *guitar.com* em 2018. “Não é como se você sequer pensasse nisso quando está brincando quando criança, mas eu realmente gostei daquele zumbido etéreo.” Ao longo de sua carreira, ele incorporou influências de todo o mapa da música, sintetizando-as em seu estilo de cabeceira que é gentilmente, sutilmente virtuoso.

MELHORES CANÇÕES: “PRETTY PIMPIN”, “WAKIN ON A PRETTY DAY”



214

## Keiji Haino



As performances de solo livre do músico japonês Keiji Haino são exercícios barulhentos em catarse, onde não está claro se ele está tocando ou realmente realizando um exorcismo em sua guitarra, e em ambientes de conjunto como o grupo do final dos anos 1990, Ahiyo, cuja estreia autointitulada é lindamente irregular e profundamente emotiva. Ele acalma com acordes suaves e cintilantes em um momento e destroça os tímpanos de seus ouvintes com rajadas de fuzz no próximo. “As pessoas praticam muito porque querem que as pessoas as vejam”, disse ele à *Vice Japan*. “E então eles dizem que é improvisação. Isso me deixa louco.”

MELHORES CANÇÕES: “A SHREDDED COILED CABLE WITHIN THIS CABLE SINCERITY COULD NOT BE CONTAINED”, “WHY IN THE COURTESY OF THE PREY ALWAYS CONFUSED WITH THE COURTESY OF THE HUNTERS PT. 1”

213

## Lucy Dacus

Para Lucy Dacus, a guitarra é um instrumento tão essencial quanto sua voz, mesmo que seu jeito de tocar não tenha tanta atenção quanto seu vocal penetrante. Desde sua parte de ritmo pulsante no destaque de 2016 “I Don’t Wanna Be Funny Anymore” até suas contribuições no supergrupo boygenius, os arranjos de Dacus são uma parte subestimada, mas fundamental, de seus dons. As apresentações ao vivo do favorito dos fãs de 2018, “Night Shift”, começam silenciosamente, com Dacus dedilhando sozinha. Seu guitarrista de longa data, Jacob Blizard, traz o ruído distorcido à medida que a música continua, mas ela fica ao lado dele através de cada um dos movimentos da música. No momento em que tudo se encaminha para um encerramento catártico, Dacus declara um adeus final a um velho amante, e está claro que ela está falando sério.

MELHORES CANÇÕES: “NIGHT SHIFT”, “I DON’T WANNA BE FUNNY ANYMORE”

212

## José Feliciano

Pensar em José Feliciano apenas como o cara que canta “Feliz Navidad” durante a temporada de festas seria espetacularmente injusto. Nascido cego, Feliciano se tornou um virtuoso da guitarra acústica na adolescência. Alternadamente lírica e feroz, sua reprodução está imbuída nos boleros e canções folclóricas de sua herança porto-riquenha. Seu mosaico irregular de estilos — rock, jazz, soul, bossa nova — mudou o som do pop rock mainstream nos anos 1960. A reinvenção radical de Feliciano em 1968 do “California Dreamin’” do The Mamas & the Papas, o fez vocalizar em espanhol como um cantor de salsa, e as pirotecnias de guitarra de seu “Light My Fire” levaram o clássico do The Doors para um território mais escuro e cinematográfico.

MELHORES CANÇÕES: “LIGHT MY FIRE”, “HERE, THERE AND EVERYWHERE”

211

## Nick Zinner

Quando o trio de rock de garagem de Nova York, Yeah Yeah Yeahs, se formou em 2000, seu objetivo era criar algo punk e trash. O estilo de Nick Zinner é tudo isso e muito mais, fundindo o dance-punk do ESG, o brio de Van Halen, a violência de Rowland S. Howard e a grandeza de Johnny Marr em seus riffs cativantes e brilhantes. O trabalho de guitarra de Zinner é minimalista, mas mantém uma emoção imensurável, desde o anseio de “Maps” até a tensão monstruosa de “Heads Will Roll”.

MELHORES CANÇÕES: “Y CONTROL”, “MAPS”, “GOLD LION”





**210**

## Kaki King

Um aventureiro sônico incansável, Kaki King adota uma abordagem “Preston Reed encontra John Cage” para o violão, experimentando afinações alternativas, instrumentos “tratados” e loops eletrônicos enquanto utiliza técnicas de toque com o dedo, duas mãos. “Eu vou pensar: ‘Vamos ver o que acontece se eu baixar esta corda aqui e levantar essa lá’”, disse ela à *Premier Guitar* em 2011. “Quando você afina seu violão de forma diferente, de repente seus dedos e sua mente têm que ser criativos novamente porque você não está confiando em formas e lugares que soam bem ou se soam familiares. Você tem que explorar a escala para encontrar novos dedilhados e sons, e isso leva a novas descobertas.”

MELHORES CANÇÕES: “PLAYING WITH PINK NOISE”, “SKIMMING THE FRACTURED SURFACE TO A PLACE OF ENDLESS LIGHT”

**209**

## Gary Clark Jr.

Inicialmente classificado como herdeiro da coroa de Jimi Hendrix ou Stevie Ray Vaughan, o guitarrista de blues vencedor do Grammy, Gary Clark Jr., demonstrou consistentemente um alcance muito mais amplo em seu jeito de tocar, incorporando elementos de soul, funk, grunge e hip-hop em seus discos e colaborando com artistas como Foo Fighters, Alicia Keys, Tech N9ne e Bun B. “Eu não acho que estou atingindo todo o meu potencial se eu fizer o que as pessoas esperam de mim”, disse à *Rolling Stone* em 2014. “Eu adoro brincar, e adoro experimentar, e há muito mais caminhos para explorar. Não sei se quero ficar muito longe do caminho — não quero me perder na floresta — mas gosto de passear um pouco e me aventurar.”

MELHORES CANÇÕES: “THIS LAND”, “GRINDER”

**208**

## Amadou Bagayoko

O casal malianês Amadou Bagayoko e Mariam Doumbia, que se conheceu em um instituto para cegos em 1977, fez uma grande apresentação e gravação quando seus duetos brilhantemente melódicos, liderados ritmicamente pelas notas alegres de Amadou, cruzaram para o circuito do festival de rock. Faz sentido, no entanto: “As pessoas muitas

vezes ficam surpresas quando explicamos o quanto fomos influenciados pela música pop ocidental”, disse Amadou Bagayoko uma vez a um entrevistador com uma risada. “Eu cresci ouvindo discos de Rod Stewart, Led Zeppelin, James Brown, Crosby, Stills e Nash, Eric Clapton, Jeff Beck, Pink Floyd, Stevie Wonder... Isso porque eles eram os únicos discos que tínhamos no Mali!”

MELHORES CANÇÕES: “DJANFA”, “CE N'EST PAS BON”

**207**

## Justin Broadrick

Justin Broadrick criou seu próprio léxico de guitarra entre os trituradores de metal industrial Godflesh, os pioneiros do grindcore Napalm Death e a banda psicodélica de pós-metal Jesu (entre inúmeros outros projetos). Seus riffs elásticos e texturas esponjosas em Godflesh trazem uma humanidade rara aos ritmos mecânicos da banda. No Napalm

Death, ele ajudou a ser pioneiro no som do grindcore (death metal hiper-rápido) aumentando sua distorção tão alto que você sente o pulso mais do que as notas em músicas como “Instinct of Survival”. E no Jesu, seu disfarce psicodélico pós-metal, ele colocou miasmas de ruído em camadas até que eles criaram um belo mundo de sombras no qual sua voz ecoou. Em tudo o que ele faz, sua guitarra suspira, geme e chora, mas nada mais soa assim.

MELHORES CANÇÕES: “LIKE RATS”, “SILVER”, “SCUM”



206

## Hugh McCracken

O guitarrista da Costa Leste, Hugh McCracken, nunca foi um solista exibido, mas deixou sua marca de bom gosto em inúmeros clássicos. Essa é sua liderança penetrante em "Hey Nineteen" de Steely Dan, sua abertura de sprint em "Brown Eyed Girl" de Van Morrison e sua acústica sedosa em "Killing Me Softly With His Song" de Roberta Flack. De uma maneira discreta, mas vital, ele também enriqueceu "50 Ways to Leave Your Lover" de Paul Simon, "If I Ain't Got You" de Alicia Keys e "I'm Losing You" de John Lennon e Yoko Ono. McCracken estava tão ocupado e tão satisfeito com o trabalho de estúdio, que recusou a oferta de Paul McCartney de se juntar ao Wings depois de tocar no Ram.

MELHORES CANÇÕES: "HEY NINETEEN",  
"KILLING ME SOFTLY WITH HIS SONG"

205

## Eric Johnson

Um técnico estabelecido, Eric Johnson, nascido em Austin, é o tipo de músico cujas habilidades são mais apreciadas por seus pares do que pelo público em geral. "Eric é tão bom que é ridículo", elogiou Steve Morse, enquanto Stevie Ray Vaughan o considerou "um dos meus guitarristas favoritos". "Droga, aquele cara pode tocar!" foi a avaliação de Billy Gibbons. Um estilista de fusão cuja abordagem era mais rock do que jazz, ele era uma estrela em ascensão na cena de Austin de meados dos anos setenta, mas perdeu o ímpeto da carreira depois de ser afastado em uma disputa contratual. Embora seu álbum instrumental de 1990 *Ah Via Musicom* eventualmente tenha sido platina, ele é conhecido principalmente por colaborações centradas na guitarra, como *G3*, com Joe Satriani e Steve Vai, e *Eclectic*, com o guitarrista de Miles Davis, Mike Stern.

MELHORES CANÇÕES: "CLIFFS OF DOVER",  
"BENNY MAN'S BLUES"

204

## Lynn Taitt

Lynn Taitt nasceu em Trinidad, mas deixou sua marca na Jamaica, basicamente criando o som da guitarra da música rocksteady através de sua reprodução nas primeiras gravações nesse estilo, como "Take It Easy" de Hopeton Lewis e "Tougher Than Tough" de Derrick Morgan. Quando o rei da guitarra jamaicana, Ernest Ranglin, saiu para trabalhar na Inglaterra em 1964, Taitt se tornou o melhor homem da ilha. Seu trabalho em "007 (Shanty Town)" de Desmond Dekker é uma das guitarras mais reconhecidas da história da música jamaicana e, embora ele tenha sido ativo na cena por apenas alguns anos, partindo para o Canadá em 1968, sua influência e importância foram cimentadas quando seu aluno Hux Brown aperfeiçoou o estilo de tocar de Taitt para ajudar a criar o som da guitarra reggae.

MELHORES CANÇÕES:  
"007 (SHANTY TOWN)", "TAKE IT EASY"

203

## Grant Green

Grant Green saiu da cena do hard bop para se tornar um pioneiro do soul-jazz. Um fanático por Charlie Parker de St. Louis, ele fez sua estreia no Blue Note em 1960, e passou para uma corrida estelar de cinco anos, com os grooves impecavelmente legais de Idle Moments e The Complete Quartets With Sonny Clark. Ele explorou o jazz latino em seu *Matador* de 1964, com Elvin Jones e McCoy Tyner. Green morreu em 1979, apenas 43, enquanto estava em Nova York para um show no Breezin' Lounge de George Benson. Mas sua influência ainda prospera, especialmente no hip-hop. Sua música foi sampleada em clássicos do rap como *The Low End Theory* de A Tribe Called Quest e *A Good Kid, m.A.A.d City*, de Kendrick Lamar.

MELHORES CANÇÕES: "IDLE MOMENTS",  
"JEAN DE FLEUR", "ON GREEN DOLPHIN STREET"

202

## Vince Gill

É quase injusto — como um vocalista puro, Vince Gill é justamente celebrado como um dos grandes nomes de todos os tempos da música country. Mas o que é mais, o homem é letal com uma Fender elétrica em suas mãos. Em singles como "Liza Jane" de 1991, Gill prestou homenagem aos deuses da guitarra country da Califórnia, como Don Rich e Roy Nichols, em Bakersfield, de 2013. Além disso, Gill trouxe sua guitarra para sessões para inúmeros outros álbuns de artistas — como Miranda Lambert, Emmylou Harris, Patty Loveless, Kenny Chesney, Dolly Parton e Don Henley. Falando em Henley, Gill tem sido um membro em turnê dos Eagles desde a morte de Glenn Frey em 2017, fazendo o duplo dever como vocalista de harmonia e extraordinário lançador de guitarra.

MELHORES CANÇÕES:  
"LIZA JANE", "OKLAHOMA BORDERLINE"

201

## Garry Shider

Quando perguntado por que ele se apresentou no palco usando pouco mais do que uma fralda grande, o guitarrista do Parliament/Funkadelic, Garry Shider, respondeu: "Deus ama bebês e tolos. Eu sou os dois." Embora originalmente celebrado por colocar o psicodélico no Funkadelic através de leads abrasadores com distorção em jams como "Cosmic Slop", Shider também era um mestre como guitarrista rítmico, como evidenciado por seu toque insistentemente funky em "One Nation Under a Groove" e "Atomic Dog" (ambos os quais ele co-escreveu). Além de tocar "Diaper Man" no Parliament/Funkadelic, ele foi chamado de "Starchild" no Bootsy's Rubber Band, e atuou como diretor musical do P-Funk All Stars, enquanto sua carreira pós-P-Funk incluiu colaborações com Paul Schaffer e os Black Crowes.

MELHORES CANÇÕES: "COSMIC SLOP",  
"ONE NATION UNDER A GROOVE"



200

## Christone 'Kingfish' Ingram

Christone "Kingfish" Ingram cresceu em Clarksdale, Mississippi, bem perto da encruzilhada de Robert Johnson, e se descreve como uma "alma velha" — o que pode ser um eufemismo. Aos 24 anos, ele parece ter absorvido todo o cânone de guitarras do blues e além, graças a influências que também incluem Prince. Mas seu jeito de tocar mostra não apenas uma fluência surpreendente, integrando perfeitamente um século inteiro de notas, mas também um frescor que pode fazer parecer que você está ouvindo um solo de blues ardente pela primeira vez. Ele é um raro herói de guitarra do século XXI e, indiscutivelmente, o futuro do blues.

MELHORES CANÇÕES: "MIDNIGHT HEAT" (LIVE), "OUTSIDE OF THIS TOWN"

199

## Bombino

Omar Moctar, mais conhecido como Bombino, é um músico tuaregue do Níger especializada no que muitos chamaram de "blues do deserto", uma classificação que inclui outros artistas do Saara como Tiniwaren e Songhoy Blues. Influenciado por Jimi Hendrix e Mark Knopfler, a reprodução de Bombino exibe aspectos de ambos, desde progressões de estilo de dedos a solos explosivos e psicodélicos que permanecem enraizados nas melodias e ritmos do norte da África. A música de Bombino também tem uma mensagem política — ele faz parte de um povo nômade que foi marginalizado e pego em um ciclo brutal de violência e rebelião. A própria forma de rebelião de Bombino tem sido deixar sua guitarra ser a arma. "Eu nunca vi a necessidade de pegar em armas para a causa rebelde", disse ele. "Eu sempre acreditei que havia um caminho através da música."

MELHORES CANÇÕES: "AZAMANE TILIADÉ", "TENERE (THE DESERT, MY HOME)"

198

## Jerry Reed

Uma sensação adolescente rockabilly que passou um tempo em um orfanato quando criança, Jerry Reed atuou inicialmente como compositor — Gene Vincent fez um cover de sua canção "Crazy Legs" quando Reed tinha 20 anos. Ele então passou a ser também como músico, com seu som colorido para todos os lados, desde Waylon Jennings até Joan Baez. Mas foi o sucesso de 1967 "Guitar Man" (em breve cover de Elvis Presley) que codificou sua identidade: o solo elegante e corajoso quase se torna um funk, cajun e soul, um estilo que ele refinaria ao longo dos anos em músicas como "Amos Moses" e um que ilustrou perfeitamente a letra da música sobre um músico itinerante com uma vibração única.

MELHORES CANÇÕES: "GUITAR MAN", "AMOS MOSES"

197

## Nuno Bettencourt

Um pirotécnico com conhecimento inato de como encaixar riffs complexos na melodia, Nuno Bettencourt fez seu nome como guitarrista da banda de funk-metal Extreme. Seus solos fluidos e virtuosos em músicas como o ousado "Get the Funk Out" e a balada "More Than Words" fizeram dele uma folha formidável para o vocalista teatral da banda, Gary Cherone. Seu conhecimento inato do que faz uma música pop funcionar o levou a ser aproveitado por artistas como Janet Jackson e Robert Palmer nos anos 1990, e em 2009 ele começou a trabalhar com Rihanna, um relacionamento que lhe permitiu mostrar sua diversidade estilística e aparecer no palco no show do intervalo do Super Bowl.

MELHORES CANÇÕES: "MIDNIGHT EXPRESS", "KISS IT BETTER"

196

## James Taylor

James Taylor evoluiu os sons do renascimento folk dos anos 1960 em algo elegante o suficiente para os anos 1970, e uma parte fundamental dessa evolução foi seu estilo singular de violão — o acompanhamento constantemente em movimento que você ouve em uma música como "Country Road" é tão reconhecível quanto sua voz. O dedilhar folk geralmente usa seus polegares para tocar padrões de baixo rítmico nas cordas inferiores do instrumento, mas Taylor se libertou dos padrões em favor de uma abordagem mais livre e próxima do piano. Ao mesmo tempo, ele se baseou em hinos, músicas de shows e jazz para seus acordes sofisticados e vozes únicas.

MELHORES CANÇÕES: "SOMETHING IN THE WAY SHE MOVES", "FIRE AND RAIN"



FOTOS: XAVI TORRENT/GETTY IMAGES, JESSE GRANT/GETTY IMAGES FOR NAMM



195

## Greg Ginn

**H**enry Rollins é o membro mais famoso do elenco de Black Flag, mas o fundador, coração e alma da lendária equipe de L.A.punk é Greg Ginn, cuja combinação irregular de blues-rock psicodélico, abstração de jazz e velocidade definidora de hardcore redefiniu a guitarra rock para as gerações que vieram depois dele. Através de sua guitarra Plexiglas Dan Armstrong, Ginn combinou o lodo do Black Sabbath e o espaço do Grateful Dead para criar solos malucos que poderiam ir a qualquer lugar, enquanto seu ritmo frenético alimentava os excessos suados e violentos da banda. Como o próprio Rollins disse, "Black Flag tinha pelo menos um ingrediente do qual eles só fizeram um e esse é Ginn; esse é o grande negócio com essa banda."

MELHORES CANÇÕES:  
"DAMAGED II", "REVENGE"

194

## Brian Robertson e Scott Gorham

**O** segredo para o hard rock dos anos 1970 de Thin Lizzy foi a composição do cantor-baixista Phil Lynott, que combinou o rock inicial, o folk celta e o Motown em um estilo único que era gutural. Mas Thin Lizzy realmente voou quando Brian Robertson e Scott Gorham se juntaram em 1974, criando um ataque telepaticamente trancado e de guitarra dupla que influenciou uma geração de artistas, de Judas Priest e Iron Maiden a Metallica. Dado o quanto o metal mais pesado se tornou, pode ser difícil para os ouvidos contemporâneos ouvir como músicas difíceis como "Jailbreak" ou "Bad Reputation" soavam na época, então confira a crise extra de suas faixas de sessões da BBC, que foram incluídas em várias reedições ao longo dos anos.

MELHORES CANÇÕES:  
"THE BOYS ARE BACK IN TOWN", "EMERALD"

193

## David Lindley

**A**poiar um trovador não pode ser fácil para um guitarrista principal, que tem que fornecer um acompanhamento compatível sem nunca distrair o público do cantor e da música. David Lindley, o mágico de instrumentos de cordas que estava de plantão durante o auge do rock SoCal, conseguiu fazer isso enquanto ainda tornava sua presença conhecida. Basta ouvir sua guitarra slide em "Running on Empty" e "Red Neck Friend" de Jackson Browne, sua liderança ondulante em "Fountain of Sorrow" de Browne, ou seu terno solo de chave na versão de Dolly Parton, Linda Ronstadt e Emmylou Harris de "To Know Him Is to Love Him". Como ouvido em sua versão ruidosa de "Mercury Blues", ele também podia fazer isso em suas próprias gravações.

MELHORES CANÇÕES: "RED NECK FRIEND" (JACKSON BROWNE), "MERCURY BLUES"

191

## Chalmers Edward 'Spanky' Alford

**U**m riff mudou o curso do R&B da virada do século. Quando Chalmers Edward "Spanky" Alford trouxe o grito de ânsia de sua guitarra para o hit dos anos 2000 "Untitled (How Does It Feel)" de D'Angelo, isso ajudou a mover o pop negro da alma de hip-hop baseada em batida para a neo-soul rica em instrumentos. Alford, que também tocou em jams lentos como "Ask of You" de Raphael Saadiq, "Kissing You" de Total e "I Found My Everything" de Mary J. Blige, começou no mundo evangélico, trabalhando com a East St. Louis Gospellettes e as Mighty Clouds of Joy. Seu trabalho mostra como o gospel ainda é musicalmente relevante para novas gerações do soul. Alford morreu de complicações da diabetes em 2008 aos 52 anos.

MELHORES CANÇÕES: "UNTITLED (HOW DOES IT FEEL)", "ASK OF YOU", "KISSING YOU"

192

## Lita Ford



**"E**u estava bastante alheia ao fato de que não tinha um pênis entre as pernas", disse Lita Ford à *Rolling Stone*. "Tudo o que eu sabia era que eu tinha dedos e o desejo de fazer rock & roll." Ford estava entre os solistas tecnicamente mais talentosos no hair metal dos anos 1980, com um tom rico que ela poderia apresentar em seus hinos, como "Kiss Me Deadly", de 1988. Quando adolescente, Ford saiu com deuses da guitarra com o dobro de sua idade na Sunset Strip, como Ritchie Blackmore, que a transformou em uma pica-reta em forma de placa para alcançar os solos pelos quais ela se tornou conhecida. Seu outro ídolo, Tony Iommi, a pediu em casamento quando ela ainda era a guitarrista principal dos Runaways. Apesar das alegações de abuso pela lenda do Sabbath, foi em última análise Ford quem ensinou Iommi a tocar seus próprios riffs quando ele saiu do vício em drogas.

MELHORES CANÇÕES: "BLACK WIDOW", "LISA", "HELLBOUND TRAIN"



189

## Jerry Cantrell

**J**erry Cantrell foi criado ouvindo rock clássico, country e heavy metal e de alguma forma misturou esses estilos em um estilo de guitarra excepcionalmente devastador que alterna entre riffs e cortes. Ele toca o riff de caixa de para "Man the Box" de Alice in Chains com força pesada e projetou o riff de crânio, 7/8 em "Them Bones", que abre a obra-prima da banda Dirt. Ele manteve esse ritmo ao longo de sua carreira, tocando riffs ruidosos em seu solo "Psychotic Break" e "Check My Brain" de Alice in Chains. Mesmo quando ele se ilumina, como no acústico "No Excuses", ele ainda toca de uma maneira que adiciona nuvens para cada forro de prata. Ele é um mestre do mal-humorado, o Senhor das Trevas do Grunge.

MELHORES CANÇÕES: "MAN IN THE BOX", "WE DIE YOUNG", "NO EXCUSES"



187

## Marc Ribot



**M**arc Ribot era um guitarrista que poderia aceitar um pedido musical de Tom Waits e entregar algo bem torneado. "Lembro de uma instrução verbal ser 'Toque como o bar mitzvah de um anão'", Ribot recorda sobre as sessões de *Rain Dogs*. Marc Ribot y Los Cubanitos Postizos ainda cultiva um ritmo noturno, especialmente em sua estreia em 1998, *The Prosthetic Cubans*, onde o líder ferve e grita através do potente cancionero do líder da banda de rumba, Arsenio Rodriguez.

MELHORES CANÇÕES: "JOCKEY FULL OF BOURBON", "AURORA EN PEKIN"

190

## Lightnin' Hopkins

**S**amuel John Hopkins era um ex-presidiário de 32 anos antes de adotar o "Lightnin'" e começar uma carreira que o faria se tornar um artista reverenciado do blues. Um mestre cujos riffs poderiam embaralhar ou fazer dançar. Ele criou grande parte do blues que ainda forma o gênero. Hopkins se beneficiou do renascimento do blues em 1960, mas uma das introduções faladas em *Free Form Patterns* de 1968 mostra o quão difícil seu caminho tinha sido. "Fui maltratado. Fui pisado, andei, chutei, peguei e coloquei na cadeia. Senhor, tenha piedade."

MELHORES CANÇÕES: "LITTLE WAIL", "WHAT'D I SAY", "LITTLE SISTER'S BOOGIE"

188

## Marnie Stern

**M**arnie Stern virou a cabeça nos anos 2000 com sua abordagem hiperviolenta à técnica de tocar com o dedo, como uma versão indie de Eddie Van Halen. Ela se inspirou em bandas como Sleater-Kinney e Don Callabero, com seu próprio senso de bombardeio como metáfora para sobrecarga emocional. Como ela disse, "A ideia de potencial e possibilidade é a única coisa que me leva a continuar com a música." Stern passou anos tocando na banda da casa para *Late Night With Seth Meyers*, mas ela fez um forte retorno com seu novo álbum, *The Comeback Kid*.

MELHORES CANÇÕES: "VIBRATIONAL MATCH", "FEMALE GUITAR PLAYERS ARE THE NEW BLACK"

186

## Steve Lukather

**N**enhum guitarrista resumiu o som dos anos 1980 de Los Angeles como Steve Lukather. Membro fundador da Toto, ele foi um dos guitarristas mais procurados da cidade, graças tanto à sua técnica impecável quanto à agilidade estilística que o encontrou igualmente em casa com batidas e gritos. Ele tocou em três anos consecutivos de indicados ao Grammy Album do Ano: *The Dude*, de Quincy Jones, em 1982, *Toto IV*, em 1983, e *Thriller*, de Michael Jackson, em 1984. "Estava acontecendo muito naquela época", disse ele. "A última grande era da cena do 'cara da sessão'."

MELHORES CANÇÕES: "HOLD THE LINE", "RAZAMATAZZ"



185

## Peggy Jones

**P**eggy Jones é conhecida como a “Rainha Mãe da Guitarra”. A musicista nascida no Harlem gravou e se apresentou com Bo Diddley no início de sua carreira, ganhando outro apelido, “Lady Bo”. Também treinada em ópera e dança, Jones trouxe o ouvido técnico para seu blues tocando, como ouvido na faixa “Aztec”, instrumental complexo que Jones escreveu e se apresentou, apesar da música ser creditada a Diddley em versões gravadas. O tipo de experimentação jazzista e de vanguarda ouvida em “Aztec” fez o trabalho solo de Jones com sua banda The Jewels, com quem ela também tocou um sintetizador de guitarra Roland, uma das muitas maneiras pelas quais ela provou estar à frente de seu tempo.

MELHORES CANÇÕES: “AZTEC”, “WIGGLE WOBBLE”, “I’M FOREVER BLOWING BUBBLES”

184

## Eldon Shamblin

**E**ldon Shamblin foi um pioneiro, trazendo a guitarra elétrica para frente e para o centro na década de 1930 com Bob Wills e seus Texas Playboys. Ele ajudou a criar o estilo conhecido como Western Swing. Um músico de jazz de Oklahoma, ele se juntou a Wills em 1937, organizando e trazendo seus amplos gostos; como ele disse à *Rolling Stone*, “Nós ouvimos tudo”. Ele serviu quatro anos na Segunda Guerra Mundial, depois voltou para os Playboys. Sua influência se espalha por toda parte — Chuck Berry escreveu “Maybellene” como uma tentativa de imitar a guitarra rítmica de Shamblin no clássico de 1938 “Ida Red”. Mais tarde, ele tocou com fãs como Merle Haggard e Asleep at the Wheel, entoando em sua famosa Stratocaster de ouro de 1954.

MELHORES CANÇÕES: “IDA RED”, “AT THE WOODCHOPPER’S BALL”, “TWIN GUITAR SPECIAL”

183

## Roy Buchanan

**P**oucos guitarristas poderiam se gabar de mentorar Robbie Robertson da banda e recusar uma oferta de emprego dos Rolling Stones Roy Buchanan, fez os dois. Buchanan, nascido em 1939, se apresentou como músico de apoio em várias gravações e era bem conhecido em Washington, D.C., mas parecia destinado a permanecer uma lenda local até que um documentário da PBS de 1971, *Introducing Roy Buchanan*, chamou a atenção das principais gravadoras. A técnica impecável, o blues sutil e a capacidade de aproveitar todas as possibilidades expressivas do Telecaster lhe rendeu elogios de guitarristas como Jeff Beck e Jerry Garcia, mas Buchanan nunca alcançou o status de superestrela.

MELHORES CANÇÕES: “THE MESSIAH WILL COME AGAIN” “FURTHER ON UP THE ROAD”

181

## Larissa Strickland

**L**arissa Strickland (nascida Larissa Stolarchuk) foi uma das grandes guitarristas do estilo punk underground americano. Começando com a pouco conhecida banda punk de Detroit L-Seven, Stolarchuk entrou para a Laughing Hyenas do final dos anos 1980/início dos anos 1990, onde seus agudos com pegada de blues e estremeceadores cortaram o grito infernal do cantor John Brannon. Disse Thurston Moore, do Sonic Youth: “Lembro-me de Lee [Ronaldo] vindo nos bastidores e dizendo ‘Sim, Larissa é o verdadeiro negócio.’ ... Todos na cena sabiam que Larissa Strickland era a melhor.” Depois de uma luta de décadas com problemas de vício, Stolarchuk morreu em 2006 aos 46 anos.

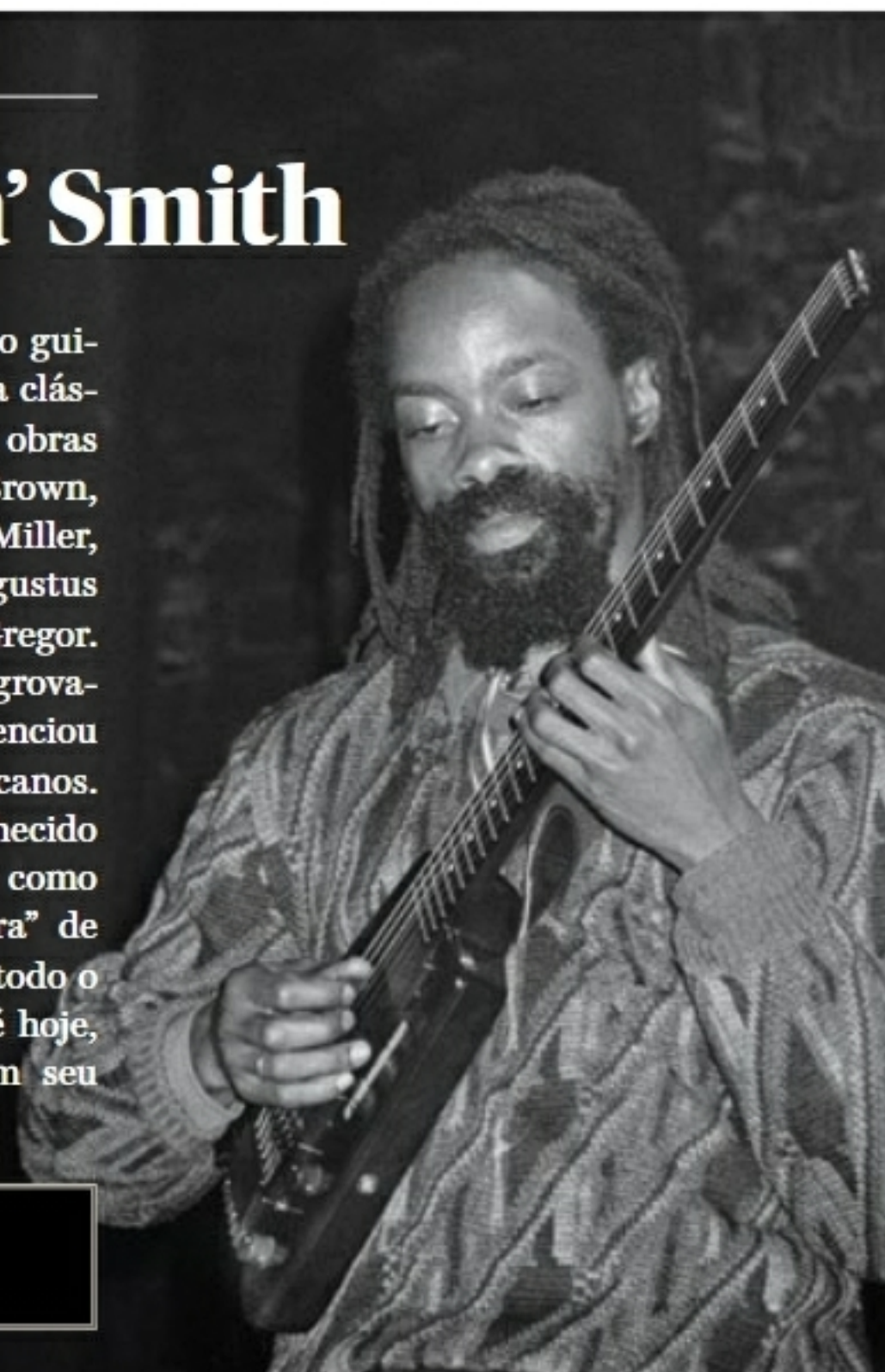
MELHORES CANÇÕES: “YOU JUST CAN’T WIN”, “EVERYTHING I WANT”

182

## Earl ‘Chinna’ Smith

**E**arl “Chinna” Smith é talvez o guitarrista mais gravado da era clássica do reggae, tocando em obras seminais de Bob Marley, Dennis Brown, Bunny Wailer, Sugar Minott, Jacob Miller, Black Uhuru, Mighty Diamonds, Augustus Pablo, Gregory Isaacs, Freddie McGregor. Como membro do Bunny Lee’s Aggroators e do Soul Syndicate, Smith influenciou uma geração de guitarristas jamaicanos. Além do ritmo, ele também era conhecido por criar introduções para músicas como “Rat Race” de Marley e “Cassandra” de Dennis Brown — antes disso quase todo o reggae foi iniciado com bateria. Até hoje, Smith recebe músicos de longe em seu quintal na Jamaica tocar com ele.

MELHORES CANÇÕES: “CASSANDRA”, “RAT RACE”





180

## Mike Campbell

O principal guitarrista de Tom Petty por mais de 40 anos, Mike Campbell nunca sobrecarregava uma música com notas. “É um desafio fazer sua declaração em um curto espaço de tempo”, disse ele, “mas eu prefiro esse desafio em vez de apenas me estender”. Ouça o gancho esquelético que mantém “Breakdown” juntos ou o solo lacônico em “You Got Lucky” para ouvir o uso engenhoso do espaço negativo de Campbell. “Michael não é de se exibir”, disse Petty uma vez. “O que ele diz é essencial.”

MELHORES CANÇÕES: “BREAKDOWN”, “YOU GOT LUCKY”



## Ernest Ranglin

Sem Ernest Ranglin, sem reggae. Ele foi um arquiteto-chefe do ska jamaicano no início dos anos 1960, inventando o padrão rítmico de guitarra, abrindo caminho para o rocksteady e depois para o reggae. Tocou no primeiro sucesso internacional do ska, “My Boy Lollipop” Millie Small, e inventou o riff clássico em “54-46 Was My Number” dos Maytals. Além de tocar centenas de gravações clássicas de ska, rocksteady e reggae como músico de estúdio, Ranglin também se apresentou ao vivo como líder de seu próprio grupo há quase 60 anos, e ainda faz isso, mostrando suas habilidades sempre com toque de Jamaica.

MELHORES CANÇÕES: “MY BOY LOLLIPOP”, “54-46 WAS MY NUMBER”

178

## Skip James

Nascido em 1902 no Mississippi, Skip James mostrou um talento para música, mas passou seus vinte anos buscando atividades como jogos de azar e contrabando. As músicas que ele apresentou em uma sessão de Wisconsin em 1931 foram tão poderosas que faixas como “Devil Got My Woman” e “Hard Time Killin’ Floor Blues” se tornaram parte do cânone do country-blues. A incomum afinação e os vocais assustadoramente altos foram celebrados por aficionados por blues e emulados por outros artistas, mesmo que seu criador na obscuridade. O guitarrista do Fingerstyle, John Fahey, finalmente localizou James em 1964, atingido por câncer e doente em um hospital, e o persuadiu a tocar no Newport Folk Festival em 1966.

MELHORES CANÇÕES: “DEVIL GOT MY WOMAN”, “HARD TIME KILLIN’ FLOOR BLUES”

177

## Rodrigo y Gabriela

Quando os mexicanos Rodrigo Sánchez e Gabriela Quintero lançaram seu álbum de estreia em 2006, o som — instrumentais com sabor de flamenco com pinceladas de heavy metal — era tão diferente de qualquer outra coisa na música latina que parecia chocantemente ousado e repulsivo. Futuros clássicos de palco como “Tamacún” e “Diablo Rojo” se sentiram em casa ao lado de uma capa de “Stairway to Heaven”, depois se construiu um crescente frenesi flamenco. Cinco álbuns depois, a receita ainda parece fresca graças às habilidades virtuosas da dupla. Nos shows, eles dançam e pegam fogo como um incêndio florestal.

MELHORES CANÇÕES: “TAMACÚN”, “STAIRWAY TO HEAVEN”, “WEIRD FISHES/ARPEGGI”

176

## Sadie Dupuis



Ouça qualquer música do Speedy Ortiz, e em algum lugar entre todas as armadilhas líricas e sons complicados, você quase sempre encontrará uma parte irada de guitarra sendo tocada pela autoproclamada “frontdemon” da banda. “As expectativas têm sido historicamente baixas para as musicistas do sexo feminino, então eu quero ser realmente tecnicamente boa”, disse ela à RS em 2015. “Então eu sempre escrevo partes que são um alongamento para mim.” Ela continuou se esforçando dessa maneira, mesmo que sua visão tenha evoluído dos enigmas indie de seus primeiros lançamentos em direção a algo como pop. Se você os vir ao vivo, fique de olho em seu jeito inventivo de jogar — você pode se impressionar.

MELHORES CANÇÕES: “AMERICAN HORROR”, “TIGER TANK”, “RAISING THE SKATE”



175

## Rory Gallagher

“Parece um desperdício, para mim, trabalhar e trabalhar por anos”, disse Rory Gallagher à *Rolling Stone* em 1972, “e apenas se transformar em algum tipo de personalidade”. Em vez disso, o guitarrista irlandês, à época com apenas 23 anos, se tornou lendário por sua ética em turnê. Tocando um Strat desgastado, muitas vezes usando uma camisa de flanela, Gallagher eletrificou os estilos de Chicago e Delta com trabalho de slide escaldante e composição de músicas duras. Seus fãs incluíam The Edge e Bob Dylan, que inicialmente foi afastado nos bastidores em um show de 1978 porque Gallagher não o reconheceu.

MELHORES CANÇÕES: “BULLFROG BLUES”, “LAUNDROMAT”, “WALK ON HOT COALS”

174

## Marty Stuart

Com décadas de sucesso em Nashville — primeiro como ajudante da lenda do bluegrass Lester Flatt, depois com Johnny Cash e, finalmente, como artista solo de sucesso — Marty Stuart sempre teve um senso aberto das possibilidades da música de raízes, especialmente em álbuns recentes com inclinação cósmica, como em *West Out West* de 2017 com sua grande banda Fabulous Superlatives. É por isso que ele foi carinhosamente apelidado de “Historiador Psicodélico da Música Country”. “Há duas versões da tradição”, disse Stuart uma vez. “Pode prendê-lo ou inspirá-lo enquanto você leva o que quer que seja que esteja levando para o futuro.”

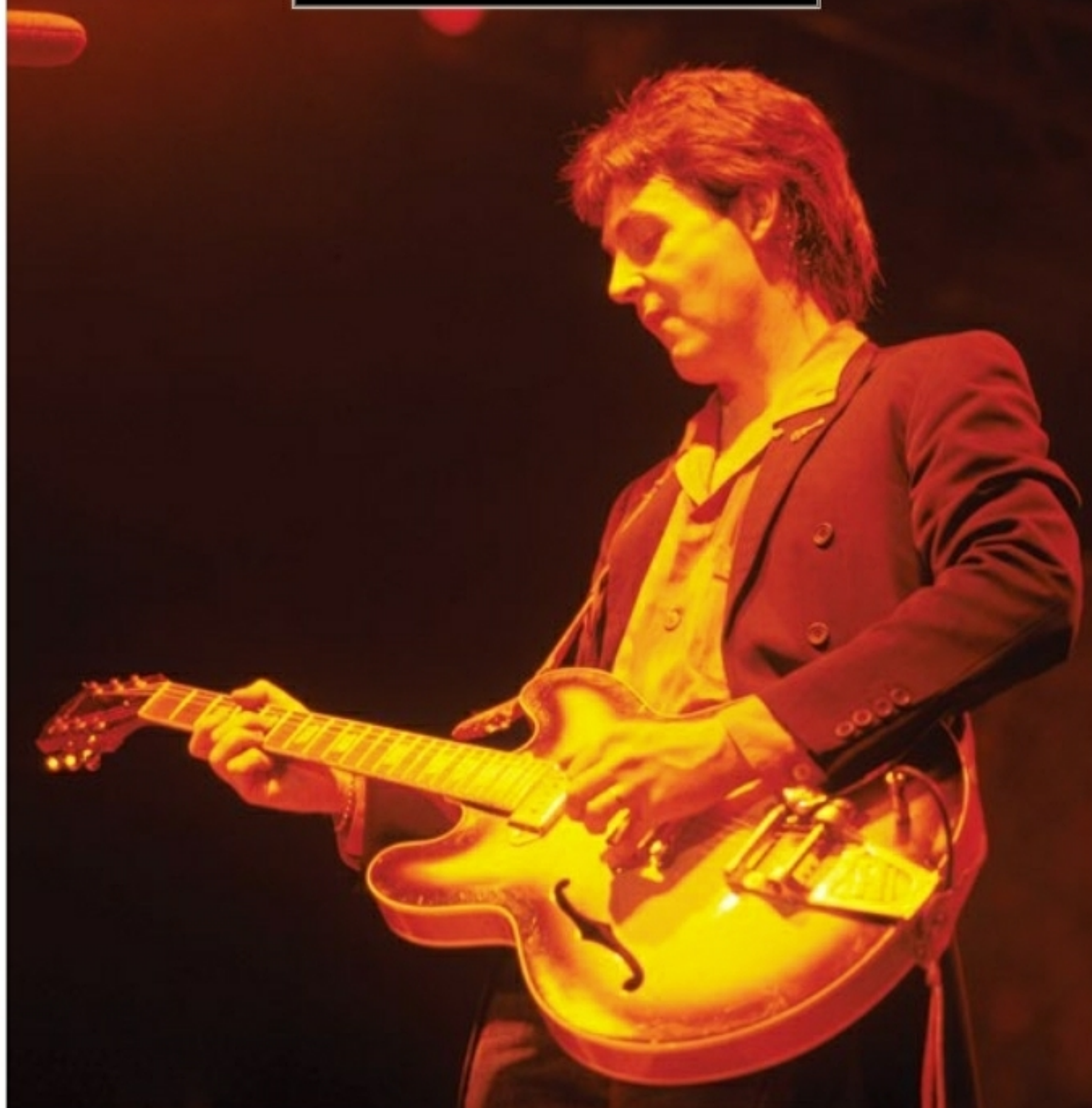
MELHORES CANÇÕES: “WAY OUT WEST”, “HILLBILLY ROCK”

173

## Paul McCartney

Paul McCartney é uma lenda para tantas coisas — compositor, cantor, baixista, Beatle — é fácil ignorar seu talento nas seis cordas. Mas Macca tocou muitos dos maiores solos de guitarra dos Fabs — o flash psicodélico de “Taxman” e “Sgt. Pepper”, a explosão de metal de “Helter Skelter”, o rock irregular de “Paperback Writer” e “Back in the U.S.S.R.”. Ele também tem seu próprio estilo acústico folk, como em “Blackbird”. Ele ainda brilha na guitarra, demonstrando seu talento em *McCartney III* de 2020. Como ele disse em 2018, “Ainda estou emocionado por ter o privilégio de poder subir a um amplificador, ligá-lo, pegar minha guitarra, conectá-la e tocá-la muito alto.”

MELHORES CANÇÕES: “TAXMAN”, “MAYBE I'M AMAZED”, “TOO MANY PEOPLE”







## 172 Chrissie Hynde

O jeito inovador de compor de Chrissie Hynde e a feroz guitarra rítmica tocando nos Pretenders não podem ser separados de uma das principais integrantes do grupo. “O guitarrista de James Brown tocava uma figura durante toda a música, e eu adoro isso”, disse Hynde uma vez. O ofício de Hynde se misturou brilhantemente ao longo dos anos com uma fileira de mestres das seis cordas, do falecido James Honeyman-Scott a Robbie McIntosh e, por um curto período de tempo, Johnny Marr (cuja própria interpretação foi influenciada por Honeyman-Scott). Como Hynde declara, “Minha posição em qualquer banda em que estive é definir o guitarrista para fazer um gol.”

MELHORES CANÇÕES: “TATTOOED LOVE BOYS”, “BRASS IN POCKET”, “STOP YOUR SOBBING”

171

## D. Boon

O guitarrista do Minutemen, D. Boon, preferia cordas grossas e agudos, e ele suava tanto no palco que estragava seu equipamento. Ele foi influenciado pela confusão do pós-punk, pelo rock clássico do The Who e Blue Oyster Cult, e ainda pelo funk e pelo R&B. Tudo isso e muito mais saiu em seu jeito de tocar. No momento em que o trio de San Pedro, Califórnia, fez sua obra-prima de 43 músicas de 1984, *Double Nickels on the Dime*, ele estava misturando punk rock com jazz, country e folk em uma dissonância conversacional alegremente que se encaixava perfeitamente nas epifanias vorazes nas músicas dos Minutemen. Ele morreu em um acidente de van em 1985 no auge de seu potencial.

MELHORES CANÇÕES: “LITTLE MAN WITH A GUN IN HIS HAND”, “CORONA”

170

## Phil Manzanera

A especialidade de Phil Manzanera: “Guitarra impossível”, como ele a chama. Ele ajudou a fazer da Roxy Music uma das bandas mais influentes da década de 1970 com seu flash de glamour espacial. Sua sensibilidade veio de crescer em Cuba, Venezuela e Colômbia, ouvindo a cumbia e o bolero favoritos de sua mãe ao lado dos Beatles. Ele pousou na cena do art-rock de Londres com seu espírito de irreverência alienígena, sempre experimentando, muitas vezes filtrando sua guitarra através do sintetizador de Brian Eno. “É tudo sobre a pan-tonalidade, cara!” ele disse em 1974. Sempre prolífico, ele tocou em 80 álbuns em 50 anos, com Eno (seu chiado em “Needles in the Camel’s Eye”), John Cale (sua barragem brutal em “Gun”) e joias solo como *Diamond Head*.

MELHORES CANÇÕES: “IN EVERY DREAM HOME A HEARTACHE”, “AMAZONA”, “LAGRIMA”



169

## Jessie Mae Hemphill

Poucas tradições influenciaram a música blues moderna como o North Mississippi Hill Country Blues, do qual a falecida Jessie Mae Hemphill foi pioneira. Nascida em 1923, Hemphill começou a tocar guitarra na juventude, aprimorando suas habilidades em reuniões de família e se juntando a seu avô Sid Hemphill, outro famoso músico da região, no palco com sua banda. Foi quando Hemphill se mudou para Memphis mais tarde na vida, onde ela viveria até sua morte aos 82 anos em 2006, que ela encontrou a verdadeira notoriedade, se tornando uma artista premiada.

MELHORES CANÇÕES: “SHE-WOLF”, “SHAME ON YOU”

168

## John Cipollina

John Cipollina foi um herói da guitarra psicodélica, original da cena Haight-Ashbury, tocando em sua banda de São Francisco, Quicksilver Messenger Service. Ele balançou o auditório Fillmore no Summer of Love com seu vibrato estratosférico. Com Quicksilver, ele está em épicos como “The Fool”, e “How You Love”. “Jesus, eles eram mágicos”, disse Mickey Hart à *Rolling Stone*. “Cipollina acabou de cortar o ar com sua guitarra.” Um artista nato, ele cortou e canalizou todo o seu equipamento — como ele disse: “Eu só gostava de guitarras quentes”. Ele morreu em 1989, apenas 45, mas deixou seus sons para herdeiros como Television, o Dream Syndicate e Yo La Tengo.

MELHORES CANÇÕES: “HOW YOU LOVE”, “MAIDEN OF THE CANCER MOON”, “GOLD AND SILVER”



167

## James Williamson

**A** pesar do antigo emprego formal de Williamson — vice-presidente da Sony Electronics — o homem é um demônio com a guitarra, adicionando outra camada de intensidade selvagem aos já indomáveis Stooges, quando se juntou à banda para o marco punk de 1973, *Raw Power*. Como Johnny Marr disse uma vez: “Ele tem a capacidade técnica de Jimmy Page sem ser tão estudioso, e a arrogância de Keith Richards sem ser desleixado. Ele é demoníaco e intelectual, quase como você imaginaria Darth Vader soar se ele estivesse em uma banda.” Sujo e brutal e Williamson chutou a porta proverbial para que gerações de guitarristas ficassem feios da maneira mais bonita possível.

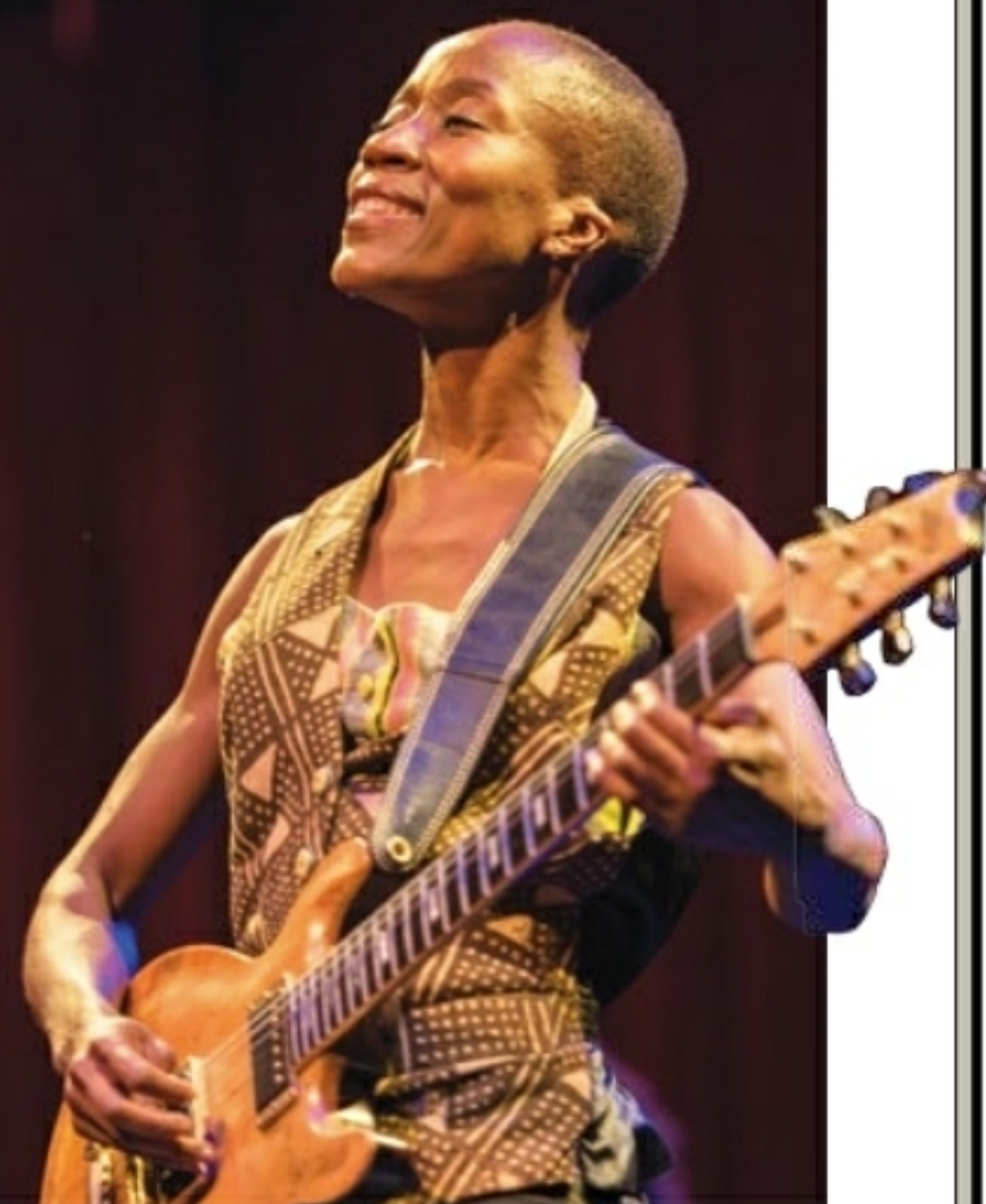
MELHORES CANÇÕES: “SEARCH AND DESTROY”, “RAW POWER”

165

## Rokia Traoré

**F**ilha de um diplomata malinês, Rokia Traoré cresceu em grande parte fora de seu país de origem — o que significava, por costume, que ela não deveria estudar sua música. “Portanto, foi mais natural para mim e menos controverso para a minha comitiva tocar guitarra”, escreve Traoré em seu site. Essa guitarra, seja acústica ou elétrica, define sua música totalmente fascinante em álbuns como *Mouneïssa* de 1998 e *Beautiful Africa* de 2013: Tanto quanto sua voz flutuante e de aço, seu toque é ágil, mas ressonante, estabelecendo um cenário instantaneamente.

MELHORES CANÇÕES: “THE MAN I LOVE”, “NÉ SO”



166

## Johnny Winter

**O** prodígio do blues-rock nascido no Texas, Johnny Winter, começou a tocar profissionalmente quando tinha 15 anos, sozinho e ocasionalmente com a banda de seu irmão, Edgar, e sua carreira continuou até os anos 2000. Ele era um ultrarrápido — como seu ídolo e colaborador ocasional, Muddy Waters — e um guitarrista de slides quentes. (Seu slide de escolha: um pedaço de cano de encanador.) Jimi Hendrix o procurou como um músico de apoio, e Waters reconheceu seu talento à primeira vista, tornando-se um amigo e colaborador: “Aquele cara lá no palco — eu consegui vê-lo de perto”, disse Waters mais tarde. “Ele toca oito notas para a minha!”

MELHORES CANÇÕES: “I’M YOURS AND I’M HERS”, “FAST LIFE RIDER”



164

## Dave Davies



**V**ocê pode identificar todas as notas altas e riffs até Dave Davies dos Kinks, começando com os power chords fantasticamente simples de “You Really Got Me”, que ele gravou aos 17 anos — dando início a uma série de singles de proto-metal de “All Day and All of the Night” a “Till the End of the Day”. Davies, que criou a distorção em “You Really Got Me” cortando um alto-falante com uma navalha, riu das alegações de que foi realmente tocado por um Jimmy Page não creditado: “Quem gostaria de tocar um solo tão louco, afinal? Apenas Dave Davies poderia fazer isso.”

MELHORES CANÇÕES: “YOU REALLY GOT ME”, “ALL DAY AND ALL OF THE NIGHT”



160

## Kim e Kelley Deal

**Q**uando Kim Deal pediu à irmã gêmea Kelley para se juntar à sua banda pós-Pixies, os Breeders, no início dos anos 1990, Kelley não tinha muita experiência nas seis cordas. “Eu não tinha interesse em arrasar”, disse ela ao *Guitar World*. “Eu só queria brincar com sons.” Essa abordagem serviu bem ao álbum de 1993 da banda, *Last Splash* — o primeiro disco dos Breeders a apresentar Kelley na guitarra. A abordagem dupla adotada pelos Breeders resultou em músicas que variam muito em termos de estilo, desde o hit chiclete “Divine Hammer” até “Drivin’ on 9”, mas todas elas são marcadas por guitarras que se aninham na estrutura de cada música de uma maneira sorrateira e às vezes emocionante.

MELHORES CANÇÕES: “NO ALOHA”, “DRIVIN’ ON 9”



163

## Wah Wah Watson

**W**ah Wah Watson se autoneomeou por seu pedal de efeito principal (ele nasceu Melvin Ragin) por uma boa razão: Poucos guitarristas, nos anos 1970 ou agora, utilizaram tão habilmente a tonalidade de gangorra daquela caixa para um efeito tão dramático. Watson sublinha o erotismo lânguido de “Let’s Get It On”, de Marvin Gaye, e acordes de corte e ondulantes levantam “Papa Was a Rolling Stone” dos Temptations, “Car Wash” de Rose Royce e “I Will Survive” de Gloria Gaynor. Mas a obra-prima de Watson pode ser “How Long (Betcha Got a Chick on the Side)” das Pointer Sisters, de 1975 — seus riffs de corte de faca sublinham perfeitamente o prato combinado de raiva e desejo da música.

MELHORES CANÇÕES: “LET’S GET IT ON”, “HOW LONG (BETCHA GOT A CHICK ON THE SIDE)”

162

## Rosinha de Valença

**A** estreia de Rosinha de Valença em 1963, um clássico da bossa nova, revelou ao mundo seu tom intocado e técnica sem esforço no violão acústico. Artista autodidata, se mudou para o Rio na hora certa, se conectando com Baden Powell e acompanhando a trágica diva Sylvia Telles para apresentações de concertos que sintetizavam o ar boêmio da bossa nova. Ela gravou dois álbuns sedosos com Sérgio Mendes em 1965, depois se uniu à estrela de samba soul, Martinho da Vila. Sua carreira foi interrompida aos 51 anos devido a problemas de saúde, e faleceu em 2004, inspirando um álbum de tributo com Maria Bethânia, Chico Buarque e outras estrelas brasileiras.

MELHORES CANÇÕES: “TRISTEZA EM MIM”, “ASA BRANCA”

161

## Tim Henson

**O** guitarrista da aventureira banda progressiva dos últimos dias Polyphia é um dos inovadores mais radicais que o instrumento já viu. Para Henson, o emotivo alongamento de cordas da era do blues e do rock clássico era apenas um monte de “curvas boomer” — em vez disso, sua reprodução é uma mistura selvagem, hiper-sincopada, trilha sonora de videogames de arpejos esquisitos, harmônicos inesperados e riffs fraturados, que confundem o cérebro. Seu tom sempre transformador, enquanto isso, quase sempre vem de modelos digitais de amplificadores e efeitos, não da coisa real. Em suas mãos, a guitarra é um instrumento do futuro, não do passado, como os inúmeros jovens músicos que tentam imitá-lo no TikTok atestam.

MELHORES CANÇÕES: “BAD”, “PLAYING GOD”





159

## John Lennon

**Q**uando o fundador da *Rolling Stone*, Jann S. Wenner, perguntou a John Lennon como ele se classificava como guitarrista, Lennon respondeu: “Eu não sou tecnicamente bom, mas posso fazer a guitarra uivar. Eu era um guitarrista rítmico. É um trabalho importante. Eu posso fazer a banda evoluir.” É, e ele fez: Lennon era a vela de ignição dos Beatles, muitas vezes adicionando crueza às músicas pop intocadas. Ouça as notas que alimentam “Help!”, o riff circular de “Day Tripper”, ou o enganosamente desleixado “The Ballad of John and Yoko” — onde, com George Harrison fora, Lennon transformou linhas rudimentares de chumbo e ritmo em magia de dentes afiados.

MELHORES CANÇÕES: “HELP!”, “DAY TRIPPER”, “YER BLUES”

158

## Johnny Thunders

**O** herdeiro de Nova York da vibração de Keith Richards, o homem nascido John Anthony Genzale preencheu a lacuna entre riffs glammy e punk pré-hardcore, alimentando primeiro os New York Dolls, depois com os caóticos Heartbreakers, depois como um ato solo impressionante. “O som que ele recebeu era tão

exclusivamente dele; a combinação do Junior e um Twin Reverb, acionado ao máximo e com uma tonelada de reverberação era o que o rock & roll deveria soar”, disse Mick Rossi, dos punks do Reino Unido Slaughter and the Dogs. Thunders era igualmente capaz de uma sensibilidade chocante, como exemplificado por seu surpreendentemente “You Can’t Put Your Arms Around a Memory”, uma música sobre estar na sarjeta, mas olhando para as estrelas.

MELHORES CANÇÕES: “BORN TO LOSE”, “YOU CAN’T PUT YOUR ARMS AROUND A MEMORY”, “JET BOY”

157

## Pat Metheny



**C**hamar Pat Metheny de guitarrista de jazz nem começa a fazer jus à sua importância. Embora ele seja uma das principais figuras da música improvisada contemporânea, vencedor de 17 estatuetas do Grammy, cresceu sendo influenciado pelos Beatles tanto quanto por Miles Davis. E como essas duas forças criativas que mudam de forma, ele constantemente pulou sobre as barreiras do gênero. Metheny trabalhou com Joni Mitchell, David Bowie e Ornette Coleman. Seu agressivo lançamento solo de 1994 *Zero Tolerance for Silence* foi chamado de “a gravação mais radical da década... um novo marco na guitarra elétrica” por Thurston Moore, da Sonic Youth.

MELHORES CANÇÕES: “BRIGHT SIZE LIFE”, “AND I LOVE HER”

156

## Carl Perkins

**O** estilo brilhante e agudo de Carl Perkins — que o rei rockabilly pegou dos músicos de blues no Tennessee — definiu os singles que ele lançou na Sun Records (“Blue Suede Shoes”, “Glad All Over”) e influenciou dezenas de músicos de Eric Clapton a John Fogerty. “Ele levou o país para o mundo do rock”, disse Tom Petty uma vez. “Se você quiser tocar rock & roll dos anos 50, você pode tocar como Chuck Berry, ou você pode tocar como Carl Perkins.”

MELHORES CANÇÕES: “BLUE SUEDE SHOES”, “GLAD ALL OVER”



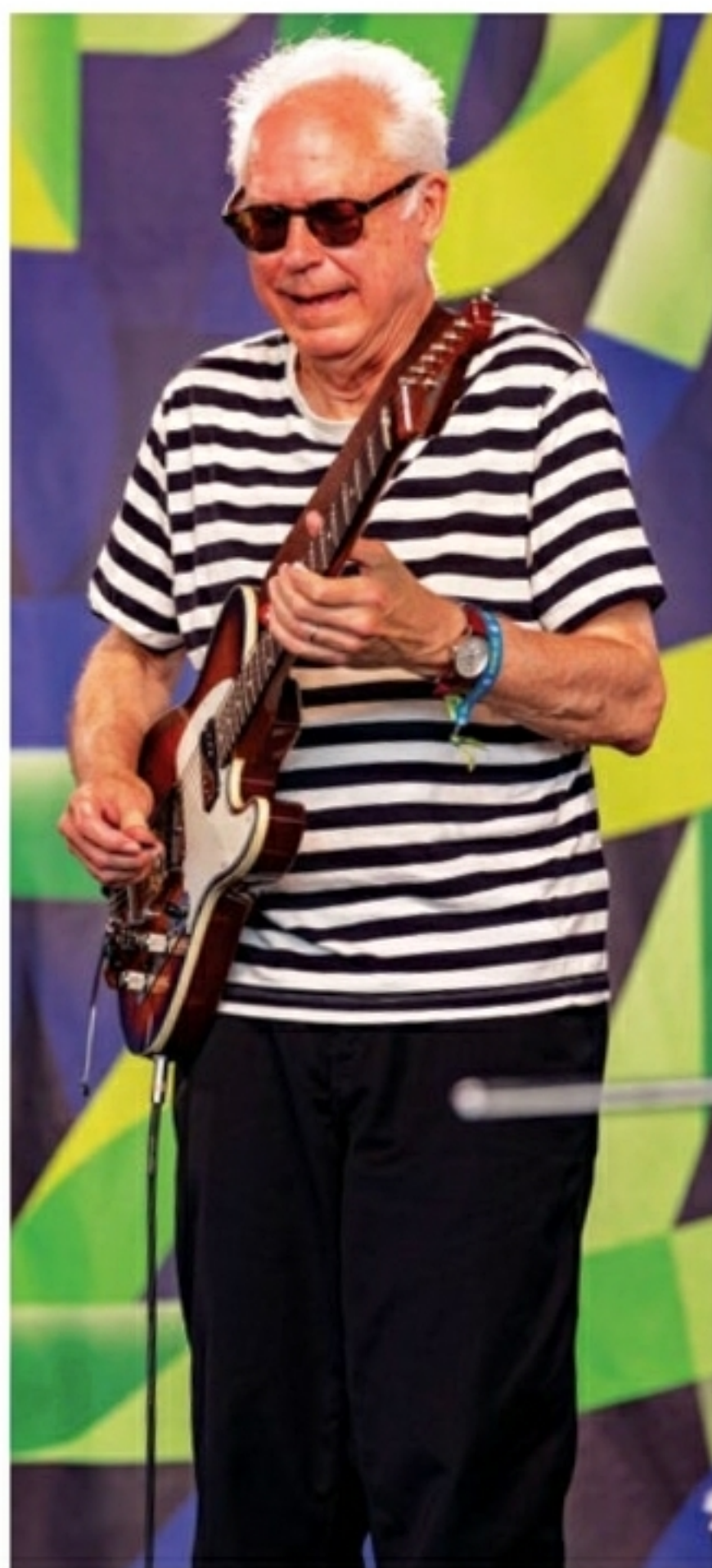


155

## Yvette Young

**Y**vette Young criou uma base de fãs mostrando suas habilidades no YouTube, quase pianísticas, com as duas mãos. Como artista solo ou com a Covet, ela demonstrou que não é fogo de palha. Com uma infinidade de afinações alternativas, um tom limpo e talento como compositora para a invenção polifônica, a guitarrista combina o toque de ícones alternativos como Tom Verlaine, com a precisão do final de 2010 como Scale the Summit e Chon. “Nunca me interessei em ser um ‘tritador’”, disse Young ao *Guitar.com*. “Sempre estive mais interessada em fazer as coisas na minha cabeça ganharem vida e ser capaz de tocar isso.”

MELHORES CANÇÕES: “FIREBIRD”, “FALKOR”, “NERO”



154

## Bill Frisell

**B**ill Frisell saiu da cena do jazz experimental, mas a marca registrada de décadas do músico de 72 anos geralmente tem sido sua capacidade de dobrar a tradição com um toque calmo, revelando texturas em um ritmo casualmente instigante. Se ele está fazendo covers de Madonna ou Bob Dylan, fazendo country (*Nashville* de 1997), rock & roll (*Guitar In the Space Age* de 2014) ou músicas dos Beatles (*All We Are Saying* de 2011...), suas notas arrastadas e espaçadas podem dar aos sons familiares uma sensação amorosamente distorcida, fazendo com que você reconsidere as tradições musicais que você achava que conhecia bem.

MELHORES CANÇÕES: “LIVE TO TELL”, “KEEP YOUR EYES OPEN”, “PIPELINE”

153

## Otis Rush

**U**m nativo do Mississippi que se mudou para Chicago no final dos anos 1940, Otis Rush era um ótimo guitarrista elétrico — com um tom agudo corajoso como Muddy Waters e B.B. King — assim como um compositor assertivo. Junto com guitarristas como Magic Sam e Buddy Guy, Rush ajudou a criar a abordagem mais modernizada e influenciada pelo R&B ao blues de Chicago que veio a ser conhecida como West Side Sound. O impacto de Rush nas gerações posteriores foi enorme: seus singles do final dos anos 50 e início dos anos 60 foram capas para o Led Zeppelin (“I Can’t Quit You Baby”), John Mayall (“All Your Love [I Miss Loving]”) e o J. Geils Band (“Home-work”), enquanto Stevie Ray Vaughan nomeou sua banda em homenagem ao lamento letal de Rush de 58 “Double Trouble”.

MELHORES CANÇÕES: “I CAN’T QUIT YOU BABY”, “DOUBLE TROUBLE”, “HOMEWORK”

152

## Ani DiFranco

**M**ais conhecida por sua política esquerdista, letras inteligentes e provocativas e parcerias com músicos do folk como Pete Seeger e Utah Phillips, Ani DiFranco se tornou o rosto de um certo feminismo alternativo dos anos 1990, e ela o manteve por mais de 30 anos. Mas por baixo da raiva crua e do sarcasmo furtivo há um estilo único que ela desenvolveu quando criança — DiFranco começou a tocar por volta dos nove anos — nos bares de sua cidade natal, Buffalo. É um tipo particular de combinação suave que foi projetada para atordoar os ouvintes até a submissão. “Alto contra o silêncio faz com que as conversas de alguém no bar se destaquem”, disse ela à *Acoustic Guitar* em 2014. “E eles se viram e olham para você, e então, uma vez que você os pegou, você tem que mantê-los.”

MELHORES CANÇÕES: “BOTH HANDS”, “ALLERGIC TO WATER”, “GRAVEL”



151

## Pete Cosey

Um músico de apoio discreto ao longo de sua carreira, Pete Cosey nunca lançou um álbum solo, mas ele e seus pedais foram a alma psicodélica dos discos elétricos mais extremos de Miles Davis durante a década de 1970, como *Dark Magus*, *Get Up With It*, *Pangea* e *Agharta*. O cara de diversas gravações da icônica gravadora de blues Chess em Chicago, sua cidade natal, suas afinações estranhas foram uma marca registrada dos álbuns de Muddy Waters (*Electric Mud*) e Howlin' Wolf (*The Howlin' Wolf Album*) que aterrorizaram os puristas do blues. Davis disse posteriormente que Cosey deu à sua banda elétrica o "som de Jimi Hendrix e Muddy Waters que eu queria". Um dos primeiros a adotar o sintetizador de guitarra, ele estava sempre procurando por novos sons.

MELHORES CANÇÕES: "MOJA", "SMOKESTACK LIGHTNING"



150

## Marissa Paternoster

Seja nos oito discos de estúdio do Screaming Females ou em trabalho solo como Noun, Marissa Paternoster toca guitarra com imensa habilidade e simplicidade brutal. Desde a formação do Screaming Females, ela construiu incansavelmente um extenso catálogo de indie rock e power pop cru. Os refrões dela são frágeis e contagiantes, e os solos indomados soam como se estivessem tentando tirar vida própria. Paternoster retirou lentamente os efeitos e refinou o som low-fi ao longo dos anos, mas continua claro como sempre que ela é uma das maiores vozes do punk moderno, carregando a tocha de antepassados como Sleater-Kinney e Breeders.

MELHORES CANÇÕES: "IT ALL MEANS NOTHING", "I'LL MAKE YOU SORRY"

149

## Ron Asheton

Nas mãos de Ron Asheton – em hinos proto-punk como "I Wanna Be Your Dog" e "No Fun" – o clássico combo de três acordes parecia mais um ariete superpoderoso: monótono, implacável e quase místico. (Asheton, que morreu em 2009, chamou isso de "aqueles três dedos mágicos".)

MELHORES CANÇÕES: "TV EYE", "I WANNA BE YOUR DOG"



148

## Ike Turner

É impossível pensar em Ike Turner hoje em dia sem focar no horrível abuso físico que ele infligiu a Tina Turner durante o longo casamento do ex-casal. Ele era uma pessoa terrível, horrível. Em termos estritamente musicais, porém, ele foi um visionário. Em 1951, anos antes de Chuck Berry, Little Richard e Elvis Presley entrarem em cena, Turner tocou guitarra elétrica alta e distorcida em "Rocket 88", uma música R&B creditada a Jackie Brenston and His Delta Cats. Nos anos que se seguiram, Turner aprimorou o talento no circuito de blues, ajudou a criar clássicos como "Nutbush City Limits", o famoso "Proud Mary" do CCR e influenciou todos os outros pioneiros do rock que seguiram o rastro dele.

MELHORES CANÇÕES: "ROCKET 88", "IT'S GONNA WORK OUT FINE"



147

## Memphis Minnie



**C**riada ao sul da cidade que escolheu como apelido, Memphis Minnie, ou Lizzie Douglas, é uma figura do blues tão fundamental quanto Robert Johnson ou Charley Patton. Minnie fez nome no circuito turbulento do blues com as intrincadas e rítmicas músicas da vida real sobre dificuldades. Mais tarde, quando em Chicago, ela foi das primeiras artistas a adotar uma guitarra elétrica para ouvir acima do barulho. Ela usava vestidos glamorosos, mas era durona e inspirou muita gente, desde Bonnie Raitt, que financiou a lápide de Minnie, até o Led Zeppelin.

MELHORES CANÇÕES: "WHEN THE LEVEE BREAKS", "ME AND MY CHAUFFEUR BLUES"

146

## Mike Bloomfield

**M**ike Bloomfield ajudou nomes como Bob Dylan e a Paul Butterfield Blues Band. Nascido em Chicago, ele estudou de perto as lendas do blues elétrico, como Muddy Waters e Howlin' Wolf e reuniu essas lições em um tom agudo e penetrante e solos que decolaram com um êxtase de jazz modal. "Michael sempre pareceu ir contra a corrente", disse Carlos Santana. "Ele vem de B. B. King. Mas ele foi para outro lugar."

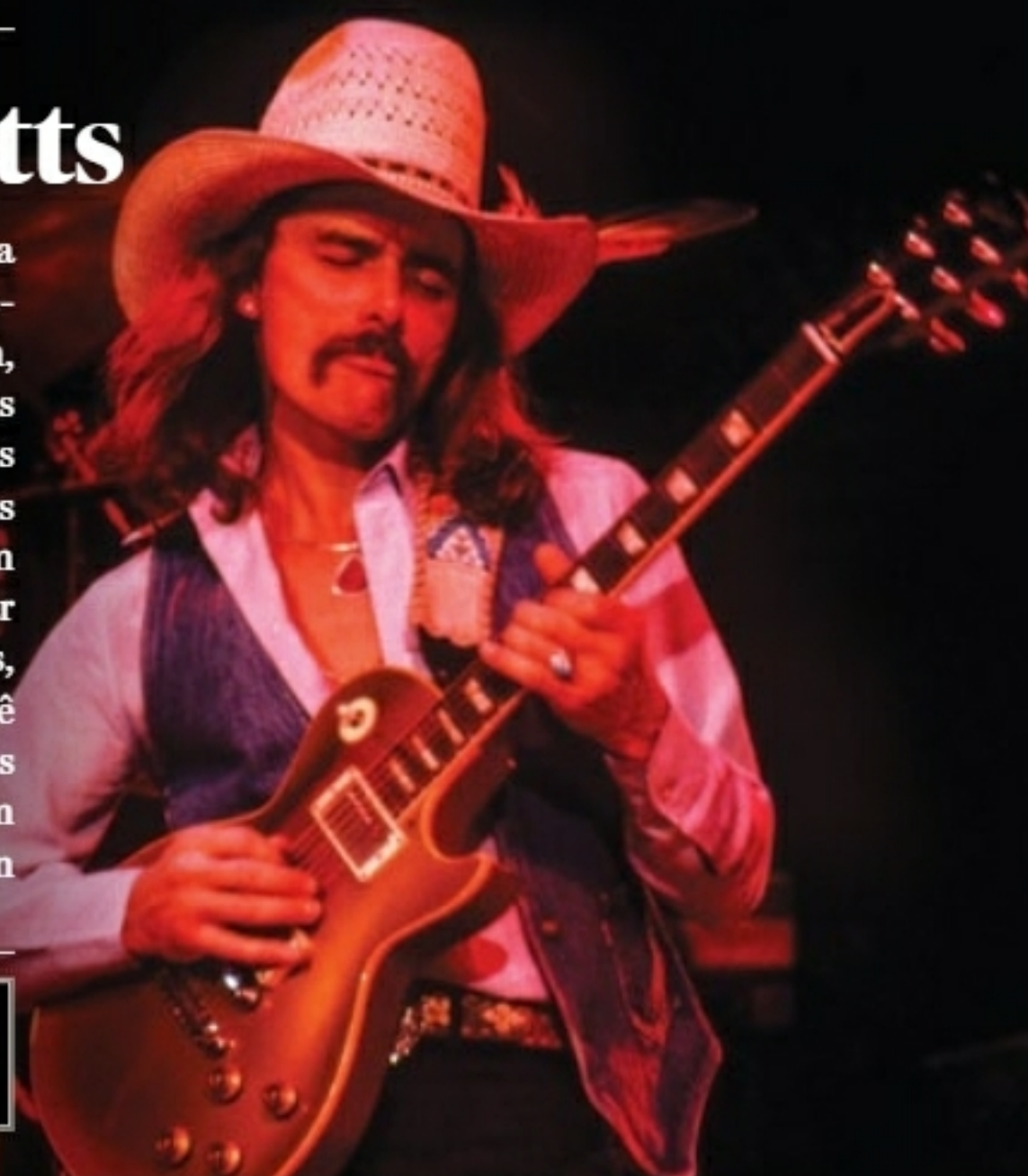
MELHORES CANÇÕES: "EAST-WEST", "LIKE A ROLLING STONE"

145

## Dickey Betts

**"S**ou um guitarrista famoso", disse o falecido Duane Allman, "mas Dickey é o bom". Os dois passaram menos de três anos juntos na Allman Brothers Band, mas estabeleceram um relacionamento épico. Apesar de todos os seus blues e slides, suas raízes estão no jazz, e você pode ouvir a influência de seus solos modais de tons limpos em todos os grupos de Southern Rock que se seguiram.

MELHORES CANÇÕES: "IN MEMORY OF ELIZABETH REED", "JESSICA"



144

## Odetta

**B**ob Dylan disse uma vez: "A primeira coisa que me despertou para o canto folk foi Odetta". A revelação o levou a trocar sua guitarra elétrica pela mesma Gibson acústica de topo plano que Odetta empunhava com tanta firmeza nos cafés de Greenwich Village. Usando o polegar para tocar notas de baixo e os dedos para escolher acordes e melodias com habilidade, ela alcançou a carga rítmica de vários instrumentos sozinha.

Esta arte independente era paralela à intenção mais ampla de Odetta: representar a experiência feminina negra com dignidade. As músicas que ela cantou eram, ela disse uma vez, "uma história nossa... não em nossos livros de história".

MELHORES CANÇÕES: "HIT OR MISS", "BUKED AND SCORNE", "TAKE THIS HAMMER"





143

## Ira Kaplan

Quando Yo La Tengo lançou o álbum de estreia em 1986, o crédito de guitarra de Ira Kaplan era “a coisa mais fácil”. Mas ele passou para as partes difíceis. Desde então, ele tem

sido um dos guitarristas mais aventureiros do indie rock. A premissa sonora pode ser o Velvet Underground, mas Kaplan tem estilo único, desde a sutileza melódica amadeirada (“Pablo and Andrea”) até o feedback enlouquecido (“Deeper Into Movies”).

MELHORES CANÇÕES: “I HEARD YOU LOOKING”, “BLUE LINE SWINGER”, “SINATRA AVENUE BREAKDOWN”

142

## João Gilberto



“Tem que ser muito silencioso para eu produzir os sons que estou pensando”, disse João Gilberto. Mas o som tranquilo do cantor e violonista brasileiro ecoou por toda parte, especialmente quando o álbum *Getz/Gilberto*, de 1964, transformou a bossa nova em um sucesso global. O estilo acústico de Gilberto mesclava ritmos de samba e acordes de jazz, transformando imediatamente

a música do país dele e influenciando também gerações do pop e do rock. O canto frio e íntimo fazia com que a execução elegante parecesse enganosamente alegre, mas na raiz da música dele estava um forte senso de timing e uma habilidade em trabalhar com fluidez padrões melódicos intrincados. “Aprendi tudo o que sabia com ele”, disse o titã da música brasileira Caetano Veloso, um dos muitos herdeiros dele.

MELHORES CANÇÕES: “CHEGA DE SAUDADE/NO MORE BLUES”, “UNDO”

141

## Fredrik Thordendal

Fredrik Thordendal, da banda sueca de metal extremo Meshuggah, toca o instrumento de uma maneira que soa mais como percussão do que guitarra, já que ele restringe muito as cordas com o silenciamento da palma. Em “Bleed”, o riff mecânico sobe e desce em compassos minuciosos, apenas o suficiente para sacudir suas vértebras, enquanto em “Rational Gaze”, ele toca uma variedade de ritmos funky que mal se alinham com a bateria. A técnica de Thordendal gerou todo um subgênero do metal chamado “djent”, uma onomatopeia para o som de sua palheta martelando acordes, que inclui grupos como Tesseract e Animals as Leaders.

MELHORES CANÇÕES: “BLEED”, “DEMIURGE”, “BORN IN DISSONANCE”

140

## Stephen Stills

“Ele é um gênio musical”, disse Neil Young certa vez sobre Stephen Stills, colega de banda. Ocasionalmente, por mais de cinco décadas, ele desafiou e complementou as rupturas selvagens de Young com uma melodia com influências latinas e country. Stills nunca perdeu o fervor pela destruição aventureira. Sua atração como músico foi tamanha que ele conseguiu que Eric Clapton e Jimi Hendrix (um amigo próximo de Stills) fizessem participações especiais na estreia solo autointitulada de Stills em 1970 - o único álbum na história do rock a apresentar os dois gigantes da guitarra.

MELHORES CANÇÕES: “BLUEBIRD”, “CARRY ON”



**139**

## Susan Tedeschi



**M**arido e parceiro musical de Susan Tedeschi, Derek Trucks tende a obter mais cobertura para seus trastes, mas Tedeschi é o molho secreto do duo Tedeschi Trucks Band, emprestando uma dose saudável de soul e blues livres à abordagem da banda sobre a música de raiz americana. O fato de Tedeschi também ser uma vocalista célebre, muitas vezes fazendo comparações com nomes como Janis Joplin e Bonnie Raitt, apenas aumenta sua habilidade na guitarra, porque ela traz o senso de fraseado e dinâmica de uma vocalista para sua forma de tocar já magistral.

MELHORES CANÇÕES: "IT HURT SO BAD", "MIDNIGHT IN HARLEM", "ANGEL FROM MONTGOMERY"

**138**

## Teenie Hodges

**U**m dos principais componentes do som soul de Memphis, Mabon "Teenie" Hodges adicionou grooves suntuosos a algumas das músicas mais memoráveis do pop americano. Integrante da Hi Rhythm Section, o estilo flexível de Hodges foi crucial para o som característico daquela gravadora - e seus créditos como compositor em faixas como "Take Me to the River" consolidaram seu legado como arquiteto do R&B.

MELHORES CANÇÕES: "LOVE AND HAPPINESS", "TAKE ME TO THE RIVER"

**137**

## Liz Phair



**L**iz Phair tornou-se uma lenda com o estilo de guitarra excêntrico, livre e inovador de *Exile in Guyville* (1993) e *Girly Sound* - mesmo quando sua forma de tocar foi a última coisa que as pessoas notaram. "Sempre defendi sua genialidade na guitarra", diz seu produtor Brad Wood. "Não há mais ninguém que eu tenha gravado em mais de 30 anos fazendo isso que se aproxime da guitarra como ela. Seus acordes têm mais a ver com Glenn Branca do que com Joni Mitchell ou qualquer outra pessoa."

MELHORES CANÇÕES: "FUCK AND RUN", "STRANGE LOOP", "SHANE"

**136**

## Joe Perry



**C**ativado por estilistas de blues britânicos como Jeff Beck, Jimmy Page e Peter Green, Perry (do Aerosmith) desenvolveu um estilo expressivo e elástico que evoluiu com e em torno da voz indomável de seu parceiro de longa data e adversário ocasional, Steven Tyler.

MELHORES CANÇÕES: "MAMA KIN", "WALK THIS WAY", "JANIE'S GOT A GUN"





133

## Robert Cray

**R**obert Cray desempenhou um papel importante mantendo o blues no radar mainstream durante a década de 1980, influenciando uma ampla gama de guitarristas mais jovens, como Christone “Kingfish” Ingram e John Mayer com seu estilo de tocar blues tradicionalmente informado, mas em constante evolução. Nascido em Columbus, Geórgia, ele se mudou para Seattle

ainda adolescente, onde obteve sucesso após se inspirar ao ver artistas icônicos do blues como Muddy Waters e Albert Collins. Cray estreou com *Who’s Been Talkin’* em 1980, rapidamente obtendo sucesso cruzado com seu álbum de 1986, *Strong Persuader*. Não é novidade que Cray se apresentou com a realza da guitarra ao longo de sua carreira, incluindo John Lee Hooker, Chuck Berry e Stevie Ray Vaughan.

MELHORES CANÇÕES:

“SMOKING GUN”, “THIS MAN”, “FOUL PLAY”

135

## Roger McGuinn

**O**s riffs espumantes de Roger McGuinn nos primeiros sucessos dos Byrds foram a ponte sonora entre o folk e o rock - e uma cor insubstituível na paleta do rock. McGuinn poderia fazer muito mais do que apenas tocar, no entanto, como demonstrado por seus ainda surpreendentes licks psicodélicos de raga-Coltrane em “Eight Miles High”.

MELHORES CANÇÕES: “MR. TAMBOURINE MAN”, “EIGHT MILES HIGH”

134

## Bob Mould

**A** imagem de Bob Mould no palco com Hüsker Dü, de Minnesota, provocando enxames de ruído de sua guitarra Flying V era a matéria do mito do indie rock. O trabalho de Mould naquela banda foi o elo essencial entre a harmonia dos anos 1960, o punk dos anos 1970 e a dissonância dos anos 1990. “Vou sentar para escrever algo que soe como o Association e vai sair como My Bloody Valentine”. Depreciativo, mas com brilhantismo casual no cerne de sua grandeza.

MELHORES CANÇÕES: “REAL WORLD”, “CELEBRATED SUMMER”



132

## Nils Lofgren

**N**ils Lofgren é provavelmente mais conhecido pelo papel de apoio na E Street Band. Ele fez um trabalho esplêndido lá - seu solo nas versões ao vivo de “Youngstown” e o remake de “Wire” de Edwin Starr mais do que provaram que ele estava à altura da tarefa. Mas seus próprios discos, tanto solo quanto com o Grin, continuam sendo as melhores vitrines para seus solos vigorosos.

MELHORES CANÇÕES: “KEITH DON’T GO”, “SHARE A LITTLE”, “BEGGARS DAY”



**131**

## Dimebag Darrell



**U**ma das figuras-chave do metal moderno, Dimebag Darrell fundou o Pantera com seu irmão, o baterista Vinnie Paul Abbott - forjando um estilo que combinava grooves punk brutalmente precisos. Depois que ele foi tragicamente baleado por um fã perturbado durante um show com a banda Damageplan em 2004 - no aniversário da morte de John Lennon, por incrível que pareça - os tributos chegaram de fãs, colegas e precursores. "Um dos maiores músicos que agraciaram o nosso mundo", disse Geezer Butler, do Black Sabbath, com simplicidade. "Descanse em paz".

MELHORES CANÇÕES: "FLOODS", "CEMETERY GATES", "MOUTH FOR WAR"

**130**

## Joe Walsh

**Q**uando Joe Walsh se juntou aos Eagles, em 1975, ele realmente se apresentou nas rádios de rock clássico. Walsh trouxe um toque de hard rock às canções pop descontraídas do grupo, criando uma série de sons indestrutíveis no processo: veja seu riff em "Life in the Fast Lane" e sua agressividade elegante na seção de guitarras de duelo de "Hotel California".

MELHORES CANÇÕES: "ROCKY MOUNTAIN WAY", "THE BOMBER", "FUNK #49"

**129**

## Nita Strauss

**T**endo feito seu nome por meio de solos suaves e virtuosos com a banda de turnê de Alice Cooper, Nita Strauss consolidou sua reputação após ser recrutada para banda feminina Holy Fvck, de Demi Lovato. No tempo livre, Strauss lançou dois álbuns solo, além de servir como guitarrista do L.A. Rams. Basicamente, ela nasceu para arrasar. "Sempre fui atraída por guitarristas que tocam rápido", disse à revista *Guitar Girl*. "Eu vi Steve Vai em Crossroads e foi isso para mim."

MELHORES CANÇÕES: "HALO OF FLIES", "THE WOLF YOU FEED"

**128**

## Bob Stinson

**N**a melhor das hipóteses, Bob Stinson superou a divisão entre rock clássico e punk rock tão instintivamente que foi como se ele nunca soubesse que estava lá - embora seja mais provável que ele nunca se importasse. "Ele era um em um milhão", disse o líder do Mats, Paul Westerberg, quando Stinson morreu em 1995. "Ainda não conheci um igual a ele".

MELHORES CANÇÕES: "KIDS DON'T FOLLOW", "I HATE MUSIC", "NOWHERE IS MY HOME"



127

## Steve Vai



**S**e Eric Clapton é “Deus”, então, para um certo segmento de aficionados das seis cordas, Steve Vai é “Deus Jr.” Nos anos 1970, ele foi transcritor e “guitarrista dublê” de Frank Zappa, executando com facilidade as impossíveis páginas pretas de notas de seu ídolo. Nos anos 1980, Vai tornou-se aquele do wah-wah com David Lee Roth, o do treino de guitarra de 10 horas, o da guitarra monkey-grip, o das mil capas do *Guitar World*. Mas foi na década de 1990

que ele passou de herói de culto a líder de culto, tocando solos instrumentais elásticos e comoventes como “For the Love of God” e a funky “Bad Horsie”. Numa época em que o guitar hero estava morto, Vai ainda inspirava (e ainda continua) músicos iniciantes a aprender o que a palavra “frágio” significa.

MELHORES CANÇÕES: “FOR THE LOVE OF GOD”, “YANKEE ROSE”

126

## Kim Thayil

**C**omo o mago barbudo do Soundgarden, Kim Thayil experimentou uma ampla gama de afinações alternativas. Como solista, Thayil é um subversivo comprometido, nunca recorrendo

a clichês do hard rock. Testemunhe o solo de “Gun”, de 1989, ou sua liderança no mega-hit do Soundgarden de 1994, “Black Hole Sun”: pode ser anárquico e talvez atonal, mas é brilhantemente congruente com a supernova titular da música.

MELHORES CANÇÕES: “BLACK HOLE SUN”, “GUN”

125

## Viv Albertine

**Q**uando Viv Albertine era adolescente, sonhando em fazer música em seu quarto, ela não tinha voz de estrela pop ou muitos modelos quando se tratava de mulheres em bandas. Ainda assim, a guitarrista do Slits canalizou esse sentimento interior de curiosidade em seu instrumento, tornando-o o motor de uma das bandas seminais do pós-punk dos anos 1970. No clássico álbum da banda, *Cut*, ela evitou distorções altas em favor de agudos nítidos e um estilo que saltava entre o punk e o reggae. Mais tarde, ela teve que reaprender a tocar guitarra anos após os Slits se separarem, seu casamento acabou e ela sobreviveu ao câncer. “Fiquei motivada como se fosse uma adolescente”, disse ela em uma entrevista em 2016. “Meu cérebro começou a disparar criativamente novamente depois de 20 anos morto criativamente. [...] Tudo isso me levou de volta à guitarra.”

MELHORES CANÇÕES: “TYPICAL GIRLS”, “SO TOUGH”

124

## Mike McCready e Stone Gossard

**D**esde o início, a dualidade dos guitarristas do Pearl Jam, Stone Gossard e Mike McCready, representou o núcleo do grunge: atitude punk com raízes irregulares do rock pelo rock. Gossard tocou riffs pesados no grupo pioneiro de grunge Green River e nos roqueiros alternativos Mother Love Bone antes de encontrar McCready destruindo tudo em uma festa. Suas sensibilidades se cruzaram quando formaram o Pearl Jam, quando começaram a unir seus riffs em músicas como “Alive”, “Jeremy” e “Animal”. Eles refinaram seu som, inspiraram-se em Neil Young, aprimoraram a acústica em músicas como “Daughter” e fizeram das exuberantes texturas do rock seu cartão de visita nas últimas três décadas.

MELHORES CANÇÕES: “EVEN FLOW”, “ANIMAL”, “DAUGHTER”



123

## Steve Howe

A formação atual do Yes poderia ser chamada de *Yes Experience de Steve Howe*, já que o virtuoso da guitarra é o único membro remanescente da era clássica. Ele é igualmente fluente em jazz, música clássica, bluegrass, folk e pop, como evidenciado por seu trabalho na Ásia e vários álbuns solo desconhecidos, mas ele brilha em músicas de rock progressivo extremamente complexas. Para provar, confira seu trabalho em "Close to the Edge", "Yours Is No Disgrace" e "Starship Trooper". É virtualmente impossível que outros reproduzam seu trabalho, embora apenas os verdadeiros devotos saibam seu nome. "Eu sempre disse que preferiria ser um cara dos bastidores do Chet Atkins", disse ele. "Eu ficaria muito feliz com isso. Mas certamente também sou um oportunista. Então, se os holofotes continuarem caindo sobre mim, terei que estar à altura da ocasião."

MELHORES CANÇÕES:  
"CLOSE TO THE EDGE", "STARSHIP TROOPER"

122

## King Sunny Adé

Um filho da realeza nigeriana (sim, literalmente) que gravou mais de três dúzias de discos, o estilo propulsivo, polirrítmico e hipnótico de King Sunny Adé foi liderado por sua guitarra. Os solos de Sunny eram, ao mesmo tempo, descontraídos e estratosféricos, acompanhando os ritmos com graça felina, com toques de havaiano e pedal steel ajudando as coisas a soarem ainda mais sobrenaturais. "Quero que coisas muito incomuns aconteçam com minha banda", disse ele em 1983. "Respeitamos cada instrumento na música juju". Para um exemplo de sua musicalidade verdejante, confira as exuberantes compotas coletadas no excelente lançamento de 2003, *Best of the Classic Years*.

MELHORES CANÇÕES: "SUNNY TI DE" (1974),  
"365 IS MY NUMBER/THE MESSAGE"

121

## Dick Dale

"Eu queria que minha guitarra soasse como a bateria de Gene Krupa", disse Dick Dale, e o estilo hiper percussivo que ele inventou para suas maravilhas da jukebox – incluindo um arranjo aprimorado da antiga música grega "Misirlou" – foi pioneiro no som do surf rock. Dale tocou o mais rápido possível, no volume máximo; Leo Fender uma vez tentou projetar um amplificador que não fosse destruído pelo volume de Dale. A maioria de suas gravações são impregnadas de reverberação, que se tornou uma marca registrada do surf, mas não é isso que faz a surf music, ele explicou: "Eu só gosto de cortar... em cordas de calibre 60, calibre 50. Esse é o som, o som das ondas quebrando."

MELHORES CANÇÕES:  
"MISIRLOU", "THE PETER GUNN THEME"



120

## Warren Haynes

Quando Warren Haynes foi convidado para se juntar ao grupo solo de Dickey Betts, ex-guitarrista da Allman Brothers Band, em 1987, ele ficou tão impressionante que, quando a ABB se reuniu em 1989, ele foi convidado por Betts para se juntar, e seu talento muscu-

loso com infusão de blues e improvisação perspicácia logo foram abraçados pelos fãs fanáticos do grupo.

MELHORES CANÇÕES:  
"SOULSHINE", "BLIND MAN IN THE DARK"





119

## Donita Sparks

**A**rmada com sua guitarra Gibson Flying V, Donita Sparks produziu riffs em músicas do L7 como "Slide" e "Shove", tornando a banda uma das mais explosivas da era grunge. "Há tanta coisa nos Ramones que eu me apropriei – os acordes de barra descendentes e tocar com as pernas bem afastadas", disse Sparks à *Rolling Stone*. No início de 2023, Phoebe Bridgers homenageou a banda ao usar merch do L7 no palco com SZA.

MELHORES CANÇÕES:  
"DEATHWISH", "SLIDE", "MR. INTEGRITY"

118

## Adrian Belew

**A**drian Belew tem uma impressão digital sonora imediatamente identificável, mas também é versátil o suficiente para ter colaborado perfeitamente ao longo dos anos com uma ampla gama de artistas, como Frank Zappa, David Bowie, King Crimson, Talking Heads, Laurie Anderson, Ryuichi Sakamoto e Nine Inch Nails.

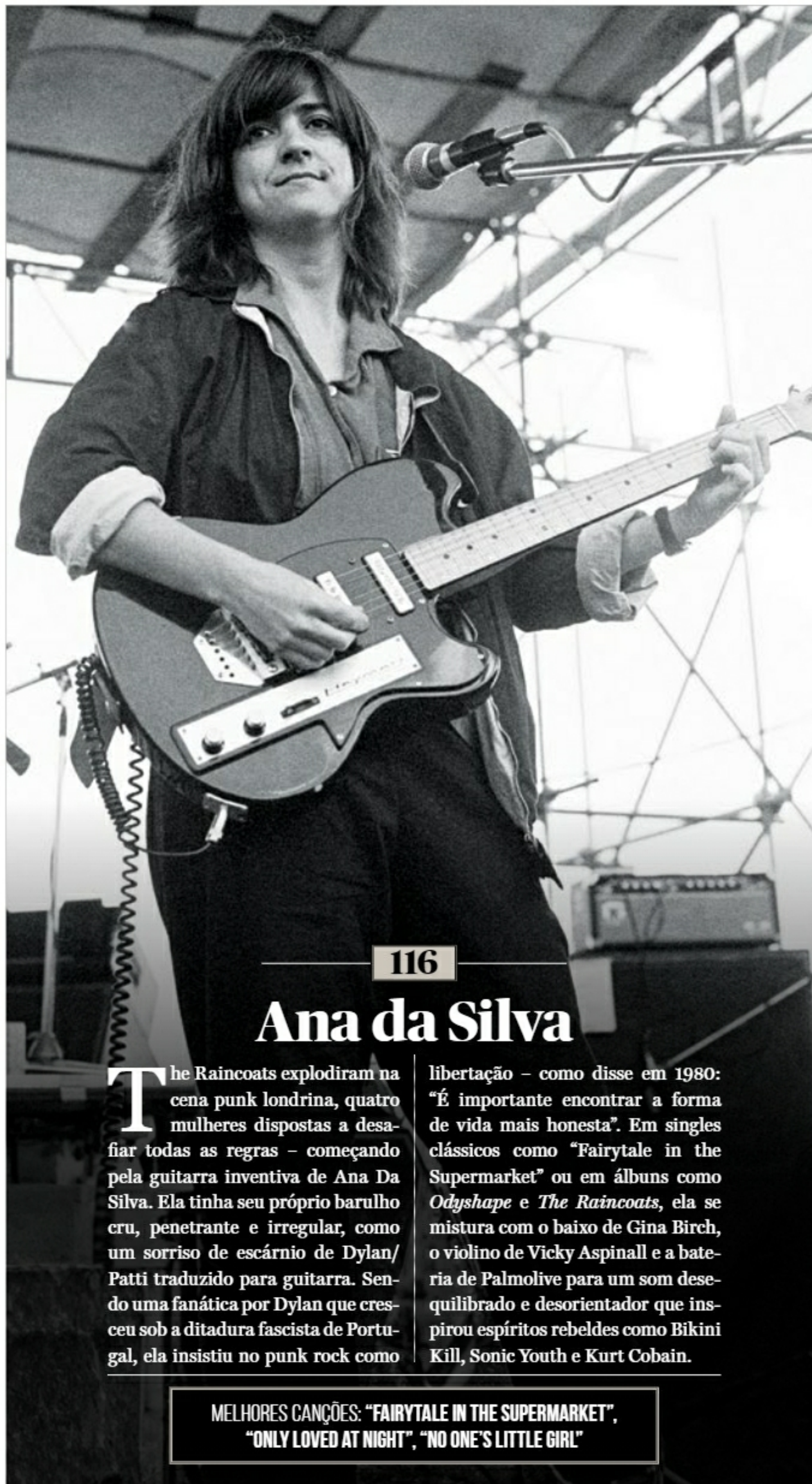
MELHORES CANÇÕES:  
"THE GREAT CURVE", "ELEPHANT TALK"

117

## Albert Collins

**E**m 1968, Jimi Hendrix falou sobre seu amor por um luminar do blues de Houston que não era conhecido fora da região: "Há um gato que continuo tentando mostrar às pessoas. Ele é ótimo, um dos melhores guitarristas do mundo." Albert Collins, que morreu de câncer de pulmão em 1993, tocou com o polegar e o indicador em vez de uma palheta para dar um toque muscular em seus solos penetrantes e agudos. Sua forma de tocar fluida e inventiva influenciou Hendrix, às vezes abertamente.

MELHORES CANÇÕES:  
"FROSTY", "SNO-CONE PART 1"



116

## Ana da Silva

**T**he Raincoats explodiram na cena punk londrina, quatro mulheres dispostas a desafiar todas as regras – começando pela guitarra inventiva de Ana Da Silva. Ela tinha seu próprio barulho cru, penetrante e irregular, como um sorriso de escárnio de Dylan/Patti traduzido para guitarra. Sendo uma fanática por Dylan que cresceu sob a ditadura fascista de Portugal, ela insistiu no punk rock como

libertação – como disse em 1980: "É importante encontrar a forma de vida mais honesta". Em singles clássicos como "Fairytale in the Supermarket" ou em álbuns como *Odyshape* e *The Raincoats*, ela se mistura com o baixo de Gina Birch, o violino de Vicky Aspinall e a bateria de Palmolive para um som desequilibrado e desorientador que inspirou espíritos rebeldes como Bikini Kill, Sonic Youth e Kurt Cobain.

MELHORES CANÇÕES: "FAIRYTALE IN THE SUPERMARKET",  
"ONLY LOVED AT NIGHT", "NO ONE'S LITTLE GIRL"



115

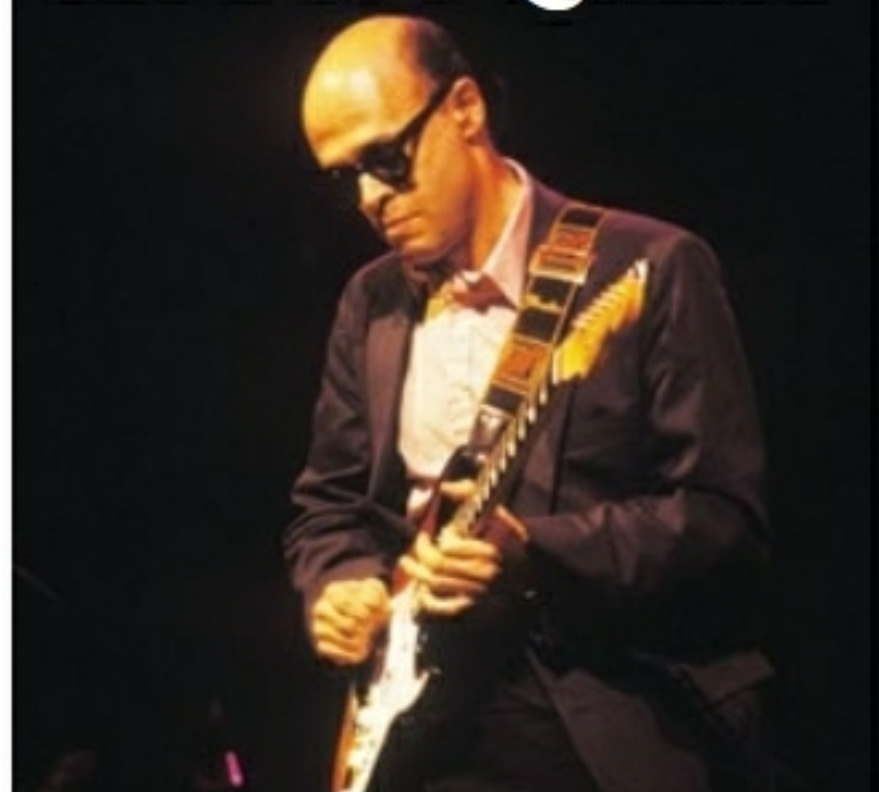
## Nels Cline

Nels Cline abordou tudo, desde o country rock gótico com os Geraldine Fibbers até um remake completo da última obra-prima de improvisação de John Coltrane, *Interstellar Space*. Ele é mais conhecido, é claro, como o desengonçado herói da guitarra de Wilco. “Nels pode tocar qualquer coisa”, disse Jeff Tweedy. “Às vezes lutamos com o lugar dele na banda – mas sempre chegamos a um lugar que é único e interessante porque tivemos dificuldades.” Esse lugar às vezes inclui cores e tons que não soam muito como guitarra rock, o que torna o trabalho de Cline ainda mais sedutor.

MELHORES CANÇÕES: “IMPOSSIBLE GERMANY”, “YOU SATELLITE”, “CONFECTION”

114

## Robert Quine

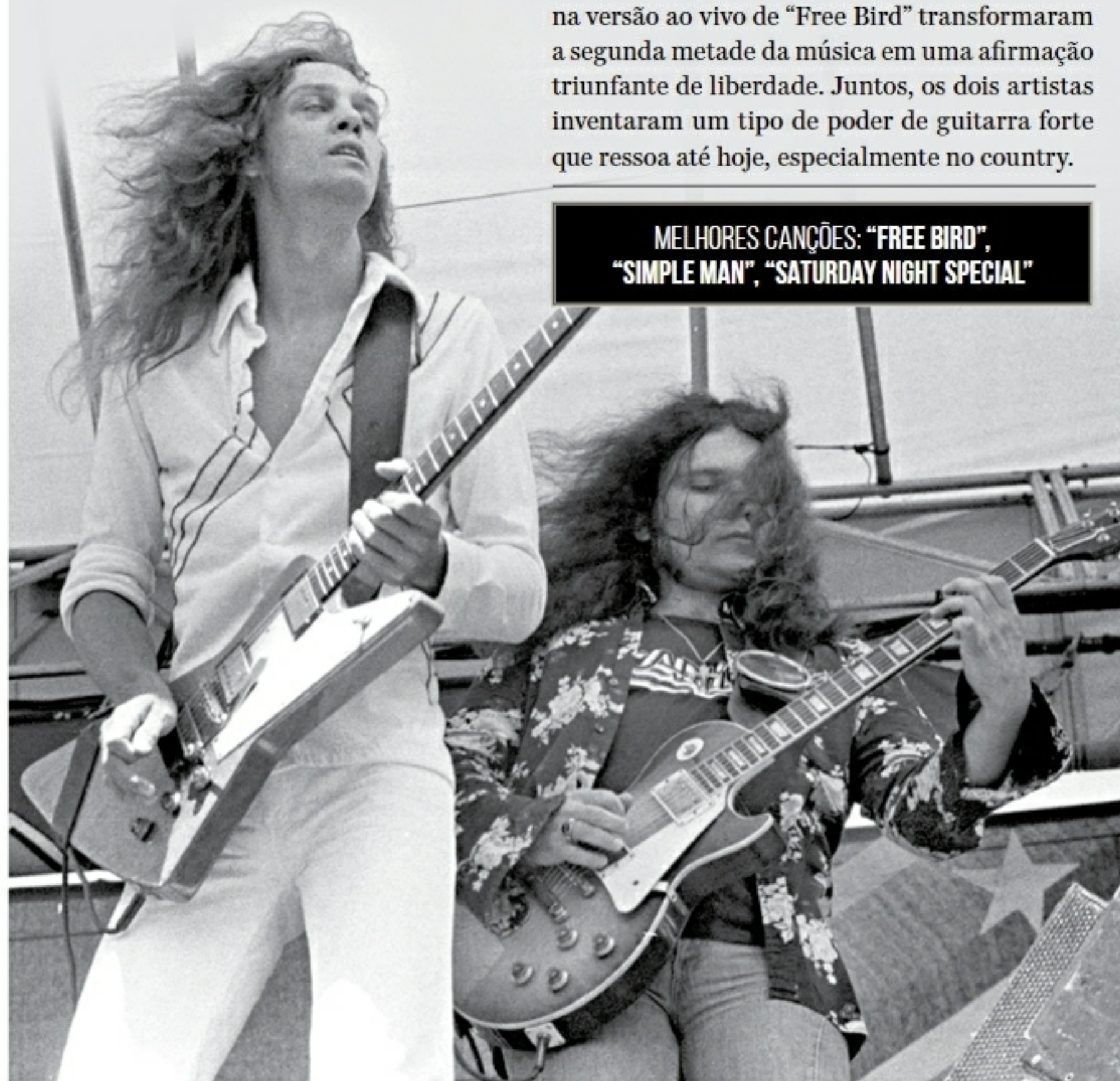


Robert Quine era igualmente fluente em free jazz e punk rock, trazendo seu próprio estilo de caos raivoso de Nova York para tudo que tocava. Ele era um tipo notoriamente combativo – como disse: “O único problema com a música é que você precisa tocá-la com outras pessoas”. Quine brilhou com Tom Waits, John Zorn, Brian Eno e Matthew Sweet. Hell disse: “Foi a combinação de raiva e delicadeza, e a pura monstruosidade da invenção, que o destacou”.

MELHORES CANÇÕES: “BLANK GENERATION”, “WAVES OF FEAR”, “GIRLFRIEND”

113

## Allen Collins e Gary Rossington



Grças ao cantor e compositor Ronnie Van Zant, Lynyrd Skynyrd trouxe um grande senso de orgulho regional ao Southern Rock. Essa vibe de “não mexa com a gente” também foi reforçada por Allen Collins e Gary Rossington, os dois principais guitarristas da banda. (Ed King e depois Steve Gaines preencheram a vaga da terceira guitarra). Cada homem contribuiu com solos notáveis para os discos do Skynyrd. Mas suas partes coexistentes na versão ao vivo de “Free Bird” transformaram a segunda metade da música em uma afirmação triunfante de liberdade. Juntos, os dois artistas inventaram um tipo de poder de guitarra forte que ressoa até hoje, especialmente no country.

MELHORES CANÇÕES: “FREE BIRD”, “SIMPLE MAN”, “SATURDAY NIGHT SPECIAL”

112

## Rowland S. Howard

O caos gótico-punk perturbado de Rowland S. Howard com Birthday Party permanecerá para sempre como uma má influência para pessoas más. A equipe australiana fez Nick Cave uivar sua poesia de sarjeta, enquanto Howard tocava “Six Strings That Drew Blood”, em explosões de ruído artís-

tico dos anos 1980, como *Junkyard* e *Mutiny*. Ele continuou explorando com Crime and the City Solution, These Immortal Souls, colaborações com Lydia Lunch e Nikki Sudden. Mas, apesar de tudo, o som de sua guitarra era tão magro quanto suas maçãs do rosto, tão irregular quanto seus lenços. O documentário *Autoluminescent* narra sua vida e morte. Cave o chamou de “o guitarrista mais original, talentoso e intransigente da Austrália”.

MELHORES CANÇÕES: “THE FRIEND CATCHER”, “JUNKYARD”



111

## Kelley Johnson

**K**elley Johnson ajudou a fazer do Girlschool uma das bandas mais ferozes a explodir na explosão do metal no Reino Unido no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Eles tiveram seu maior sucesso com o EP *St. Valentine's Day Massacre*, de

1981, com seus amigos do Motörhead. Como disse Lemmy: “Kelly Johnson, em um dia bom, é tão boa quanto Jeff Beck em seus dias de rock & roll. Ela é uma guitarrista brilhante.” Johnson morreu de câncer na coluna em 2007, com apenas 49 anos. Em seu próximo álbum, *Girlschool* sacudi a urna com suas cinzas como maracas, só para que pudessem incluí-la na música.

MELHORES CANÇÕES:  
“NOT FOR SALE”, “YEAH RIGHT”



110

## Lindsey Buckingham

**Q**uando ele e sua parceira Stevie Nicks se juntaram à banda britânica de blues-rock Fleetwood Mac, oito anos após iniciar carreira, o guitarrista californiano Lindsey Buckingham tinha um grande lugar para ocupar - o mais famoso é o guitarrista original do grupo, Peter Green. Não demorou muito, porém, para que Buckingham se estabelecesse como um feroz

solista ao vivo, cujo estilo é adaptado de sua experiência inicial tocando banjo. “Não é uma técnica clássica aceitável”, disse ele, “mas a maior parte do que faço não é. Você faz o que pode para obter o som que deseja.” Você pode ouvir suas raízes folk aparecendo em clássicos do Mac como “Never Going Back Again” e “Go Your Own Way”, bem como em seu solo em “Hold Me”.

MELHORES CANÇÕES: “RHIANNON”, “GO YOUR OWN WAY”

109

## Mick Ronson



**F**oi uma colaboração estimulante - o fraseado conciso e a distorção distorcida de Mick Ronson desencadearam o confronto sexualmente turvo de David Bowie, durante o papel de rei glamouroso deste último como Ziggy Stardust no início dos anos 1970. “Mick foi o contraponto perfeito para o personagem Ziggy”, disse Bowie. “Éramos tão bons quanto Mick e Keith ou Axl e Slash... a personificação desse dualismo rock & roll.” A parceria histórica, na verdade, é anterior a Ziggy Stardust, atingindo seu primeiro pico no longo e metálico furor da gravação de Bowie em 1970, “The Width of a Circle”. “Quero que as pessoas digam: ‘Uau, isso não é ótimo e não é simples?’”, disse Ronson, que morreu em 1993, certa vez. “Se você ficar meio sofisticado e confuso, estará apenas confundindo as pessoas com a ciência.”

MELHORES CANÇÕES:  
“THE WIDTH OF A CIRCLE”, “SUFFRAGETTE CITY”

108

## Merle Travis

**M**erle Travis frequentemente soava como um conjunto inteiro com apenas uma guitarra. O nativo de Kentucky surgiu de uma tradição de instrumentistas, mas construiu a abordagem para incluir explosões deslumbrantes de jazz, ragtime e blues, todas entrelaçadas sem esforço.

MELHORES CANÇÕES:  
“CANNONBALL RAG”, “NINE POUND HAMMER”



107

## Clarence White

Clarence White ajudou a moldar dois gêneros. Sua escolha acústica plana, exibida pela primeira vez na adolescência, quando ele e seu irmão formaram o Kentucky Colonels, foi fundamental para tornar a guitarra um instrumento principal no bluegrass. Mais tarde, ele preparou o cenário para o country rock e transferiu essa precisão e simetria para a guitarra elétrica. Destaque nos anos 1960, ele tocou no marco dos Byrds em 1968, *Sweetheart of the Rodeo*. White trouxe uma euforia rock encorpada para o time. “Ele nunca tocou nada que parecesse vagamente fraco”, disse o líder dos Byrds, Roger McGuinn. “Ele estava sempre dirigindo... na música.”

MELHORES CANÇÕES: “TIME BETWEEN”, “THIS WHEEL’S ON FIRE”, “CHESTNUT MARE”

106

## Peter Buck

Como Johnny Marr, Peter Buck, do R.E.M., foi um anti-herói da guitarra nos anos 1980 – um cara que deixou sua marca com melodias vibrantes e riffs cintilantes, em vez de solos agressivos. Desde a mistura de arpejos cirúrgicos e acordes poderosos em “Radio Free Europe” até a versão superdimensionada em “The One I Love”, seu som era, ao mesmo tempo, lindo e prosaicamente agressivo. “Quando Peter toca guitarra, há uma forte sensação de f\*\*\*-se que vem do seu lado do palco”, diz Bono. “Eles foram uma ponte para mim entre gravadoras indie puristas como Homestead e SST e power pop como Big Star e Velvet Underground”, disse Stephen Malkmus, do Pavement.

MELHORES CANÇÕES: “RADIO FREE EUROPE”, “THE ONE I LOVE”

104

## Ali Farka Touré

Muito antes de Bombino ou Tinariwen decolarem, o cantor e compositor maliano Ali Farka Touré colocou sua guitarra magnética na frente e no centro de um groove escorregadio que unia o blues elétrico e a música tradicional da África Ocidental. Quando questionado em 1994 sobre as diferenças entre ele e as suas influências americanas – John Lee Hooker foi o principal deles – ele disse: “Eu permaneci na tradição, e elas evoluíram no exílio”. Mas ele também está sempre evoluindo: a forma de tocar de Touré no álbum *Voyageur* (2023) é, no mínimo, ainda mais alegre e terrena do que em clássicos anteriores como *The River*, de 1990.

MELHORES CANÇÕES: “HEYGANA”, “SAFARI”

105

## Slash

Em 1987, *Appetite for Destruction*, do Guns N’ Roses, fez do cartola e durão Saul “Slash” Hudson um herói da guitarra instantâneo. O dilacerante riff de abertura de “Sweet Child O’ Mine” teria funcionado por si só, mas o som áspero e precipitado da execução em “Paradise City” e “Welcome to the Jungle” selou o acordo. “Era um som rock & roll despojado comparado ao que todo mundo estava fazendo”, diz Slash. Ele poderia fazer riffs como Joe Perry e se entrelaçar, ao estilo dos Stones, com Izzy Stradlin. E solos líricos como a grandiosidade do topo da montanha de “November Rain” foram permanentemente atados à estrutura das músicas. “É difícil tocar esses solos de qualquer outra maneira”, diz Slash. “Vai soar errado.”

MELHORES CANÇÕES: “SWEET CHILD O’ MINE”, “WELCOME TO THE JUNGLE”



FOTOS: ETHAN MILLER/GETTY IMAGES, LORNE THOMSON/REDFERNS



103

## Nancy Wilson

“Nancy fazia uma palhetada lindamente complicada, depois virava a cabeça e criava um riff que deixaria muitos guitarristas humilhados”, disse Chris Cornell. É o que define a carreira de cinco décadas de Nancy Wilson, solo ou com o Heart. “Crazy on You”, de 1975, é um exemplo. O instrumental flamenco de Nancy afirmou o lugar do violão no hard rock. Seu talento ainda alcançou o folk, o pop e o soul, embalando os vocais da irmã Ann, em seu poder celestial.

MELHORES CANÇÕES: “CRAZY ON YOU”, “MISTRAL WIND”, “DOG AND BUTTERFLY”

102

## Billy Gibbons

Billy Gibbons foi guitarrista digno de nota muito antes de deixar aquela barba épica. Segundo a tradição do acid-rock do Texas, Jimi Hendrix ficou tão impressionado com sua habilidade que deu ao jovem guitarrista uma Stratocaster rosa como presente. Desde então, Gibbons descreveu o que toca com seu trio de quatro décadas, ZZ Top, como “bater na prancha”. O trabalho de Gibbons tem sido religiosamente verdadeiro. “Você definitivamente pode fazer alguém se mexer um pouco na cadeira”, diz Gibbons sobre seus solos, “se você souber para onde está indo e acabar lá”.

MELHORES CANÇÕES: “JESUS LEFT CHICAGO”, “LA GRANGE”

101

## John Fogerty

Como ele mesmo disse, John Fogerty não é o guitarrista mais chamativo ou técnico que existe, mas o fundador do Creedence Clearwater Revival é um monstro absoluto em tom e sentimento.

MELHORES CANÇÕES: “UP AROUND THE BEND”, “RAMBLE TAMBLE”

100

## Kerry King



Embora seu solo mais conhecido seja provavelmente uma participação especial no hit de 1986 dos Beastie Boys, “No Sleep Till Brooklyn”, as contribuições do cofundador do Slayer, Kerry King, para o som e a sensibilidade do thrash metal dos anos 1980 serão sua contribuição duradoura para o mundo. King, junto com seu co-guitarrista Jeff Hanneman, criou uma marca de riffs muito mais sombrios, mais dissonantes e

distorcidos em clássicos do Slayer. Os solos de King, um ataque derretimento de palhetadas de tremolo, corridas cromáticas atonais e mergulhos uivantes nas barras, são, ao mesmo tempo, enervantes e tingidos com um skronk de free-jazz que não é apenas totalmente maligno, é atemporalmente moderno também. “Não há nada que diga que tocar fora do tom é errado”, disse King ao *Music Radar*. “Para mim, tudo que parece bom está certo.”

MELHORES CANÇÕES: “ANGEL OF DEATH”, “RAINING BLOOD”



99

## Tosin Abasi

Somente após lançar seu grupo instrumental agressivo e acrobático, Animals as Leaders, Tosin Abasi consolidou sua reputação como um dos mais emocionantes e inovadores guitarristas da última década. Abasi adotou um instrumento de oito cordas e alcance estendido e inventou técnicas incompreensíveis, como palhetada seletiva, batida e “palhetada swybrid”. Pode-se argumentar que Abasi também está redefinindo a própria noção do que significa ser guitarrista. “Estou sempre tentando progredir”, disse ele em uma entrevista em 2020. “E isso significa que tenho que conceber novas formas de produzir harmonia e ritmo no violão.”

MELHORES CANÇÕES: “CAFO”, “TOOTH AND CLAW”, “THE PROBLEM OF OTHER MINDS”

97

## Stephen Malkmus

Quando Pavement começou, Stephen Malkmus apareceu como um brincalhão indie. Mas ele logo provou ser o romântico da guitarra de sua época. Ele toca ondulações emocionais, irregulares e fluentes em todos os álbuns. Depois fica mais fragmentado, na psicologia desgrenhada de *Real Emotional Trash*, na sagacidade elegíaca de *Mirror Traffic* ou em seu experimento popular, *Traditional Techniques*. Nas recentes turnês do Pavement, ele apresenta a banda em tom de brincadeira como “Phishport Convention”. Mas sua independência doida fez dele um ícone para os guitarristas mais jovens, inspirando o tributo do Beada-doobie, “I Wish I Was Stephen Malkmus”.

MELHORES CANÇÕES: “GOLD SOUNDZ”, “NIGHT SOCIETY”, “SHARE THE RED”

96

## Mark Knopfler

O primeiro grande momento de guitar hero de Mark Knopfler – o solo rápido e gloriosamente melódico do hit de 1978 do Dire Straits, “Sultans of Swing” – veio em um momento no qual o punk parecia estar tornando obsoleta a ideia de um guitar hero. E ainda assim Knopfler construiu uma reputação como um virtuoso intensamente criativo (para não mencionar um exímio compositor), mostrando notável domínio sobre uma gama de tons e texturas. Uma chave para o estilo característico de Knopfler: tocar sem palheta. “Brincar com os dedos”, disse ele, “tem algo a ver com imediatismo e alma”. A versatilidade de Knopfler tornou-o muito procurado para projetos com artistas como Tina Turner, Eric Clapton e Bob Dylan, que primeiro chamou Knopfler para *Slow Train Coming*, de 1979.

MELHORES CANÇÕES: “SULTANS OF SWING”, “ROMEO AND JULIET”

95

## Mary Timony

A ferozmente brilhante Mary Timony vem reescrevendo o livro de regras da guitarra há três décadas. Adolescente devota de Satriani/Vai, ela levou toda a sua técnica clássica treinada para o punk rock. “Eu frequentei a escola de música, mas estava tocando na cena hardcore de D.C.”, diz ela. “Eu sabia que queria falar alto.” Ela se firmou com Helium, uma das bandas mais impressionantes dos anos 1990, em clássicos de vanguarda como *The Dirt of Luck*. Ela passou para o progressivo, a psicodelia, a arrogância do rock de Wild Flag e Ex Hex. Outros trituradores a idolatram. Carrie Brownstein a chama de “Timony, aquela bruxa tonta”. Lindsey Jordan, do Snail Mail – uma de suas alunas de guitarra – disse à *Rolling Stone*: “Todo mundo quer ser ela”.

MELHORES CANÇÕES: “XXX”, “PAT’S TRICK”, “GLASS TAMBOURINE”

98

## Link Wray



Quando Link Wray lançou o emocionante e sinistro “Rumble” em 1958, ele se tornou um dos únicos instrumentais a ser banido das rádios – por medo de que pudesse incitar a violência de gangues. Ao perfurar o cone do alto-falante de seu amplificador com um lápis, Wray criou o som distorcido e overdrive que reverberaria através do metal, punk e grunge. Wray, que orgulhosamente reivindicou ascendência indígena Shawnee e perdeu um pulmão devido à tuberculose, era o arquétipo do durão vestido de couro, e apenas os títulos de suas músicas – “Slinky”, “The Black Widow” – transmitem a força e a ameaça de sua forma de tocar. “Ele era maluco”, disse Dan Auerbach, do Black Keys. “Eu ouvia ‘Some Kinda Nut’ repetidamente. Parecia que ele estava estrangulando o violão – como se estivesse gritando por socorro.”

MELHORES CANÇÕES: “RUMBLE”, “JACK THE RIPPER”, “RAW-HIDE”





94

## Joe Satriani

**M**esmo que ele fosse conhecido apenas como o guitarrista que já contou com Kirk Hammett e Steve Vai entre seus alunos, Joe Satriani ainda pode ser um músico cujo nome é sussurrado em voz baixa. Mas no ecossistema “quanto mais rápido, melhor” dos anos 1980, Satriani astutamente encontrou um nicho para si como o “destruidor de bom gosto”, uma voz melódica da razão. Claro, “Satch”, como é frequentemente chamado, tinha talento para queimar, mas em faixas exclusivas como “Surfing With the Alien” e “Summer Song”, ele as utiliza criteriosamente e sempre a serviço da música, como os guitarristas de rock clássico que ele cresceu idolatrando. “Se alguém quiser tocar muito rápido, pode praticar seis horas por dia e em dois anos ver resultados surpreendentes”, disse Satriani ao *Guitar Player*. “Mas não existe um método para tocar como Jimi Hendrix ou Jimmy Page.”

MELHORES CANÇÕES:  
“SURFING WITH THE ALIEN”, “SUMMER SONG”

93

## Leo Nocentelli

**C**rescendo em Nova Orleans, Leo Nocentelli queria tocar jazz como seus heróis da guitarra Kenny Burrell e Wes Montgomery. Mas, quando ele “acordava no meio da noite com um riff na cabeça”, como disse a um repórter, a música assumia um formato mais funk. Com seus companheiros de banda no Meters, Nocentelli “costumava pegar coisas que já eram bem descoladas e torná-las realmente descoladas”, como afirmariam gerações de samplers de hip-hop e dance music. Os riffs de Nocentelli doeram friamente, seja em obras-primas do Meters como “Cissy Strut” e “Just Kissed My Baby” ou enquanto acompanhava Labelle em “Lady Marmalade”, entre muitos outros.

MELHORES CANÇÕES:  
“CISSY STRUT”, “JUST KISSED MY BABY”

92

## Wata

**M**ais do que a guitarra, o instrumento de Wata é o seu amplificador. Ao longo dos anos, sua banda, o trio de metal de vanguarda Boris, intitulou os álbuns *Amplifier Worship*, *Feedbacker* e *Noise* - literalismos de como ela evoca drones e tons longos e resmungões de seu amplificador, deixando cada acorde difuso borbulhar até desaparecer. Mas Wata é mestre em mais do que ruído. Nos quase 30 álbuns de Boris, ela e seus companheiros de banda alternaram entre rock psicodélico, doom metal e shoegaze. O mais impressionante é que em *Pink*, ela usa um EBow (um arco de violino eletrônico para guitarras elétricas) para criar notas que surfam nas ondas sonoras.

MELHORES CANÇÕES:  
“HUGE”, “JUST ABANDONED MYSELF”

91

## Cat Coore

**S**tephen “Cat” Coore do Third World redefiniu praticamente as alturas que a guitarra reggae poderia atingir, com solos abrasadores que podem ficar ao lado dos mais aclamados deuses da guitarra do rock - confira seu trabalho de cordas em “Try Jah Love” de 1982, por exemplo, de por que seu jogo principal às vezes é comparado ao de Carlos Santana. Mas a apreciação de Coore pela importância do ritmo é essencial para o seu estilo, e os seus acompanhamentos muitas vezes ajudam a impulsionar o melhor do Terceiro Mundo. Ele também é um mestre no violão, nem sempre associado à música jamaicana - seus fretwork em “1865 (96 Degrees in the Shade)” ajudaram a abrir as mentes dos ouvintes jamaicanos e de outros guitarristas jamaicanos quanto às possibilidades do acústico no reggae.

MELHORES CANÇÕES: “TRY JAH LOVE”,  
“1865 (96 DEGREES IN THE SHADE)”

90

## Mdou Moctar

**E**m Níger, Mdou Moctar foi proibido pelos seus rígidos pais de tocar guitarra. Destemido, ele construiu um violão de quatro cordas com um pedaço de madeira, reaproveitou cabos de bicicleta e abridores de latas de sardinha e iniciou uma jornada musical que trouxe sua marca única e hipnótica de música Touareg para Europa, EUA e além. Tendo agora adquirido uma Fender Stratocaster, Mdou usa efeitos de modulação como flanging e chorus com eco e reverb para dar às suas linhas nítidas, mas infalivelmente melodiosas, um brilho que evoca vastas extensões espirituais e terrestres. “O céu e as estrelas inspiram você quando você quer escrever algo ou quando precisa tocar”, disse ele à *Guitar World* em 2021. “É uma sensação de ser livre para fazer o que for preciso.”

MELHORES CANÇÕES: “TARHATAZED”,  
“MDOU’S THEME”, “AFRIQUE VICTIME”





89

## Lou Reed

Conhecido mais como compositor do que como músico virtuoso, Lou Reed sempre foi um guitarrista feroz - um fã tanto do R&B musculoso de Ike Turner quanto do free jazz escaldante de Ornette Coleman, que estava inventando novas abordagens desde o início com o Velvet Underground. Como artista solo, Reed continuou rasgando o livro de regras: veja *Metal Machine Music*, de 1975, uma obra sonora que levou o feedback mais longe do que Jimi Hendrix poderia ter imaginado.

MELHORES CANÇÕES: "SISTER RAY",  
"HEROIN", "FOGGY NOTION"

88

## Kurt Cobain

Não é surpreendente para alguém que cresceu adorando tanto o Kiss quanto os Melvins, que a abordagem de Kurt Cobain ao instrumento estava naquele terreno fértil entre o rock de arena e o indie punk. "Eu nunca quis cantar", disse Cobain à *Rolling Stone* em 1994, lembrando os dias anteriores ao sucesso. "Eu só queria tocar guitarra base - me esconder no fundo e apenas tocar." Cobain conhecia bem um acorde poderoso ("In Bloom" e "Stay Away"), mas os solos dele sempre foram inventivos e pouco convencionais. Cobain preferia a textura e a crueza ao flash, e com ele, uma geração de roqueiros alternativos aprendeu que não é preciso ser um virtuoso para ser um guitar hero.

MELHORES CANÇÕES: "SMELLS LIKE  
TEEN SPIRIT", "SCENTLESS APPRENTICE"



FOTOS: MICHAEL PUTLAND/GETTY IMAGES, JEFF KRAVITZ/FILMMAGIC, BRIAN RASIC/GETTY IMAGES, DON PAULSEN/MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES



87

## Poison Ivy



**A** própria Poison Ivy disse da melhor maneira: “Ninguém nunca fala comigo sobre música ou guitarra. Eu sou a rainha do rock & roll, e isso não ser reconhecido é puro sexismo.” O verdadeiro motor dos Cramps, Ivy e sua guitarra laranja adicionaram o sabor zumbi de Dick Dale à assombrada banda de rockabilly. Apesar de ser a co-letrista e compositora de fato da banda, Ivy às vezes pode ter ficado em segundo plano em relação a seu colega de banda e parceiro mais extravagante, Lux Interior, que morreu em 2009, mas seu estilo de seis cordas inspirou inúmeras bandas com gosto por surf rock sexy com um toque sangrento. “Talvez isso tenha tornado mais fácil para mim pensar em tocar guitarra, porque eu era uma desajustada de qualquer maneira”, disse ela uma vez. “Talvez seja mais difícil para alguém que se enquadra fazer isso. Para mim, qualquer coisa era um jogo justo.”

MELHORES CANÇÕES:  
“HUMAN FLY”, “GOO GOO MUCK”

85

## Larry Carlton

**Q**uando Joni Mitchell e Steely Dan, dois dos nomes mais aventureiros musicalmente dos anos 1970, quiseram fazer obras-primas com infusão de jazz, ambos recorreram ao mesmo guitarrista: o mestre Larry Carlton, que tocou como se não houvesse diferença entre a assustadoramente sofisticada mudança de acordes e o rock e folk mais elementar. Seu momento mais famoso veio com dois destaques em “Kid Charlemagne” da banda, onde ele casualmente mescla curvas de blues-rock, corridas de jazz e psicodelia cósmica em um dos maiores solos de guitarra já gravados.

MELHORES CANÇÕES:  
“KID CHARLEMAGNE”, “JOSIE”, “RIO SAMBA”

86

## Sonny Sharrock

**S**onny Sharrock queria ser o próximo John Coltrane - até que a asma o levou ao violão em vez do sax. Mas, como ele disse em 1990, “eu me considero um saxofonista de jazz com uma trompa muito fod\*\*\*”. Sharrock trouxe a distorção do estilo rock ao jazz em clássicos como *Tauhid* de Pharoah Sanders (1966) e *Jack Johnson* de Miles Davis (1971). Ele desapareceu por anos, mas atingiu seu auge nos anos 1980 com sua guitarra solo e a banda de vanguarda de Bill Laswell, Last Exit. Ele finalmente fez sua obra-prima em *Ask the Ages*, tocando com Sanders e o baterista Elvin Jones, pouco antes de sua trágica morte em 1994. “Música interdenominacional intergaláctica”, Carlos Santana o chamou. “Ele é como Coltrane - ele é o leão cósmico.”

MELHORES CANÇÕES: “YESTERNOW”,  
“SHERASERHEAD’S HIGH-TOP SNEAKERS”

84

## Muddy Waters



**S**e ele tivesse ficado no Mississippi tocando em roadhouses em Clarksdale e arredores, McKinley Morganfield teria sem dúvida sido lembrado como um gigante do country blues. Mas após se mudar para o norte, para Chicago, e descobrir a guitarra elétrica, Muddy Waters mudou as regras pelas quais o blues era tocado. No início, ele optou pela eletricidade simplesmente para garantir que sua guitarra fosse ouvida em meio ao barulho das multidões barulhentas das grandes cidades. Mas, à medida que sua forma de tocar se adaptava ao novo instrumento, sua música adquiriu um tom mais agressivo, que foi intensificado por uma banda que incluía o pianista Otis Spann e o mago da gaita Little Walter. Suas canções, que incluíam clássicos como “Hoochie Coochie Man”, “Got My Mojo Working” e “Rollin’ and Tumblin’”, tornaram-se referências para tocadores de blues e jovens roqueiros.

MELHORES CANÇÕES:  
“ROLLIN’ STONE”, “MANNISH BOY”





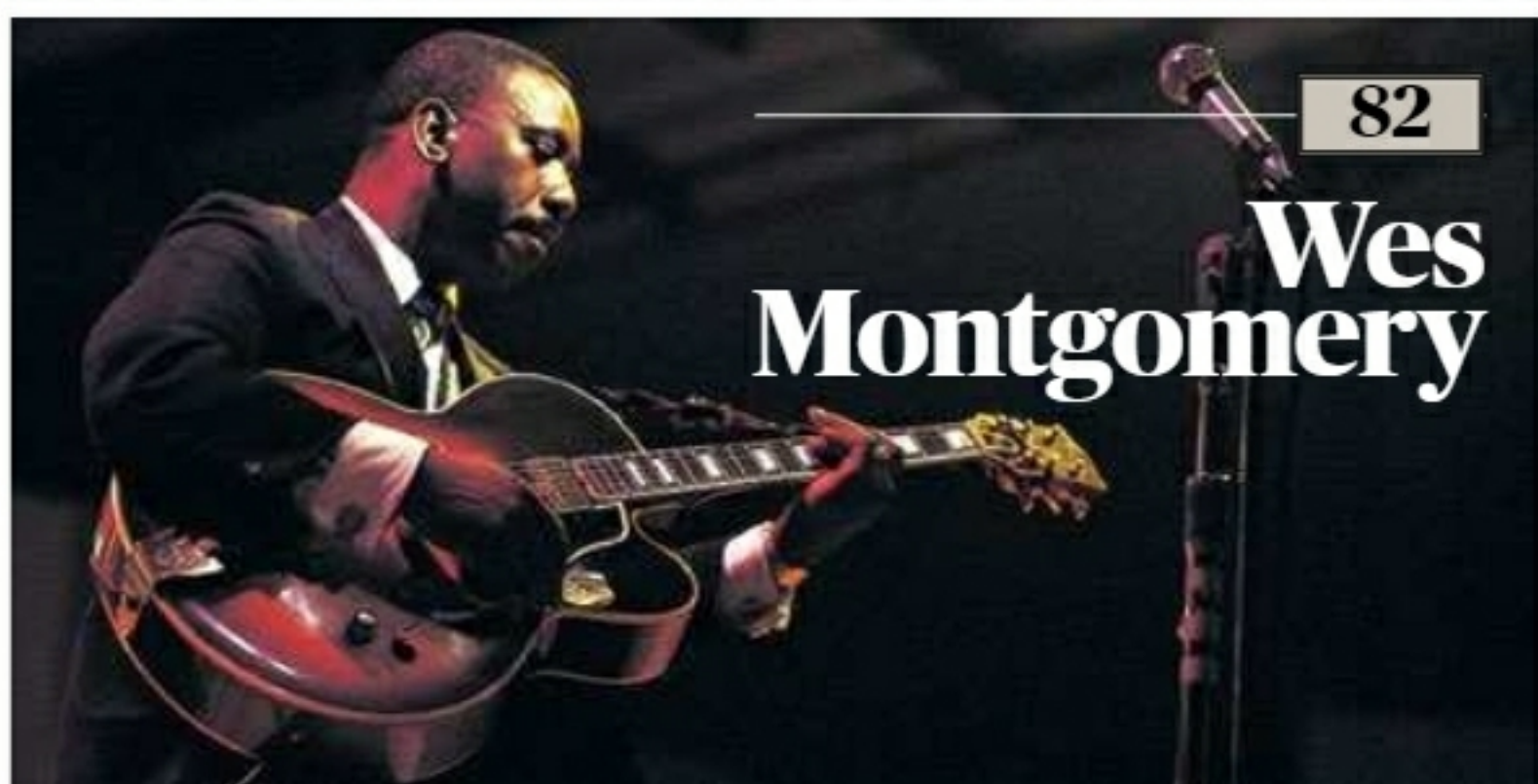
83

## Dave Murray e Adrian Smith

**A**s armas secretas do Iron Maiden sempre foram velocidade e harmonia, técnicas pioneiras dos guitarristas Dave Murray e Dennis Stratton no álbum de estreia autointitulado da banda, e posteriormente aperfeiçoadas por Murray e Adrian Smith, começando com *Killers* de 1981 e os clássicos álbuns da banda dos anos

1980. A dupla comanda os riffs galopantes da banda com rara intensidade, fazendo pausas apenas para se entregar aos próprios solos únicos. É um combo que define canções adoradas como "The Trooper", "Run to the Hills" e "Aces High". Desde 1999, a linha de guitarras é um trio com Janick Gers, apenas agregando harmonia e potência.

MELHORES CANÇÕES: "HALLOWED BE THY NAME", "ACES HIGH", "THE EVIL THAT MEN DO"



82

## Wes Montgomery

**N**o documentário *Influences*, Carlos Santana apontou Wes Montgomery como um dos três guitarristas que mais o inspiraram. Conhecido por um estilo único de tocar o polegar que lhe permitiu tocar linhas melódicas em oitavas, Montgomery se tornou um dos guitarristas mais requisitados do jazz. Trabalhando com o produtor Creed Taylor, ele cortou tudo, desde o hard bop até o funky soul jazz. Mas foi sua abordagem exuberantemente orquestrada de sucessos do rock, *A Day in the Life*, de 1967, que lhe rendeu seu maior público, abrindo caminho para o jazz suave.

MELHORES CANÇÕES: "FOUR ON SIX", "WILLOW WEEP FOR ME", "BUMPIN' ON SUNSET"

81

## Bert Jansch

**A**cena folk-rock do Reino Unido dos anos 1960 nos proporcionou uma aula de música cheia de músicos talentosos, como Richard Thompson e John Renbourn. Mas há uma razão pela qual Bert Jansch, o cantor e guitarrista escocês, foi nomeado por Jimmy Page e Neil Young. Seja em seus próprios discos ou com a banda clássica Pentangle, que também apresentava Renbourn, a austera dedilhação de Jansch (que combinava com sua voz de cantor) tinha uma personalidade ágil e temperamental própria. Em suas mãos, o violão evocava mais passeios isolados no interior da Grã-Bretanha do que cantos em pubs.

MELHORES CANÇÕES: "BLACK WATER SIDE", "THE WAGGONER'S LAD"

80

## Derek Trucks

**D**erek Trucks - sobrinho do baterista do Allmans, Butch Trucks - começou a tocar slide guitar aos nove anos e estava em turnê aos 12. Quando ele assumiu o lugar de slide guitar do falecido Duane Allman na Allman Brothers Band em 1999, aos 20 anos, os solos de Derek explodiram em direções emocionantes, conseguindo incorporar delta blues, hard-bop jazz, os êxtases vocais do Southern black gospel e modalidades e ritmos indianos-raga.

MELHORES CANÇÕES: "JOYFUL NOISE", "WHIPPING POST" (VERSÃO DE ONE WAY OUT)

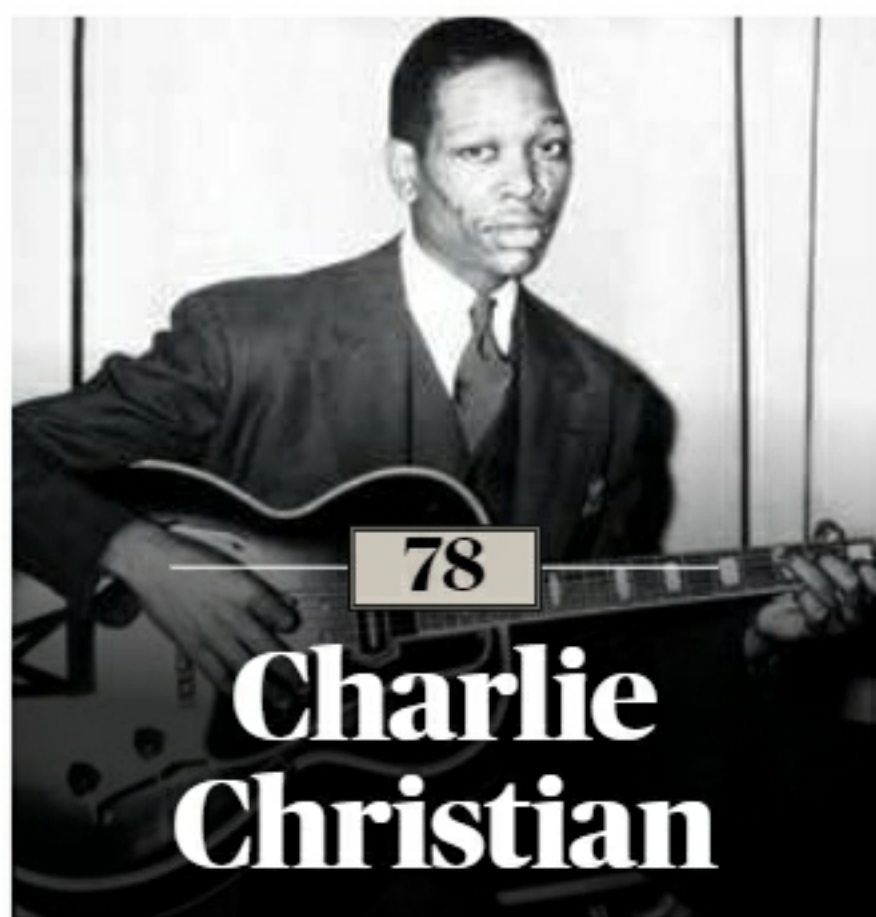


79

## Ernie Isley

Quando Ernie Isley pegou o violão pela primeira vez quando era adolescente, foi para aprender a versão acústica de Jose Feliciano de "Light My Fire" dos Doors – e, claro, Jimi Hendrix, ex-guitarrista dos Isley Brothers, morava com a família quando Ernie era adolescente. Então ele estava pronto para os holofotes quando fez seu solo em "That Lady", em 1973, feito em um único take. A música teve um impacto imediato e descomunal no som dos Isleys – seus longos solos eram uma característica tanto dos álbuns clássicos da banda dos anos setenta quanto de seus shows ao vivo – e seu fuzztone irradiado e extático continua sendo um marcador de uma era tranquila.

MELHORES CANÇÕES:  
"THAT LADY", "VOYAGE TO ATLANTIS"



78

## Charlie Christian

Ele nunca liderou uma sessão de gravação e passou apenas três anos sob os holofotes antes de sucumbir à tuberculose em 1942, mas Charlie Christian ainda conseguiu se tornar um dos guitarristas mais influentes de todos os tempos. Sua grande chance veio em 1939, quando foi contratado por Bennie Goodman, que rapidamente fez dele um solista de destaque em seu sexteto, onde seu estilo enérgico e de nota única o colocou no mesmo nível dos trompistas. "A batida veio primeiro", disse Les Paul, um amigo. "Ele se trancou naquele som de direção."

MELHORES CANÇÕES: "SOLO FLIGHT", "GONE WITH WHAT WIND", "LESTER'S DREAM"

77

## Willie Nelson

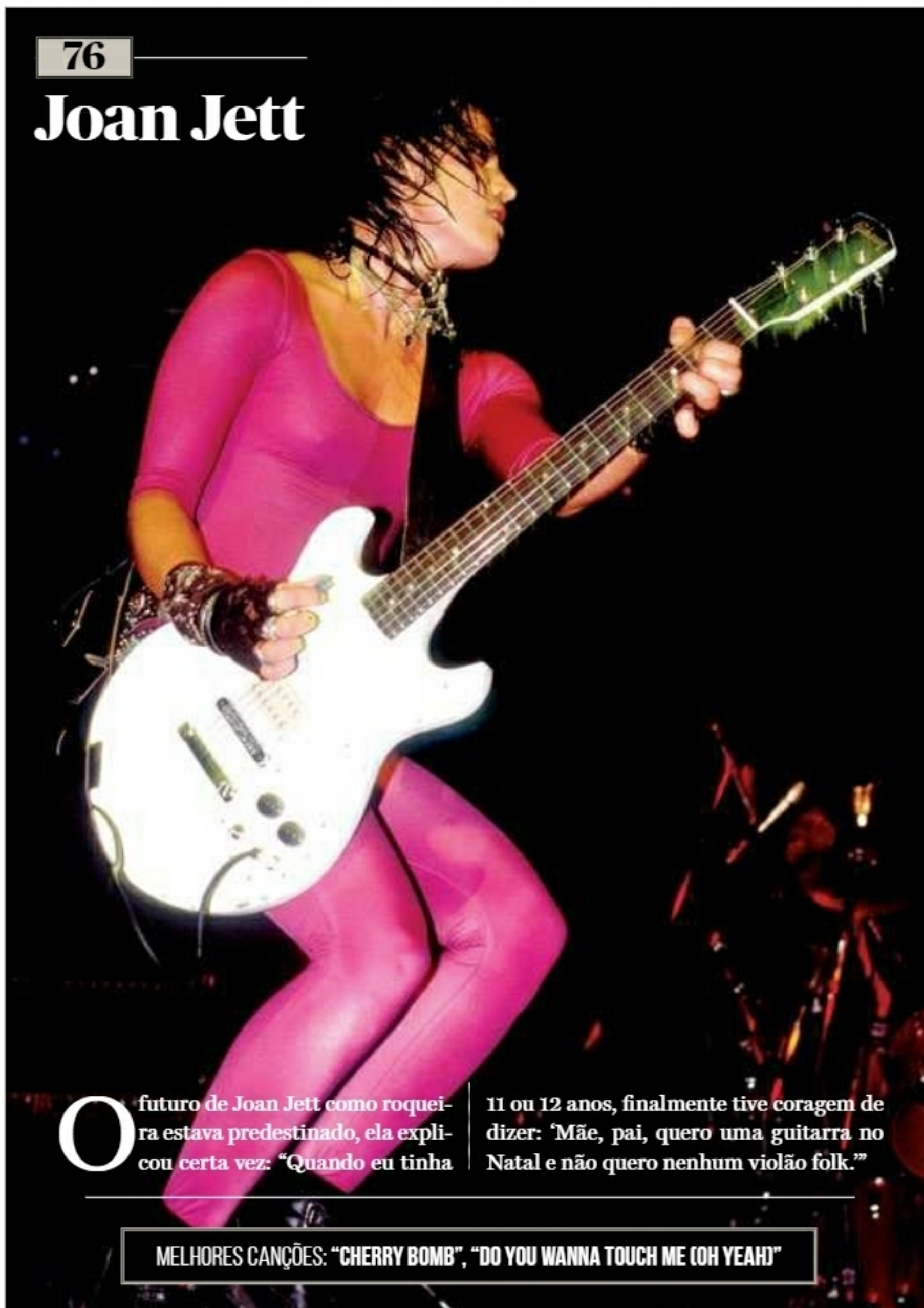
O jeito de tocar violão de Willie Nelson é enganosamente descontraído, divertidamente excêntrico e instantaneamente reconhecível. Surpreendentemente, Nelson toca o mesmo violão clássico Martin M-20, apelidado de Trigger, desde 1969; definiu seu som, uma mistura de country, blues e jazz cigano de Django Reinhardt. "Chamei mi-

nha guitarra de Trigger porque é uma espécie de meu cavalo", explicou ele. "Roy Rogers tinha um cavalo chamado Trigger." Embora a guitarra agora tenha um grande buraco, Nelson ainda a toca todas as noites. "Passei a acreditar que estávamos destinados um ao outro", disse ele. "Nós dois até somos parecidos. Estamos ambos muito cansados e machucados."

MELHORES CANÇÕES:  
"WHISKY RIVER", "NIGHT LIFE"

76

## Joan Jett



O futuro de Joan Jett como roqueira estava predestinado, ela explicou certa vez: "Quando eu tinha

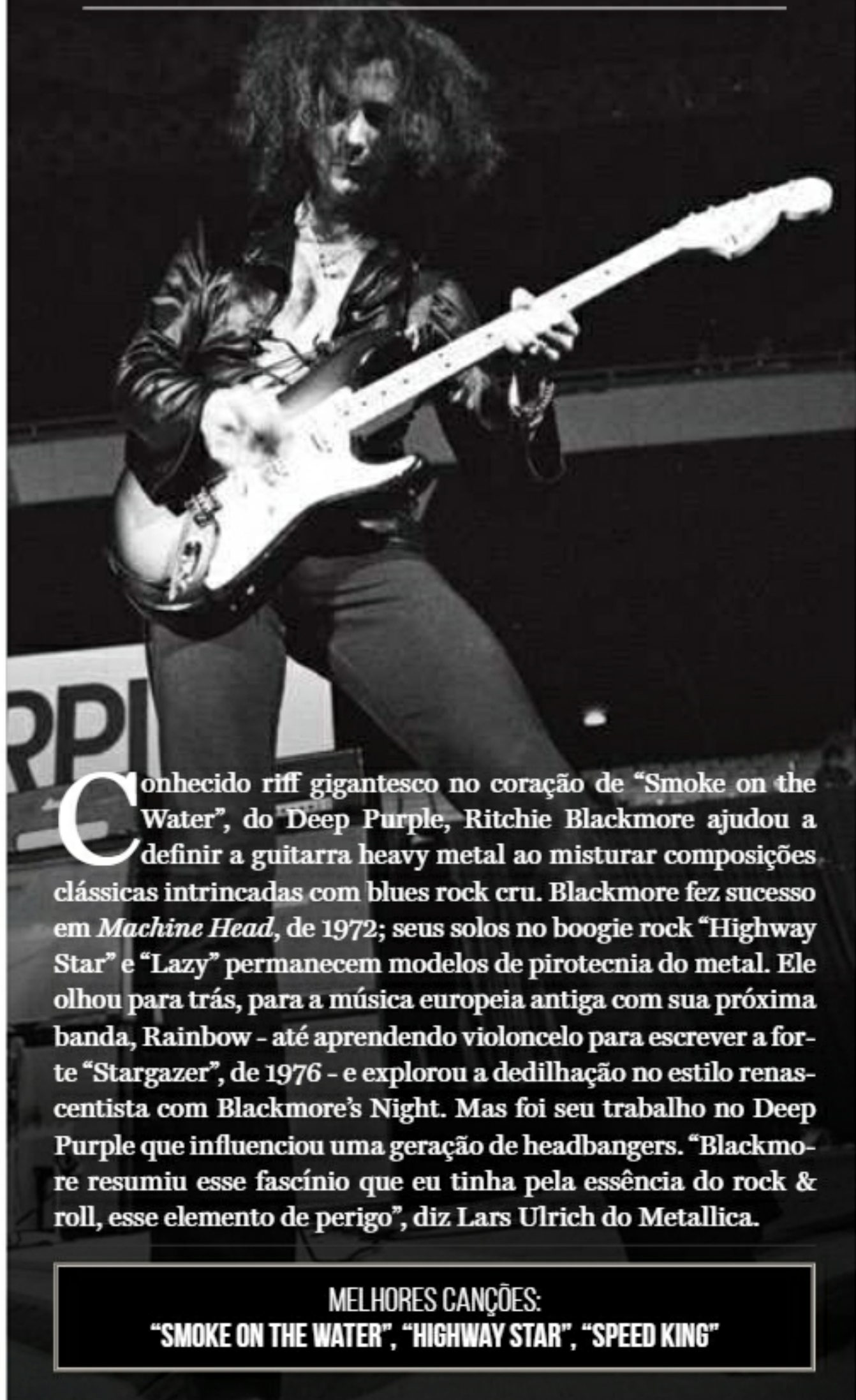
11 ou 12 anos, finalmente tive coragem de dizer: 'Mãe, pai, quero uma guitarra no Natal e não quero nenhum violão folk.'"

MELHORES CANÇÕES: "CHERRY BOMB", "DO YOU WANNA TOUCH ME (OH YEAH)"



75

## Ritchie Blackmore



Conhecido riff gigantesco no coração de “Smoke on the Water”, do Deep Purple, Ritchie Blackmore ajudou a definir a guitarra heavy metal ao misturar composições clássicas intrincadas com blues rock cru. Blackmore fez sucesso em *Machine Head*, de 1972; seus solos no boogie rock “Highway Star” e “Lazy” permanecem modelos de pirotecnia do metal. Ele olhou para trás, para a música europeia antiga com sua próxima banda, Rainbow - até aprendendo violoncelo para escrever a forte “Stargazer”, de 1976 - e explorou a dedilhação no estilo renascentista com Blackmore’s Night. Mas foi seu trabalho no Deep Purple que influenciou uma geração de headbangers. “Blackmore resumiu esse fascínio que eu tinha pela essência do rock & roll, esse elemento de perigo”, diz Lars Ulrich do Metallica.

MELHORES CANÇÕES:  
“SMOKE ON THE WATER”, “HIGHWAY STAR”, “SPEED KING”

74

## J Mascis

Seu melhor momento pode ser o solo estrondoso de “Freak Scene”, que é tão cativante que ele mal faz uma pausa para chegar ao verso final. O set solo de Mascis, de 2011, *Several Shades of Why*, mostrou que ele também pode ficar descaradamente bonito com um acústico.

MELHORES CANÇÕES:  
“FEEL THE PAIN”, “LITTLE FURY THINGS”

73

## Hubert Sumlin



“Eu amo Hubert Sumlin”, disse Jimmy Page. “Ele sempre tocou a coisa certa na hora certa.” Durante mais de duas décadas tocando ao lado de Howlin’ Wolf, Sumlin sempre pareceu ter uma conexão quase telepática com o lendário cantor de blues, aumentando os gritos ferozes de Wolf com linhas de guitarra angulares e cortantes e riffs perfeitamente posicionados em canções imortais como “Wang Dang Doodle”, “Back Door Man” e “Killing Floor”. Sumlin causou tanto impacto, de fato, que o maior rival de Wolf, Muddy Waters, até o contratou para uma temporada em 1956. Sumlin, que faleceu em 2011 aos 80 anos, tocou até o fim, às vezes aparecendo no palco da companhia de acólitos como Rolling Stones, Elvis Costello, Eric Clapton e Allman Brothers Band.

MELHORES CANÇÕES:  
“SMOKESTACK LIGHTNING”, “SPOONFUL”, “KILLING FLOOR”

72

## John McLaughlin

John McLaughlin foi convidado para gravar com Miles Davis ainda na casa dos vinte anos, co-fundou o jazz fusion de *Bitches Brew* (que inclui uma música intitulada “John McLaughlin”) e o sublime *In a Silent Way*, entre outros LPs de Davis. Mas ele alcançou o status de deus da guitarra com sua própria Orquestra Mahavishnu, onde fez seu Gibson cuspir fogo como um dragão de muitas cabeças. Estilista alucinante, McLaughlin era incomparável, misturando técnicas de rock psicodélico, R&B, jazz cigano, flamenco e raga indiana. Ele também foi um visionário do violão: veja *My Goal’s Beyond*, de 1970. Esse domínio poliglota lhe rendeu um enorme respeito tanto dos colegas do jazz quanto do rock: Jeff Beck o chamou de “o melhor guitarrista vivo”.

MELHORES CANÇÕES:  
“RIGHT OFF”, “THE NOONWARD RACE”



71

## Franco Luambo

Uma figura grande na história da música africana, o cantor, guitarrista e líder de banda congolês François Luambo Luanzo Makiadi, mais conhecido como Franco, lançou 84 álbuns em uma carreira de 31 anos e ganhou apelidos como Feiticeiro da Guitarra e Grande Maître da Música Zaireana - tudo em apenas 51 anos de sua carreira grandiosa. Músico paciente e fluido que dominava a arte de simultaneamente brilhar e mergulhar em um ritmo repetitivo, Franco e sua banda OK Jazz começaram a tocar "rumba" afro-latina nos anos 1950 e atingiram seu auge nos anos 1970 e 1980, à medida que o som acelerava, cresceu e floresceu nas tramas de guitarra de alta energia do soukous. Um jogador de equipe que gostava mais da sinergia de banda completa do que de solos chamativos, ele equilibrava musculatura e graça como poucos músicos em qualquer gênero.

MELHORES CANÇÕES: "NGUNGI", "MARIO"

70

## Django Reinhardt

Nascido na Bélgica em 1910, Django Reinhardt foi um dos primeiros músicos a desbloquear o potencial da guitarra como instrumento principal adequado para solos de uma nota. Uma lesão trágica no início de sua vida fez com que ele perdesse o uso do terceiro e quarto dedos. Ele aprendeu a abordar o instrumento com apenas dois dedos funcionais na mão esquerda. Reinhardt acabou se conectando com o violinista Stéphane Grappelli em Paris, e em 1934 os dois formariam a lendária Quintette du Hot Club de France, grupo no qual o guitarrista aperfeiçoaria o estilo sinuoso e fluido de improvisação que não influenciaria apenas lendas do jazz como Charlie Christian e Wes Montgomery, mas também inovadores do rock como Jeff Beck e Dickey Betts, da Allman Brothers Band.

MELHORES CANÇÕES: "DJANGO'S TIGER", "DJANGOLOGY"



## 69 Robbie Robertson

Quando Bob Dylan descreveu o "som selvagem de mercúrio" da banda, ele estava realmente falando sobre a guitarra de Robbie Robertson, como exemplificado por seu solo tórrido e estridente em "Just Like Tom Thumb's Blues" da turnê de 1966. Mas na época em que a banda estava fazendo seus próprios LPs, Robertson reduziu sua abordagem, evoluindo para um músico consumado. Tanto quanto qualquer guitarrista de sua época, Robertson demonstrou as maneiras pelas quais os guitarristas poderiam contribuir para os conjuntos sem dominá-los. "Eu queria ir na direção oposta", disse Robertson, "para fazer coisas que fossem tão elegantes, discretas e sutis, como Curtis Mayfield e Steve Cropper... onde tudo girasse em torno da música".

MELHORES CANÇÕES: "THE SHAPE I'M IN", "LIKE A ROLLING STONE (LIVE 1966)"



## 68 Les Paul

Les Paul é mais conhecido como o gênio que inventou a guitarra Gibson de corpo sólido que leva seu nome. Mas ele era tão imaginativo quanto instrumentista. "Ele fez os melhores sons de guitarra da década de 1950", disse Brian Wilson. "Não há ninguém que tenha chegado perto." Uma longa série de sucessos nos anos 1940 e 1950 (por conta própria e com sua esposa, a cantora e guitarrista Mary Ford) estabeleceu seu estilo característico: improvisações elegantes, de tons limpos e com dedos rápidos nos padrões pop atuais. Paul criou uma série de inovações técnicas, como overdubs de estúdio multicamadas e reprodução de fita em velocidade variável, para alcançar sons que ninguém jamais havia criado.

MELHORES CANÇÕES: "HOW HIGH THE MOON", "TIGER RAG"



67

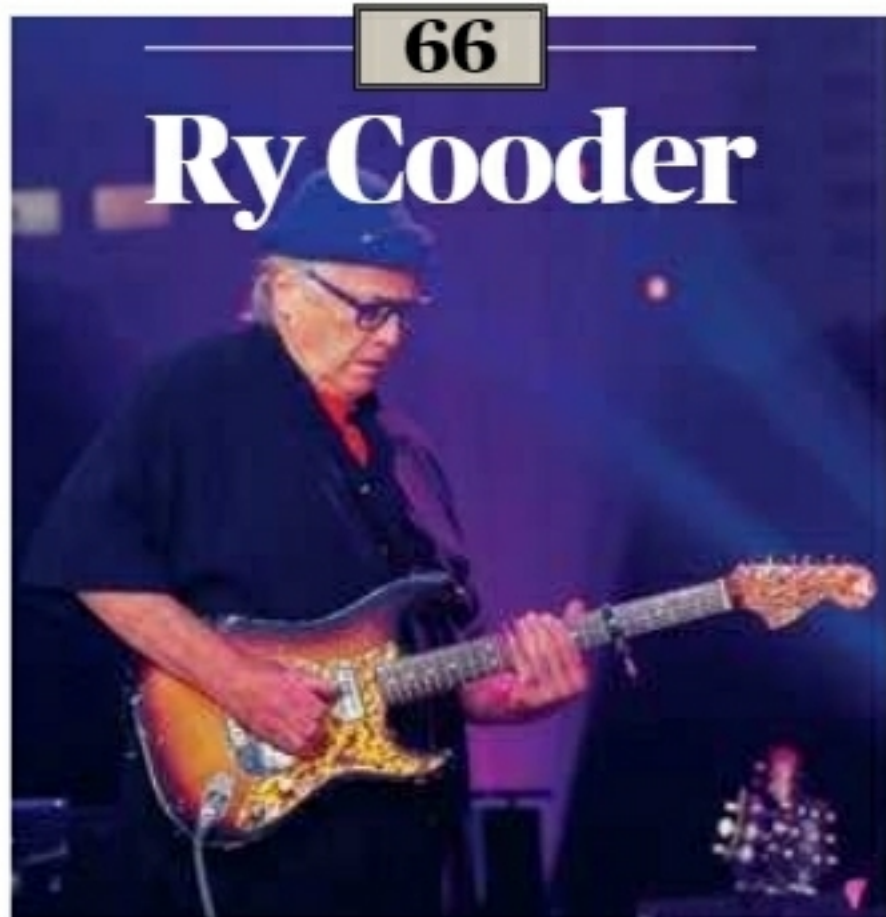
## Kevin Shields

**K**evin Shields foi atrás da própria visão de felicidade pesada com a lama angelical de My Bloody Valentine, e ele transformou completamente os próximos 30 anos de indie rock. Seu estilo característico de “glide guitar” com reverberação pesada e trêmula criou camadas de ruído lindo e sobreposto que davam a impressão de um artista subsumindo seu ego em oceanos de som. Os resultados afetaram inúmeras bandas que queriam ser dolorosamente barulhentas, profundamente alucinantes e estranhamente intensas, sem voltar aos tropos do rock de segunda mão.

MELHORES CANÇÕES:  
“ONLY SHALLOW”, “SOON”

66

## Ry Cooder



**C**erta vez, Ry Cooder comparou a forma de tocar - um amálgama sublime de folk e blues americanos, guitarra havaiana, o toque Tex-Mex do conjunto e a sensualidade régia do afro-cubano - como “algum tipo de dispositivo a vapor que saiu de ao controle.” Como parte da banda de apoio, Cooder trouxe verdadeira coragem e nuances emocionais aos álbuns clássicos de Randy Newman, Rolling Stones e Eric Clapton. Cooder também é um preservacionista comovente, mantendo vivos e dinâmicos passados vitais no mundo moderno. Um bom exemplo: a noite em que Bob Dylan apareceu na casa de Cooder pedindo uma aula de como tocar guitarra como o bluesman Sleepy John Estes.

MELHORES CANÇÕES:  
“MEMO FROM TURNER”, “BOOMER’S STORY”



65

## T-Bone Walker

**Q**uando B. B. King ouviu T-Bone Walker, ele “pensou que o próprio Jesus havia retornado à Terra tocando guitarra elétrica”. Walker inventou o solo de guitarra como o conhecemos, construindo um novo estilo de fraseado fluido, curvas de blues e vibrato. Foi o tom claro e a inven-

ção melódica de seu single “Mean Old World”, de 1942, que surpreendeu a todos, e Walker refinou sua abordagem através de sucessos como “Call It Stormy Monday”. “Eu vim a este mundo um pouco cedo demais”, disse Walker. “Eu diria que estava cerca de 30 anos antes do meu tempo.”

MELHORES CANÇÕES: “CALL IT STORMY MONDAY”, “T-BONE SHUFFLE”, “MEAN OLD WORLD”

64

## Carrie Brownstein

**C**arrie Brownstein faz a guitarra soar como uma voz feroz de raiva e exuberância. Quando Sleater-Kinney surgiu da cena riot grrrl do noroeste do Pacífico, Brownstein adorava destruir

- agora aqui estava uma guitar hero desavergonhada, uma punk reivindicando toda a herança do rock como seu território. “Eu queria que a guitarra parecesse uma arma”, disse Brownstein uma vez. “Poderia contar histórias ou cantar em meu nome. Eu queria que fosse incisivo e também um pouco assustador.”

MELHORES CANÇÕES:  
“CALL THE DOCTOR”, “GET UP”, “ENTERTAIN”



63

## Richard Thompson

**R**ichard Thompson tem sido um dos estilistas mais deslumbrantes do rock desde seus dias na Fairport Convention, banda britânica de folk-rock que se voltou para a música tradicional inglesa. Seus solos de guitarra elétrica, enraizados menos no blues do que na música celta, podem ser de tirar o fôlego, mas sua escolha acústica é igualmente matadora; ninguém sabe quantas lágrimas foram derramadas por guitarristas que tentaram acertar “1952 Vincent Black Lightning”.

MELHORES CANÇÕES: “SHOOT OUT THE LIGHTS”, “1952 VINCENT BLACK LIGHTNING”

62

## Peter Green

**N**o final de 1966, Peter Green teve a tarefa de substituir Eric Clapton em John Mayall & The Bluesbreakers. Mayall disse ao seu produtor: “Ele pode não ser melhor [que Clapton] agora. Mas espere... ele será o melhor.” Logo, com o Fleetwood Mac original, ele se tornou o guitarrista de blues mais progressivo da Grã-Bretanha, com uma agressividade inspirada em Chicago, intensificada pela aventura melódica em álbuns como *Then Play On*, de 1969. Green logo entrou em uma era sombria de problemas mentais e de saúde, retornando na década de 1990 com dons mais moderados, mas reconhecíveis. “Tocar rápido não significa nada”, disse Green ao jornal musical britânico *Record Mirror*. “Gosto de tocar devagar e sentir cada nota – ela vem de todas as partes do meu corpo e do meu coração e chega aos meus dedos. Eu tenho que realmente sentir isso. Eu faço o violão cantar o blues.”

MELHORES CANÇÕES: “ALBATROSS”, “RATTLESNAKE SHAKE”

61

## John Mayer

**O** sucesso explosivo de John Mayer como cantor e compositor pop no início dos anos 2000 ofuscou sua forma de tocar, mas seu talento na guitarra estava lá desde o início. Basta ouvir a joia “Neon” em sua estreia, em 2001, *Room for Squares*, ou qualquer coisa que ele já fez com o John Mayer Trio, e você ouvirá sua mistura especializada de blues ao estilo de Stevie Ray Vaughan e licks pop viciantes. *Continuum* contém alguns de seus maiores solos, de “Gravity” a “Slow Dancing in a Burning Room” e seu cover de “Bold as Love” de Jimi Hendrix. Em 2015, ele ganhou um público total-

mente novo como membro do Dead and Company, expandindo seu currículo para o acólito de Jerry Garcia. Segundo Mayer, é tudo um sonho que vem desde a infância. “Tive essa visão, sentado perto de uma janela em uma tarde chuvosa, apenas tocando violão”, disse ele à *Rolling Stone* em 2007. “Eu disse a mim mesmo: ‘Se eu tiver cordas e eletricidade suficientes, posso tocar guitarra para sempre. Eu não preciso de mais nada.’”

MELHORES CANÇÕES: “GRAVITY”, “IN YOUR ATMOSPHERE”

60

## Scotty Moore



**E**m 5 de julho de 1954, Elvis Presley, o guitarrista Scotty Moore e o baixista Bill Black brincaram com uma versão aprimorada de “That’s All Right”, de Arthur Crudup, durante um intervalo em uma sessão na Sun Records em Memphis. A guitarra nunca mais seria a mesma: a concisão e agressividade de Moore misturam a escolha do country e o fraseado do blues em uma nova linguagem instrumental. A execução foi tão forte que é fácil esquecer que não havia baterista. Se Moore não tivesse feito nada além das gravações do 18 Sun – incluindo “Mystery Train” e “Good Rockin’ Tonight” – seu lugar na história estaria garantido. “Todo mundo queria ser Elvis”, disse Keith Richards. “Eu queria ser Scotty.”

MELHORES CANÇÕES: “THAT’S ALL RIGHT”, “MYSTERY TRAIN”



59

## Robert Fripp

Desde o primeiro ensaio do King Crimson em 1969 até sua última turnê em 2021, Robert Fripp foi sua voz instrumental distinta, uma mistura singular de complexidade distorcida e sustentação magistral. “O Crimson sempre foi uma banda de músicos”, disse Fripp à *Rolling Stone* em 2019. “Meu interesse era apresentar plataformas onde você leva bons músicos a um certo ponto e depois diz: ‘Vá’”. Essa dualidade é melhor ouvida no álbum de rock progressivo mais progressivo já feito, o clássico de metal espinhoso de 1973 do Crimson, *Larks’ Tongues in Aspic*. A linha de guitarra mais famosa de Fripp é o refrão da sirene na faixa-título de *Heroes*, de David Bowie. Fripp “começaria sem sequer saber a sequência de acordes”, disse o produtor Brian Eno, acrescentando que o trabalho de Fripp no álbum *Bowie* de 1977 “foram todos os primeiros takes”.

MELHORES CANÇÕES: “21ST CENTURY SCHIZOID MAN”, “HEROES”

58

## Alex Lifeson

Mesmo que ele nunca tenha progredido além dos riffs alucinantes de “2112” e “Xanadu”, Alex Lifeson, do Rush, ainda teria exercido uma influência enorme, embora não anunciada, no Metallica e em outras bandas de metal. Mas ele preencheu o som do power trio do Rush com uma mistura perfeita de arpejos exuberantes e rock crunch que soava como pelo menos dois músicos ao mesmo tempo - e reinventou seu som ainda mais à medida que os anos 1980 se aproximavam, encontrando sua própria versão do som de Andy Summers. abordagem de eco e reggae.

MELHORES CANÇÕES: “LA VILLA STRANGIATO”, “THE SPIRIT OF RADIO”

57

## Thurston Moore e Lee Ranaldo

Nos anos 1980, Sonic Youth decidiu que o manual do rock não se aplicava a eles: as músicas não precisavam de estruturas tradicionais, as vozes não precisavam estar perfeitamente afinadas e o feedback poderia facilmente superar tudo. Essa abordagem subversiva também se aplica ao trabalho

duplo de guitarra de Thurston Moore e Lee Ranaldo. Cada homem tinha um estilo muito distinto - Moore enraizado no punk, Ranaldo em tudo, desde Dead até rock clássico - mas ambos atacaram seus instrumentos surrados e reconstruídos com chaves de fenda ou furadeiras, ou agitaram-nos em torno de amplificadores para obter o máximo de distorção possível. Trocando texturas mais do que solos, eles criaram, em conjunto, uma nova parede de som e reescreveram as regras de como as guitarras deveriam não apenas parecer, mas também soar.

MELHORES CANÇÕES: “SILVER ROCKET”, “THE DIAMOND SEA”, “THERESA’S SOUND-WORLD”



56

## Johnny Marr

O guitarrista do The Smiths foi um gênio da guitarra para a era pós-punk: não um solista exibicionista, mas um técnico que conseguia soar como uma banda inteira. Quando criança, estudando discos da Motown, Johnny Marr tentava replicar não apenas riffs de guitarra, mas também piano e cordas, tudo com a mão direita. Seus arpejos voluptuosos - muitas vezes toca-

dos em um Rickenbacker vibrante com fluxo e detalhes incríveis - eram tão essenciais para o som característico dos Smiths quanto o barítono de Morrissey. E ele era um explorador incansável: em “This Charming Man”, de 1983, Marr deixou cair facas em uma Telecaster 54, um incidente revelador ao qual o Radiohead pode estar aludindo em seu “Knives Out”, inspirado nos Smiths.

MELHORES CANÇÕES: “THIS CHARMING MAN”, “HOW SOON IS NOW?”



55

## Mick Taylor

“Às vezes eu ficava pasmo ao ouvir Mick Taylor”, escreveu Keith Richards em sua biografia. “Tudo estava presente em sua forma de tocar – o toque melódico, uma bela sustentação e uma forma de ler uma música.” Taylor tinha apenas 20 anos quando os Rolling Stones o recrutaram do John Mayall & The Bluesbreakers como substituto de Brian Jones em 1969. Seu impacto, em obras-primas como *Exile on Main Street* e *Sticky Fingers*, foi imediato. O slide sujo de “Love in Vain”; a precisão de cair o queixo em “All Down the Line” (onde sua execução imita brilhantemente o som de uma gaita); a corda estendida com influências de jazz latino em “Can’t You Hear Me Knocking” – não é por acaso que a passagem de Taylor coincidiu com as gravações mais consistentemente excelentes dos Stones.


MELHORES CANÇÕES: “CAN’T YOU HEAR ME KNOCKING”, “ALL DOWN THE LINE”

54

## Bonnie Raitt

Bonnie Raitt pode ter sido filha do astro da Broadway John Raitt, mas seus pais substitutos eram Howlin’ Wolf, Furry Lewis e Mississippi Fred McDowell, com quem ela conheceu e fez turnê no início de sua carreira. E mostrou: começando com o treino de slide acústico de 1971 em “Walking Blues”, Raitt revelou um domínio sem esforço de guitarra de blues. Ela poderia escolher o que havia de melhor (“Love Me Like a Man”, de 1972), ou tocar slide como um velho mestre (“Kokomo Blues/Write Me a Few of Your Lines”, de 1973). Conforme ouvido no trabalho de sucessores como Susan Tedeschi e Kaki King, Raitt inovou verdadeiramente quando tocar guitarra ainda era considerado um algo masculino.

MELHORES CANÇÕES: “RUNAWAY”, “SOMETHING TO TALK ABOUT”




53

## Trey Anastasio

Uma coisa é influenciar outros guitarristas, mas a abordagem expansiva de Trey Anastasio ao instrumento provou ser nada menos que um farol cultural. Anastasio e seus companheiros do Phish, assim como o Grateful Dead antes deles, criaram uma tribo de fãs obsessivos que os acompanham e debatem vigorosamente os méritos de gravações ao vivo, oficiais e piratas. Embora a recreação psicodélica certamente faça parte do ritual Phish, é a habilidade sobrenatural de Anastasio de manter suas improvisações modais escorregadias e astutas frescas, cinéticas e quase telepaticamente conectadas aos seus companheiros de banda que orienta os fãs em sua viagem musical. Não é de admirar que todos, desde Dave Matthews até a Filarmônica de Nova York, estejam ansiosos para colaborar quando Phish estiver em hiato.

MELHORES CANÇÕES: “STASH”, “DIVIDED SKY”, “FLUFFHEAD”



52

## John Lee Hooker

O estilo de Hooker não poderia ser definido como blues urbano ou country – era algo inteiramente seu, misterioso, descolado e hipnótico. Em clássicos monumentais como “Boogie Chillen” – um hit número um do R&B em 1949 – “Boom Boom” e “Crawlin’ King Snake”, ele aperfeiçoou um groove monótono e forte, muitas vezes em compassos idiossincráticos e fixos em um acorde, com um poder sem idade. “Ele fazia um resgate mesmo em sua época”, disse Keith Richards. “Até Muddy Waters era sofisticado perto dele.” Hooker foi uma figura crítica no boom do blues dos anos 1960; seu boogie se tornou a base para grande parte do som inicial do ZZ Top; suas músicas foram regravadas por todos, desde os Doors até Bruce Springsteen; e então, bem após completar 70 anos, ganhou quatro Grammys na década de 1990. “Quando eu era criança”, disse Carlos Santana, “ele foi o primeiro circo com qual quis fugir”.

MELHORES CANÇÕES: “BOOGIE CHILLEN”, “BOOM BOOM”, “I’M IN THE MOOD”



51

## Tom Verlaine

Patti Smith descreveu o som da guitarra de Tom Verlaine como “mil pássaros-azuis gritando”. A líder do Television absorveu o sabor dos discos favoritos de John Coltrane, dos Stones e dos Dead – e depois sintetizou-os em algo inteiramente novo na estreia da banda em 1977, *Marquee Moon*, lançando intermináveis solos fluidos em concerto com o colega esteta da guitarra Richard Lloyd. Verlaine manteve-se discreto nas décadas seguintes, mas permaneceu um modelo para gerações de guitarristas com gosto tanto pela violência punk quanto pelo voo melódico. Como ele disse à *Rolling Stone* em 1977: “Existem inúmeras maneiras de ir de um lugar a outro no braço da guitarra que eu não conheço”.

MELHORES CANÇÕES:  
“MARQUEE MOON”, “LITTLE JOHNNY JEWEL”

50

## Elmore James

Elmore James, cantor e guitarrista nascido no Mississippi, teve um solo imortal: o riff staccato e downhill com slide em sua adaptação de “I Believe I’ll Dust My Broom”, de Robert Johnson, em 1951. “Foi um ótimo solo”, disse o guitarrista Derek Trucks, que também usava slide. “Tinha algo selvagem nele tocando, aquele violão acústico com a pickup elétrica. Quando ele está cantando, você ouve sua voz pela pickup elétrica.” James também marcou pontos com variações barulhentas daquele solo em “Shake Your Money Maker” e “Stranger Blues”, que virou parâmetro do blues após sua morte, em 1963. O tom de James inspirou uma geração de guitarristas. “Eu praticava 12 horas por dia, todos os dias, até meus dedos sangrarem, tentando tirar o mesmo som de Elmore James”, disse Robbie Robertson. “Aí alguém me disse que ele tocava com um slide”.

MELHORES CANÇÕES:  
“DUST MY BROOM”, “THE SKY IS CRYING”

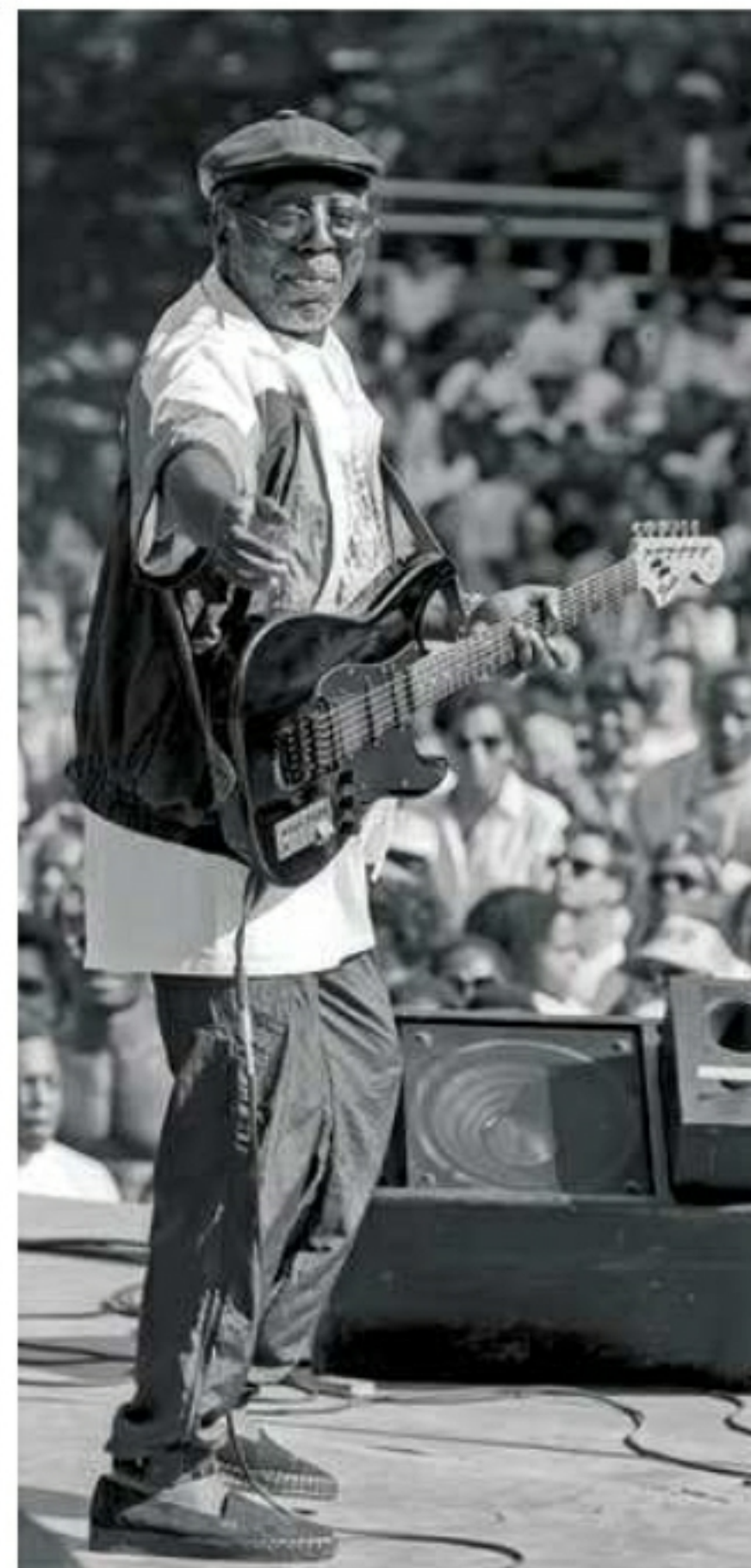


49

## PJ Harvey

“Sempre me lembro de quando ganhei minha primeira guitarra, quando eu tinha 16 ou 17”, lembrou Polly Jean Harvey ao *The New Yorker*, ainda este ano. “Antes disso eu escrevia muitas letras. Quando descobri que conseguia compor com música, a sensação foi de um portal de alegria se abrindo.” A excitação da criação fica aparente nos primeiros – e transformadores – discos de PJ Harvey, *Dry* e *Rid of Me*, em que ela empunha sua guitarra como uma espécie estranha de arma; três décadas depois, seu som se tornou ainda mais fluido, ainda que não menos visceral, com ela brincando de tirar novas notas do instrumento. “Eu realmente não tenho nenhum interesse em fazer algo que já fiz antes”, ela disse. “O que é anima é descobrir sons que eu não ouvi em lugar algum.”

MELHORES CANÇÕES:  
“MISSED”, “AUTUMN TERM”



48

## Curtis Mayfield

O saudoso Curtis Mayfield foi um dos maiores cantores, compositores e produtores do soul americano. Ele também foi um guitarrista bastante influente, que deixou um impacto permanente em Jimi Hendrix – especialmente na psicodelia – com as melodias fluidas de faixas como “Gypsy Woman”, do álbum *Impressions*. “Nos anos 1960, todo guitarrista queria tocar como Curtis”, afirmou George Clinton. Mayfield acabou reinventando a si próprio nos anos 1970, construindo sua nova música a partir de ritmos de funk, que podem ser ouvidos em sua trilha de *Superfly*, com ritmos como “Move on Up”. Suas sequências de corda eram difíceis de serem imitadas por outros músicos, parte devido ao fato de Mayfield tocar exclusivamente em fá sustenido.

MELHORES CANÇÕES: “GYPSY WOMAN”,  
“MOVE ON UP”, “FREDDIE’S DEAD”



47

## The Edge

Como guitarrista adolescente nos anos 1970, The Edge estudou de tudo: do punk ao new wave, passando pelo funk, blues e R&B. Ele mesclou todas essas influências nos primeiros trabalhos do U2, usando atrasos, ecos e reverberações para criar um som totalmente seu. “Eu não sou um músico teórico ou um compositor teórico”, disse à *Rolling Stone* em 2016. “Eu sou um cara prático, que percebe a música de um jeito ingênuo. Eu simplesmente adoro quando sou levado pelo som. E tiro muita inspiração deles, sou um guitarrista muito melhor quando ‘p\*rra toda soa bem.’” Edge aperfeiçoou sua música em *The Joshua Tree*, e então praticamente recomeçou tudo de novo nos anos 1990, incorporando influências clubber e krautrock em sua música. “Tem alguns guitarristas que se identificam somente a partir de uma nota”, disse Joe Bonamassa. “É o caso de The Edge - com um uma única batida e inflexão.”

MELHORES CANÇÕES: “SUNDAY BLOODY SUNDAY”, “WHERE THE STREETS HAVE NO NAME”

46

## Frank Zappa

“Quando estava aprendendo a tocar guitarra, fiquei obcecado naquele álbum.” A declaração é de Trey Anastasio, do Phish, sobre a coleção de solos intrincados e explosivos de Frank Zappa em *Shut Up ‘n’ Play Yer Guitar*, de 1981. “Todo limite possível da guitarra foi explorado por ele de formas que as outras pessoas não conseguiam.” Como chefe absolutos das bandas pelas quais passou, incluindo as formações lendárias do Mothers of Invention, Zappa fundiu doo-wop, blues urbano, big-band jazz e modernismo orquestrado com mãos de ferro. Como guitarrista, ele deriva de todas estas fontes, e ainda improvisava com um prazer furioso e genuíno. Seu solo em “Willie the Pimp” no álbum *Hot Rats*, de 1969, é uma festa no estúdio estendida com distorções sujas e agitados slaloms de blues.

MELHORES CANÇÕES: “WILLIE THE PIMP”, “IN-A-GADDA-STRAVINSKY”

45

## Steve Cropper

Peter Buck chamou Steve Cropper de “provavelmente um de meus guitarristas favoritos de todos os tempos”. “Você não consegue lembrar-se de uma vez em que ele realmente arrasou em um solo, mas ele simplesmente toca perfeitamente.” Cropper foi o ingrediente secreto de algumas das melhores faixas de rock e soul. Como adolescente, ele fez seu primeiro hit (“Last Night”) com o Mar-Keys; depois disso, ele passou a maior parte dos anos 1960 no Booker

T. and MG’s, a banda da Stax Records que tocou em hits de Carla Thomas, Otis Redding e Wilson Pickett. Desde então, seu som apareceu em álbuns de uma dúzia de artistas de rock e R&B, incluindo uma participação na Blue Brothers Band. Pense na introdução de “Soul Man”, de Sam and Dave, ou nas notas explosivas de “Green Onions”, de Booker T. - todas levam o som signatário de Cropper. “Não ligo de ser o centro das atenções”, ele disse. “Eu sou um membro da banda. Sempre um membro da banda.”

MELHORES CANÇÕES: “(SITTIN’ ON) THE DOCK OF THE BAY”, “GREEN ONIONS”, “SOUL MAN”



44

## Johnny Ramone

O pai da guitarra punk rock teve uma influência enorme no metal derivado de riffs da atualidade. Johnny Ramone é um dos grandes anti-heróis do instrumento. John Cummings fez seu nome com uma guitarra Mosrite barata, que ele destruía com acordes velozes e furiosos, em um estilo violento e minimalista que ficou conhecido, apropriadamente, como “buzzsaw”. Puro instrumento do ritmo, Ramone quase nunca fazia solos, mas seu som tinha a crescente

de um metrô se aproximando. Em uma era em que “pesado” era sinônimo de “lento”, os movimentos primitivos e calculados de seus riffs em “Blitzkrieg Bop” ou “Judy is a Punk” mostrava o quanto era possível acelerar as coisas, sem perder sequer uma dose de intensidade (talvez surpreendentemente, seu herói da guitarra era Jimmy Page). “Johnny foi o primeiro guitarrista que vi tocar como se estivesse realmente bravo”, testemunhou Henry Rollins. “P\*rra, isso é demais!”

MELHORES CANÇÕES: “BLITZKRIEG BOP”, “JUDY IS A PUNK”, “ROCKAWAY BEACH”





43

## Jonny Greenwood e Ed O'Brien

**D**as explosões chunka-chunka antes do refrão de "Creep" aos guinchos de alta-frequência no solo de "Just", Jonny Greenwood mostrou cedo que ele estava interessado em fazer maluquices. Ele tocava tão agressivamente naquela época que precisava usar uma muñhequeira. Mas logo ele entediou-se. "Guitarras não são tão importantes para mim", ele disse à *Guitar Magazine* em 1997. (Imagine dizer isso no mesmo ano em que gravou "Paranoid Android".) Ainda assim,

ao passo em que ele desenvolveu-se como um compositor neoclássico, Greenwood sempre assegurou ao menos um momento de explodir os miolos com a guitarra em cada álbum. A seu lado estava Ed O'Brien, possivelmente o mais subestimado guitarrista do rock. Ouça qualquer performance do Radiohead e você ouvirá as texturas sutis que garantem a vibe positiva, pronta-para-a-próxima da banda. Você pode nem lembrar-se de seus melhores solos, mas é impossível pensar no Radiohead sem ele.

MELHORES CANÇÕES: "CREEP", "PARANOID ANDROID", "I MIGHT BE WRONG"

42

## Vernon Reid

**N**os anos 1980, o Living Colour era um lembrete necessário de que músicos pretos podiam fazer rock tão pesado quanto qualquer um - fato especialmente saliente quando a banda ganhou a MTV. Quase tão importante foi Vernon Reid, líder da banda, que provou que um guitarrista que cresceu entre o jazz, o fusion e o funk pode sim injetar todas estas influências no hard rock. Seu primeiro destaque foi no começo

dos anos 1980, tocando com a banda avant-garde do baterista Ronald Shannon Jackson. Seus riffs monstruosos no Living Colour, como em "Cult of Personality", só mostram outro lado da versatilidade de Reid, que inclui a sandice em speed metal de "Times Up". Não é surpresa que todo mundo, de Mick Jagger a John Zorn o tenha recrutado. Como prova o álbum mais recente do Living Colour, *Shade*, de 2017, Reid ainda tem um arsenal poderoso de efeitos e som ao seu dispor.

MELHORES CANÇÕES: "CULT OF PERSONALITY", "PRIDE", "FUNNY VIBE"

41

## Bo Diddley

**"É** a mãe dos riffs", disse o guitarrista Johnny Marr: a "batida Bo Diddley", introduzida pelo guitarrista de Chicago, nascido Ellas Otha Bates, também conhecido como Diddley. Conduzidas por sua guitarra tremulante, faixas como "Mona" e "Bo Diddley" liberaram uma versão super poderosa de groove do oeste africano introduzido por escravos. Após Diddley, o riff seria sequestrado por todos, de Buddy Holly aos Rolling Stones (que fizeram um cover de "Mona" em 1964), e depois por garage rockers e punks, atraídos por sua simplicidade. "Qualquer um com uma guitarra consegue fazer", diz Dan Auerbach, dos Black Keys. "Se você consegue manter uma batida, consegue tocar Bo Diddley." "Seu estilo era escandaloso", declarou Keith Richards; sugerindo que "aquele tipo de música que amamos não veio do Mississippi, ele veio de outro lugar."

MELHORES CANÇÕES: "BO DIDDLEY", "ROAD RUNNER", "WHO DO YOU LOVE?"

40

## John Fahey

**J**ohn Fahey, que morreu em 2001 aos 61 anos, foi um mestre excêntrico da guitarra folk, dono de um dedilhado elegante, que transformou as fórmulas do blues tradicional com técnicas de harmonia avançadas da música clássica, tudo para miná-las com um talento quase brincalhão. "Sua música fala de uma liberdade sem limites", disse o ex-guitarrista da Captain Beefheart, Gary Lucas. Fahey gravou álbuns clássicos como *The Transfiguration of Blind Joe Death*, de 1965, ou *The Voice of The Turtle*, de 1968, para seu selo Takoma - além de ser um acadêmico e musicólogo de carreira. nos anos 1990, ele mudou para um minimalismo pontual em sua guitarra elétrica, que o tornou um ícone pós-punk. "Ser validado por John Fahey era muito especial em nossa cena", declarou Thruston Moore, do Sonic Youth.

MELHORES CANÇÕES: "POOR BOY", "THE YELLOW PRINCESS"



39

## Chet Atkins

Como executivo e produtor nos anos 1960, Chet Atkins inventou o “Nashville Sound”, que resgatou o country dos Estados Unidos de um esgotamento musical. Como guitarrista, ele foi ainda mais inventivo, dominando country, jazz e estilos clássicos, e os aperfeiçoando ao mesclar cordas e melodia, graças ao toque com o polegar, mais três dedos. “Grande parte foi tentativa e erro”, disse Atkins à *Rolling Stone* em 1976. “Eu só tinha uma droga de guitarra em minhas mãos 16 horas por dia e experimentava a todo momento.” Atkins podia ser relaxado e contido (como ouvido em gravações icônicas como “Your Cheatin’”, de Hank Williams, ou “Heartbreak Hotel”, de Elvis Presley). Mas seus álbuns instrumentais repletos de solos pesados são um sem-fim de truques de guitarra: “Eu acho que ele influenciou a todos que pegam uma guitarra nas mãos”, disse Duane Eddy.

MELHORES CANÇÕES: “YOUR CHEATIN’ HEART”, “WAKE UP LITTLE SUSIE”

38

## Angus Young e Malcolm Young

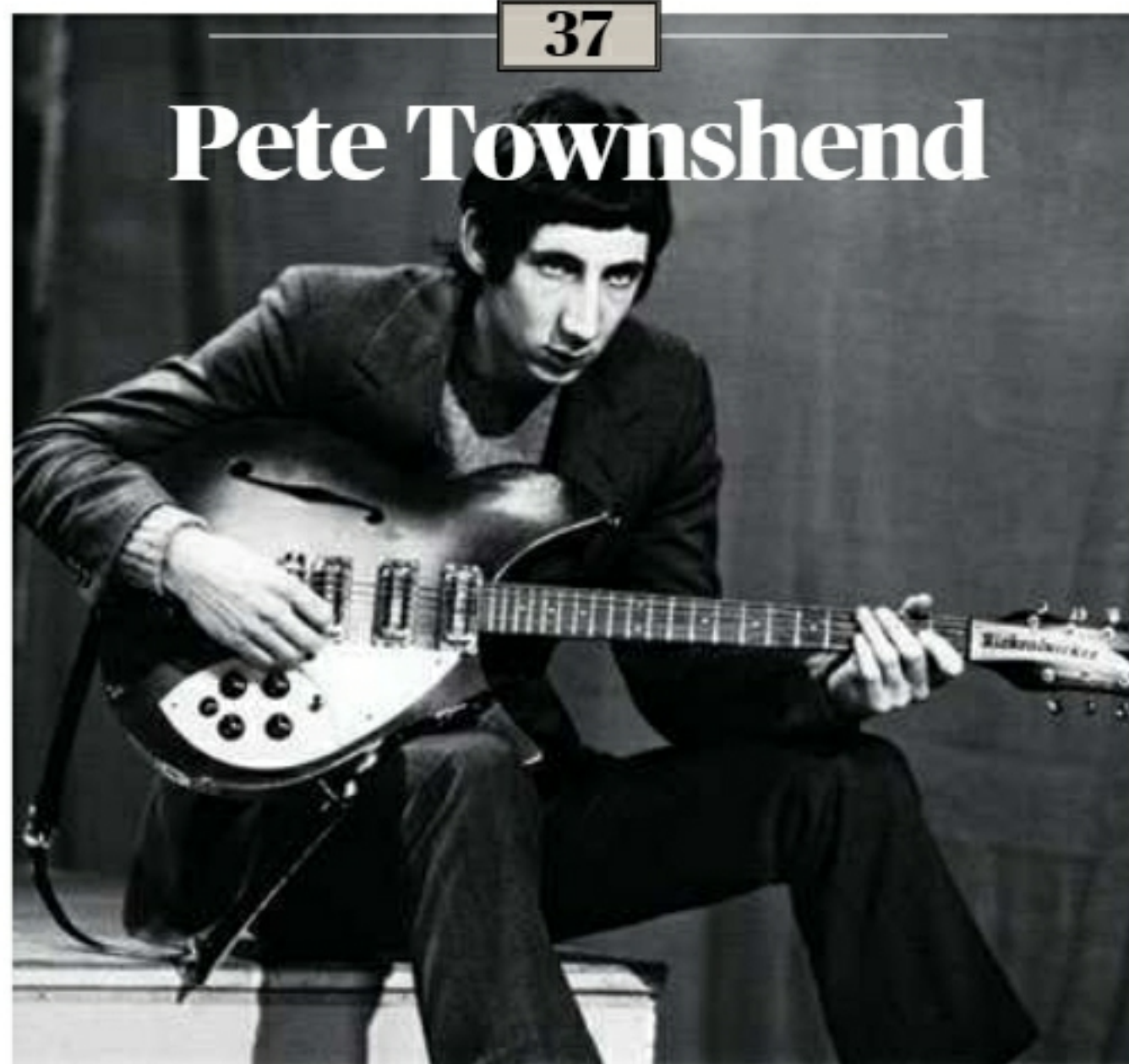


“**T**hunderstruck”, do AC/DC, soa como o meio do caminho entre um diagrama de Venn com Mozart de um lado, e John Lee Hooker de outro. Angus Young toca o ostinato clássico como um raio, enquanto seu irmão Malcolm comanda riffs de blues de tremer as bases como uma sólida fundação para a combustão do AC/DC. A dupla crueza de Angus e segurança de Malcolm projetaram a banda tanto quanto os vocalistas Bon Scott e Brian Johnson. Para cada porrada de “Highway to Hell” ou riff de Malcolm em “Back in Black”, Angus, um garoto-problema de 1,57m vestido de estudante, tocava solos que o tornaram um ídolo instantâneo.

MELHORES CANÇÕES: “WHOLE LOTTA ROSIE”, “BACK IN BLACK”, “HIGHWAY TO HELL”

37

## Pete Townshend



Pete Townshend não inventou as power chords - estouros de guitarra reduzidos a duas notas -, mas ele ajudou a criar o heroísmo moderno das guitarras, mostrando ao mundo o quão poderosas elas podem soar, de fato. O exemplo é a abertura de “Won’t Get Fooled Again”, um sobreposto de Lá Maior e Mi Maior tocado em todas as seis cordas do instrumento. Townshend foi um dos primeiros a achar uso musical para o amp feedback, e sua ênfase nos riffs sobre solos (ainda que seus leads sejam subestimados) o tornaram um guitarrista da era Woodstock que todo punk ama. Mas seu talento ia além da força bruta, com o uso sofisticado de notas drone e inversões de acorde em “Substitute” e “Pinball Wizard” demonstram. O The Who sempre foi mais pesado ao vivo do que em estúdios e sua era *Live at Leeds* teve momentos que apontavam firme para o heavy metal, punk, Zeppelin e o resto do futuro do instrumento.

MELHORES CANÇÕES: “MY GENERATION”, “I CAN SEE FOR MILES”, “SUMMERTIME BLUES”

36

## Elizabeth Cotten

O estilo único de Elizabeth Cotten foi resultado de aprendizado próprio. Canhota, ela trabalhou para a família de músicos Seeger, e começou a aprender a tocar o instrumento desenhado para destros simplesmente invertendo-o, sem ajustes. Esta técnica invertida a permitiu desenvolver técnicas de ritmo que alternavam entre notas de baixo e melodias com o polegar, como em sua famosa composição “Freight Train”. “É meu conforto, a forma como faço tudo, não como todos já fizeram”, disse ela ao *San Diego Reader* em 1981. “Eu não poderia fazer de outra forma.” Redescoberta no revival folk dos anos 1960, após décadas de inatividade, Cotten foi induzida postumamente ao Rock and Roll Hall of Fame em 2022.

MELHORES CANÇÕES: “FREIGHT TRAIN”, “GOING DOWN THE ROAD FEELING BAD”



35

## Eric Clapton

**D**esde o início de sua carreira na cena de blues e rock britânica nos anos 1960, Clapton mostrou talento único para a melodia, que tornou seus solos tão intensos quanto as faixas que eles compunham. Ele sempre foi estudante diligente do blues, de Robert Johnson e Muddy Waters a Albert King e Otis Rush, e mesmo lançando um álbum (majoritariamente) pré-elétrico com Wynton Marsalis. Mas seus registros mais memoráveis nasceram de tragédias reais, de “Layla”, inspirada pelo romance de sua esposa (Patti Boyd) com seu melhor amigo (George Harrison); a “Tears in Heaven”, um lamento pelo filho pequeno que caiu da janela de um apartamento e morreu. Hoje em dia, ninguém o considera um deus (seus comentários sobre a COVID claramente apagaram qualquer chance de onisciência), mas isso não impede que guitarristas idolatrem seu talento.

MELHORES CANÇÕES:  
“CROSSROADS”, “WHITE ROOM”

CONFIRA A ENTREVISTA  
DEFINITIVA QUE  
ERIC CLAPTON DEU  
PARA A **ROLLING  
STONE** EM 1968  
NA PÁGINA 72







34

## Jerry Garcia

Jerry Garcia foi um obcecado por folk e bluegrass que começou a tocar guitarra aos 15 anos. Essas raízes, somadas a um amor vitalício por Chuck Berry, acenderam seus experimentos astrais com o Grateful Dead. Como disse Carlos Santana, “ele tocava blues, misturando com bluegrass e Ravi Shankar. Ele botava country e espanhol no meio.” Garcia fazia todo show do Dead ser uma viagem diferente, nunca repetindo um solo, o que tornava suas jams psicodélicas sempre atuais. “Eu penso em notas como objetos com perspectiva”, ele declarou certa vez à *Rolling Stone*. “Elas têm frente e verso. Para mim, é muito visual.” Ele morreu em 1995, mas sua guitarra ainda brilha forte.

MELHORES CANÇÕES:  
“DARK STAR”, “BIRD SONG”, “MORNING DEW”

32

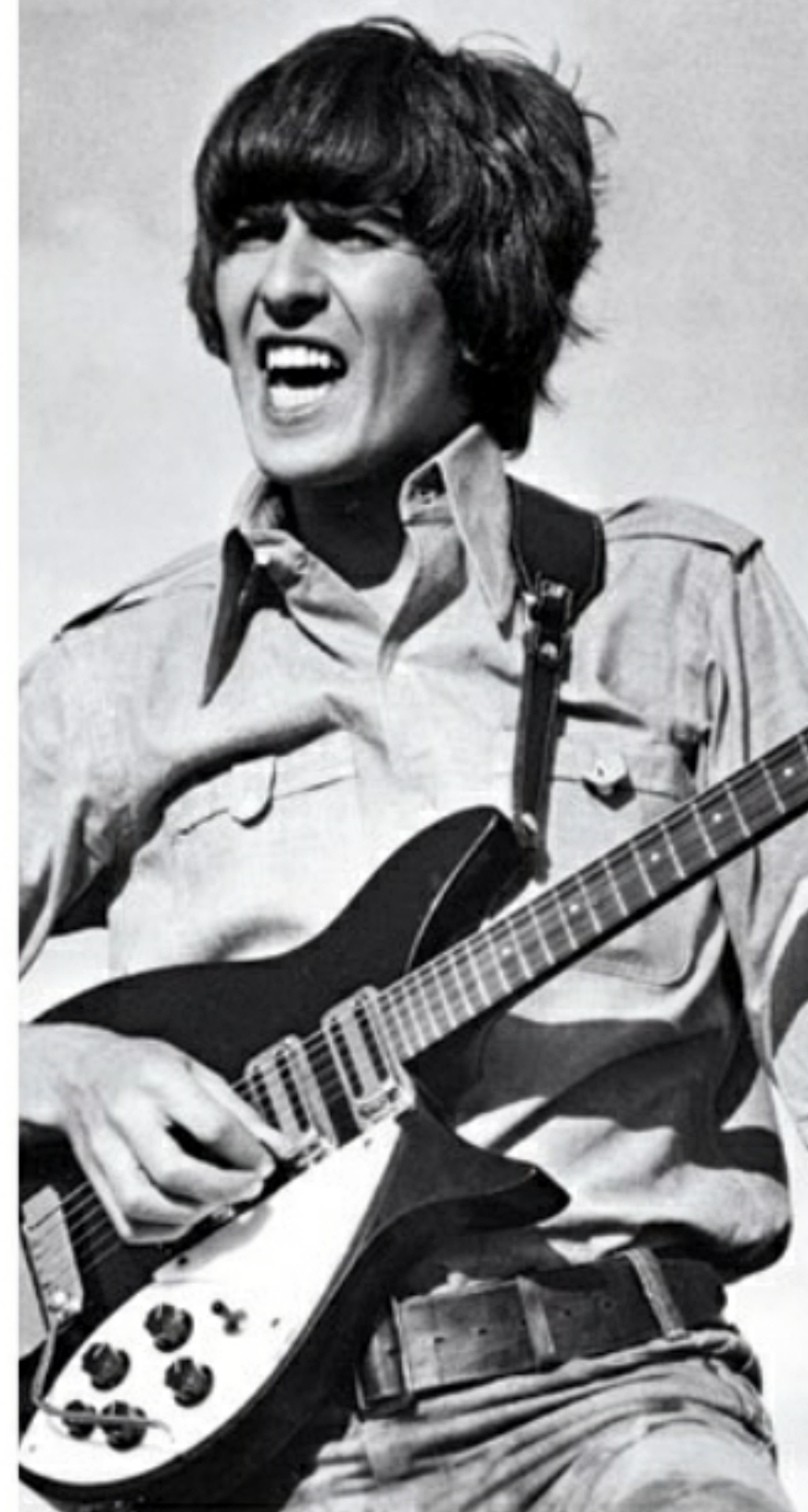
## Jack White

Quando os White Stripes construíam sua imagem hipster com álbuns como *De Stijl* (2000), o rock estava dominado pelo grotesco do nu metal e efeitos insosos da 2ª geração do grunge. Tudo mudou com “Fell in Love With a Girl”, dos White Stripes. Jack White fez um dos riffs mais reconhecíveis do século XXI com a batida de “Seven Nation Army”, nos anos seguintes, se aventurou por ritmos como stoner funk ou hippie folk em seu álbum *Blunderbuss* (2012), e drones exagerados de *Fear of the Dawn* (2022). “Quando eu toco um solo, é um ataque - é uma luta”, disse à *Rolling Stone* em 2014. “Não ligo para notas virtuosas. Se você me parar no meio de um solo, não sei dizer ‘isso é um Fá sustenido, isso é um Dó maior’.

MELHORES CANÇÕES:  
“SEVEN NATION ARMY”, “BALL AND BISCUIT”

31

## George Harrison



Com os Beatles, George Harrison levou a guitarra a um novo lugar. Ele criou o posto de guitarrista principal em uma banda de rock e definiu o lugar das guitarras no pop. Ele foi o membro mais novo a trilhar seu caminho para dentro da banda, estudando acordes e desbancando os demais. Sua inspiração eram ídolos rockabilly, como Carl Perkins, como visto no solo de “I Saw Her Standing There”. Mas ele ainda experimentava com os drones indianos de *Rubber Soul*, a psicodelia de *Revolver*, a elegância de *Abbey Road*. “Todos já tocaram toda a bobagem”, disse Harrison. “Eu toco apenas o que restou.” Ainda assim ele fez seu melhor após os Beatles, com seus slides cósmicos em *All Things Must Pass* e *Living in the Material World*. Como seu amigo Tom Petty disse, “realmente parecia uma voz, como uma distinta voz signatária que partia dele.”

MELHORES CANÇÕES:  
“SOMETHING”, “LET IT BE”, “GIVE ME LOVE”

33

## Brian May

Talvez o único guitarrista com graduação em astrofísica, o músico (e eventualmente compositor) do Queen é um aventureiro cerebral sempre em busca de novos efeitos. Um de seus objetivos era “ser o primeiro a colocar harmonias de guitarra de três partes em um álbum” - o que fez no solo orquestrado em “Killer Queen”. May empilhou dúzias de partes de guitarras em faixas individuais, construindo paredes de som palatáveis. Apropriadamente, até seu instrumento partiu da própria imaginação: sua guitarra principal, a Red Special, ou Old Lady, é uma maravilha artesanal construída por ele e pelo pai no começo dos anos 1960, a partir de material como madeira de uma lareira. “Posso ouvir qualquer um tocar e mimetizar seu som”, disse Steve Vai certa vez. “Mas não consigo imitar Brian May. Ele caminha simplesmente em outra frequência.”

MELHORES CANÇÕES:  
“KEEP YOURSELF ALIVE”, “BRIGHTON ROCK”







30

## Neil Young

**N**eil Young tocou com os Squires, os Mynah Birds, Buffalo Springfield e Crosby, Stills, Nash and Young. Quando Harvest surge, ele dominava guitarra elétrica e acústica, equilibrando-se folk, como em "The Needle and the Damage Done" e proto grunge. "Se eu fosse dar uma aula a jovens guitarristas, a primeira coisa que tocaria seria o solo de 'Down by the River', de Neil Young", disse Trey Anastasio. Puristas classificam seu trabalho como "primitivo", já que alguns solos são a mesma nota repetida à exaustão. Ao fazer isso, eles perdem o sentido de sua arte. "Ninguém se importa se você sabe como tocar escalas", disse Young em 1992. "Ninguém tá nem aí se você toca com boa técnica ou não. É sobre o sentimento que você expressa na música, é isso o que conta realmente."

MELHORES CANÇÕES: "COWGIRL IN THE SAND", "ROCKIN' IN THE FREE WORLD"



29

## Eddie Hazel

**D**izem que "Maggot Brain", o solo que fez de Eddie Hazel uma lenda instantânea, surgiu em meio a uma viagem de ácido, quando George Clinton o que imaginasse que sua mãe havia morrido - apenas para descobrir que ela estava viva. "Sabia imediatamente que ele entendera o que eu disse", escreveu Clinton. "Eu podia ver as notas de guitarra esticando-se como uma teia prateada. Quando ele tocou o solo, eu soube que era além do bom, não apenas um display virtuoso de um musicista, mas um momento de emoção sem precedente na música pop." O restante do trabalho de Hazel, solo e com P. Funk, foi um mix de groove e lamentos psicodélicos. Mas foi "Maggot Brain" que mais inspirou guitarristas como Nels Cline, J. Mascis, Warren Haynes e Mike McCready, que tocaram a música ao vivo.

MELHORES CANÇÕES: "MAGGOT BRAIN", "FUNKY DOLLAR BILL"



28

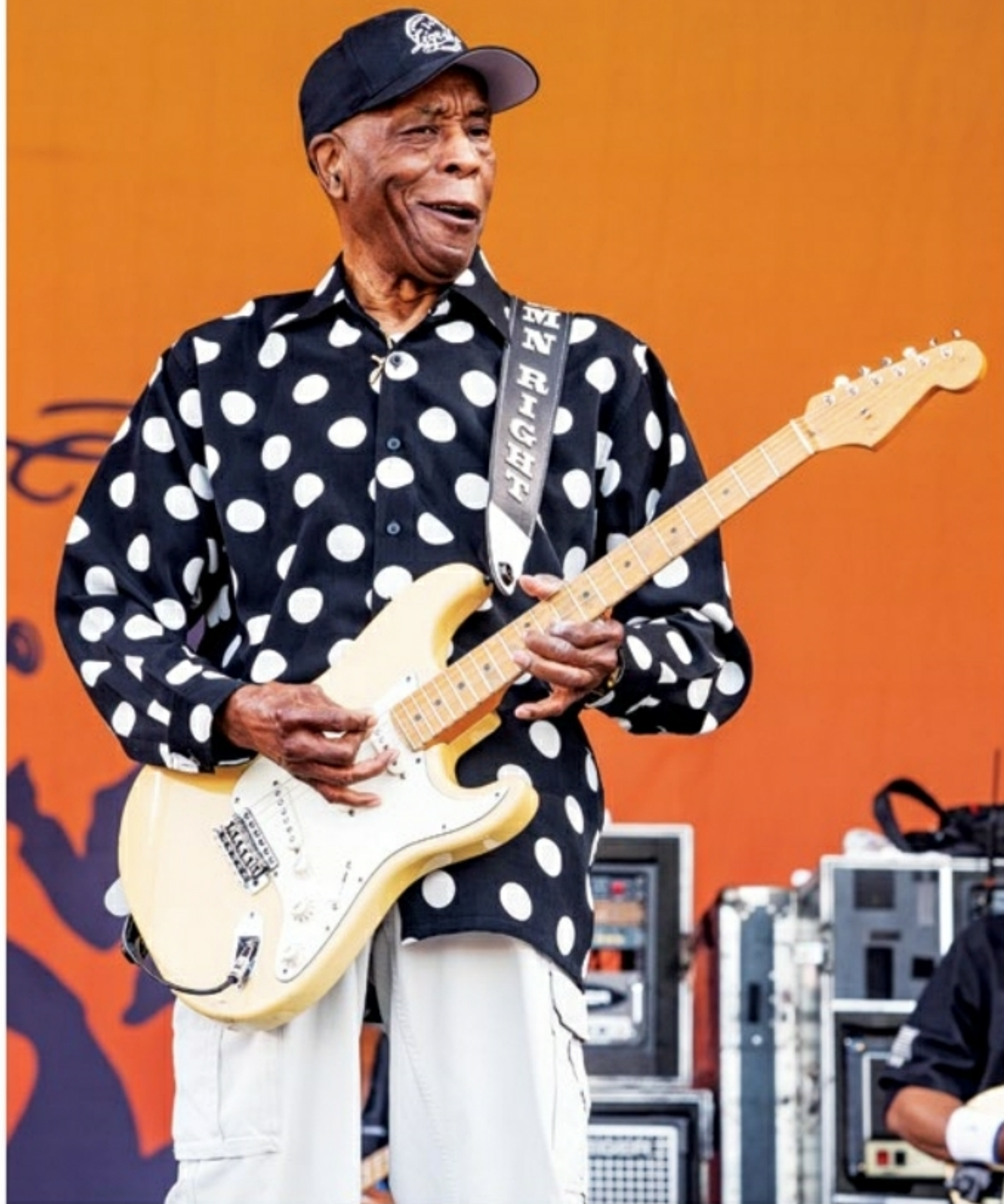
## David Gilmour

**C**omo produtor e compositor, David Gilmour navega por texturas oníricas, mas quando ele pega sua Stratocaster para tocar, uma sensibilidade completamente diferente toma conta. "Queria um tom poderoso de guitarra que simplesmente arrancasse sua cara fora", diz. Ele era um solista poderoso, formado no blues - seus solos elegantes serviam tanto como um despertador quanto os alarmes de *The Dark Side of the Moon*. Mas ele também era adepto dos drones improvisados. E podia ser também um inesperado guitarrista rítmico, do riff de "Have a Cigar" às notas de "Another Brick in the Wall Part 2". O uso pioneiro de eco e de outros efeitos - inspirados pelo guitarrista original do Pink Floyd, Syd Barrett - culminaram com seu uso preciso do delay em "Run Like Hell".

MELHORES CANÇÕES: "COMFORTABLY NUMB", "SHINE ON YOU CRAZY DIAMOND"



27

**Buddy Guy**

**B**uddy Guy se acostumou com as pessoas chamando seu estilo de guitarra de 'um monte de barulho' - desde sua família no interior de Louisiana, que o expulsava de casa por fazer barulho, até os chefes da Chess Records, Phil e Leonard Chess, que, segundo ele, "não me deixavam fazer meu som como eu queria" nas sessões com Muddy Waters, Howlin' Wolf e Little Walter. Mas, à medida que uma nova geração de roqueiros descobriu o blues, o trabalho de Guy nas cordas se tornou uma influência importante em titãs como Jimi Hendrix e Jimmy Page. O

estilo extravagante de Guy - curvas enormes, distorções proeminentes, licks frenéticos - em clássicos como "Stone Crazy" e "First Time I Met the Blues", e suas colaborações com o falecido mestre da gaita, Junior Wells, elevaram o padrão para a fúria das seis cordas. Sua habilidade de se apresentar, incluindo passeios pelo público no meio do solo, continua eletrizante aos 87 anos. "Ele foi para mim o que Elvis provavelmente foi para outras pessoas", disse Eric Clapton na indução de Buddy Guy no Rock & Roll Hall of Fame em 2005. "Meu caminho foi traçado e ele foi meu piloto".

MELHORES CANÇÕES: "STONE CRAZY", "FIRST TIME I MET THE BLUES"

26

**St. Vincent**

**A**nnie Clark não compõe necessariamente centrada na guitarra, mas profundamente marcadas por sua abordagem. Apesar de ter sido educada na Berklee School of Music e de ter influências como Robert Fripp, Adrian Belew e Marc Ribot, ela preenche suas gravações com tons de guitarra envolventes, em vez de tratar as composições como uma vitrine para suas habilidades com as cordas. "Eu não encaro a guitarra como algo egoísta - tipo, 'Vou tocar mais rápido do que outra pessoa'", explicou ela à *Premier Guitar* em 2011. "Não tenho tanto interesse nesse aspecto. Essa é a diferença entre ser um atleta e um artista, e é ótimo quando essas coisas podem se combinar. Esse é o ideal - criar algo que seja musicalmente viável e também emocionalmente envolvente."

MELHORES CANÇÕES:  
"RATTLESNAKE", "CRUEL", "MASSEDUCTION"

25

**John Frusciante**

**O**s Red Hot Chili Peppers nunca foram fáceis de definir, em grande parte devido a Frusciante. O guitarrista original e visionário da banda, Hillel Slovak, era um artista difícil de ser sucedido, mas Frusciante desempenhou um papel importante em tirar a banda do gueto do white-funk e conduzi-los a mundos musicais próprios. Sempre tocando a serviço da música, ele deu aos Chili Peppers uma amplitude que eles não tinham antes: com riffs pesados do cover de "Higher Ground" de Stevie Wonder, o dedilhado em "Under the Bridge" e "Scar Tissue", a fusão metálica em "Give It Away", o dedilhado em "Breaking the Girl" e o solo hendrixiano em "Dani California". Essa paleta eclética deu aos álbuns da banda, como *Californication* e *Blood Sugar Sex Magik*, uma variedade notável - e o transformou em um dos guitarristas mais influentes do rock alternativo.

MELHORES CANÇÕES:  
"DANI CALIFORNIA", "UNDER THE BRIDGE"



## James Burton

O estilo “chicken pickin” de James Burton é um som único no country e uma influência no rock. Ele começou aos 14 anos, escrevendo “Susie Q” para Dale Hawkins, e tornou-se uma estrela adolescente ao se juntar à banda de Ricky Nelson em 1957. Com Nelson, ele criou sua técnica: usava uma dedeira e uma palheta, e substituiu as quatro cordas mais agudas da Telecaster por cordas de banjo, assim a guitarra estalava, estourava e tremia. “Nunca comprei um disco do Ricky Nelson”, disse Keith Richards. “Comprei um disco do James Burton.” No final dos anos 1960 e 1970, ele reuniu a banda de Elvis Presley e tornou-se o cara em discos com influência country, como os de Joni Mitchell e de Gram Parsons. “Ele era apenas um cara misterioso: ‘Quem é esse cara e por que ele está em todos esses discos que eu gosto?’” disse Joe Walsh. “Sua técnica era de extrema importância.”

MELHORES CANÇÕES: “HELLO MARY LOU”, “SUSIE Q”, “BELIEVE WHAT YOU SAY”

## Albert King

Quando a *Rolling Stone* perguntou a Albert King quais eram suas influências, ele disse: “Ninguém. Tudo o que faço está errado.” Pioneiro do blues elétrico, o canhoto tocava uma Gibson Flying V invertida, de cabeça para baixo, com as cordas de baixo voltadas para o chão. Ele usava uma afinação indecifrável, tocando notas com o polegar. Com 1,93m e 136kg, conseguia curvar notas mais longe e com mais força do que outros guitarristas. Seus discos influenciaram uma geração: Eric Clapton emprestou o solo de “Strange Brew”, e Duane Allman transformou a melodia de “As the Years Go Passing By” no riff de “Layla”. Jimi Hendrix ficou embasbacado quando seu herói abriu seu show no Fillmore em 1967. “Eu dei uma lição a [Hendrix] sobre o blues”, disse King. “Eu poderia ter facilmente tocado as músicas dele, mas ele não conseguia tocar as minhas.”

MELHORES CANÇÕES: “BORN UNDER A BAD SIGN”, “AS THE YEARS GO PASSING BY”



## James Hetfield e Kirk Hammett

O Metallica estourou como uns demônios da velocidade, com o cantor e guitarrista James Hetfield dedilhando a ritmos vertiginosos, como um Black Sabbath a 78 rotações por minuto, e o guitarrista solo Kirk Hammett espalhando notas por onde pudesse. O antecessor de Hetfield e Hammett, Dave Mustaine (agora um herói da guitarra em sua própria banda, Megadeth), desenvolveu técnicas que lhes permitiram mover os dedos o mínimo possível para tocar mais rápido que qualquer

outro, redefinindo o metal em músicas como “Phantom Lord” e “Jump in the Fire”. Mas pelo segundo álbum do Metallica, quando Hammett, um ex-aluno de Joe Satriani, começou a adicionar melodia emocional a músicas como “Fade to Black” e “The Call of Ktulu”, a banda alcançou algo único. Essa dualidade entre a fúria de Hetfield e a sensibilidade emotiva de Hammett veio a definir seus maiores sucessos: “Enter Sandman”, “One”, “Master of Puppets” — músicas que capturam a agonia e o êxtase da banda.

MELHORES CANÇÕES: “ONE”, “FADE TO BLACK”, “SAD BUT TRUE”



21

## Randy Rhoads



A carreira de Randy Rhoads foi curta - ele morreu aos 25 anos - mas seus solos precisos em "Crazy Train" e "Mr. Crowley" de Ozzy Osbourne estabeleceram o padrão para solos do metal por muitos anos. "Praticava oito horas por dia por causa dele", disse Tom Morello, chamando Rhoads de "maior guitarrista de hard rock/heavy metal de todos os tempos". Rhoads co-fundou a Quiet Riot quando era adolescente e entrou na banda

Blizzard of Ozz, de Ozzy Osbourne após alguns anos trabalhando como professor de guitarra. Ele continuava a dar aulas de guitarra em diferentes cidades quando estava em turnê com Ozzy. Quando gravou seu último álbum, o *Diary of a Madman*, de Ozzy Osbourne, ele se aprofundava na música clássica e explorava o jazz. Ele "estava se aprofundando como guitarrista", disse Nikki Sixx do Mötley Crüe. "Aquilo era realmente o próximo passo ali."

MELHORES CANÇÕES: "CRAZY TRAIN", "MR. CROWLEY", "DIARY OF A MADMAN"

19

## Freddie King

Em uma entrevista de 1985, Eric Clapton citou o lado B de 1961 de Freddie King, "I Love the Woman": "[foi] a primeira vez que ouvi aquele estilo de guitarra líder elétrica, com as notas dobradas ... [isso] me lançou em meu caminho". Clapton compartilhou seu amor por King com outros heróis britânicos da guitarra, como Peter Green, Jeff Beck e Mick Taylor, todos profundamente influenciados pelo tom agudo e pelos ganchos melódicos concisos de King em singles icônicos como "The Stumble", "I'm Tore Down" e "Someday, After Awhile". Apelidado de "The Texas Cannonball" por sua estatura imponente e shows incendiários, King tinha um approach de guitarra único. "Aço com aço é um som inesquecível", diz Derek Trucks, referindo-se ao uso de King de palhetas de banjo de metal. "Mas tem que estar nas mãos certas. A maneira como ele usava isso — cara, você ia ouvir aquela guitarra." Trucks ainda consegue captar o impacto enorme de King em Clapton. "Quando toquei com Eric", disse Trucks recentemente, "havia momentos em que ele fazia solos e eu sentia aquela vibe do Freddie."

MELHORES CANÇÕES: "HIDE AWAY", "THE STUMBLE"

20

## Stevie Ray Vaughan



No início dos anos 1980, a MTV estava em ascensão e as guitarras de blues estavam longe do mainstream. Mas o texano Stevie Ray Vaughan exigia sua atenção, absorvendo os estilos de praticamente todos os grandes guitarristas de blues, além de Jimi Hendrix e muito jazz e rockabilly. Seu tom monstruoso, seu virtuosismo casual e seu senso impecável de swing podiam fazer um blues shuffle como "Pride and Joy" bater tão

forte quanto o metal. Vaughan era reconhecido como um igual por nomes como B.B. King e Eric Clapton, e apesar de sua morte em um acidente de helicóptero em 1990, ele ainda inspira várias gerações de guitarristas, de Mike McCready do Pearl Jam a John Mayer e Gary Clark Jr. "Stevie foi uma das razões pelas quais eu queria uma Stratocaster — seu timbre, que eu nunca consegui reproduzir, era simplesmente tão enorme, ousado e brilhante ao mesmo tempo", disse Clark. "Se você ouvir os discos dele e assistir seus vídeos, poderá perceber que ele estava dando tudo o que tinha. Sua paixão é avassaladora."

MELHORES CANÇÕES: "LOVE STRUCK BABY", "COLD SHOT"





18

## Tom Morello

Com raras exceções — Hendrix vem à mente, como sempre — as guitarras do rock nos últimos 40 ou 50 anos têm soado principalmente como guitarras de rock. Então veio o Rage Against the Machine e sua inovadora guitarra de seis cordas. Assim como Zack de la Rocha lançou política descaradamente em nossos rostos, Tom Morello fez o mesmo com sua guitarra e os sons audaciosos que tirava dela. Aquele arranhado de tocadiscos em “Bulls on Parade” do Evil Empire? Aqueles alienígenas jogando videogame em “Killing in the Name” ou aquele ataque de avião em “Fistful of Steel”, ambos do álbum de estreia do Rage em 1992? Tudo Morello, apenas com suas guitarras, pedais e imaginação. A mistura de geringonças de Morello e acordes estrondosos lembrava heróis como Ron Asheton dos Stooges (em “Sleep Now in the Fire” do Rage), mas Morello adicionava ainda mais audácia ao seu estilo de tocar. Desde que o Rage se dissolveu como uma banda de estúdio, Morello tem sido comparativamente contido com seus projetos, como Nightwatchman e Street Sweeper Social Club, mas sua raiva contra os clichês da guitarra deixou sua marca para sempre.

MELHORES CANÇÕES:  
“GUERRILLA RADIO”, “KILLING IN THE NAME”

17

## Mother Maybelle Carter

Maybelle Carter não inventou seu estilo de guitarra característico — o Carter scratch, ou “o Arranhado de Carter” — do nada: ela creditou plenamente ao pioneiro Lesley Riddle por ensinar-lhe o estilo distintivo de dedilhado. Mas foi ela que ajudou a popularizar o estilo ao redor do mundo em músicas como “Will the Circle Be Unbroken”, “Wildwood Flower”, e “Bury Me Under the Weeping Willow.” A habilidade de Carter, que

começou aos 13 anos, transformou o violão de um simples dedilhar em um instrumento que poderia tocar melodia, ritmo e baixo simultaneamente, tornando-a “talvez a guitarrista mais imitada de todos os tempos”, como a cantora-compositora (e uma das milhares de discípulas) Courtney Marie Andrews declarou em 2019. “Quando comecei a tocar, não tinha ninguém para tocar comigo”, explicou certa vez, “então foi assim que desenvolvi esse estilo”.

MELHORES CANÇÕES: “WILDWOOD FLOWER”, “BURY ME UNDER THE WEeping WILLOW”

16

## Robert Johnson

Ele mal era conhecido por décadas após sua morte em 1938. Mas as 29 músicas que Robert Johnson gravou entre 1936 e 1937 — incluindo clássicos como “Cross Road Blues”, “Love in Vain”, e “Traveling Riverside Blues” — tornaram-se sagradas para os guitarristas de rock, de Clapton a Dylan. Eles ficaram deslumbrados com a forma como ele fazia uma única guitarra soar como um conjunto completo — dedilhando e deslizando partes de ritmo todas

em diálogo umas com as outras, riffs surgindo da névoa e depois recuando. Cream, Rolling Stones, Led Zeppelin e White Stripes todos fizeram versões de suas músicas, juntamente com praticamente todo artista inspirado no blues. Em *Chronicles*, Bob Dylan lembra de tocar “King of the Delta Blues Singers” logo após seu lançamento: “Desde a primeira nota, as vibrações do alto-falante fizeram meu cabelo se arrepiar. Os sons cortantes da guitarra podiam quebrar uma janela.”

MELHORES CANÇÕES: “RAMBLIN’ ON MY MIND”, “TRAVELING RIVERSIDE BLUES”





15

## Keith Richards

**K** eith Richards faz tocar parecer fácil. O poder de seus riffs — “(I Can’t Get No) Satisfaction”, “Brown Sugar” — é a simplicidade da técnica e a simetria das notas. Nos anos 60, seu ritmo sustentava os surtos de inspiração de Brian Jones. Richards fornecia uma base envolvente em “Time Is on My Side”, “Paint It, Black”. Nos anos 70, quando o Mick Taylor entrou, Richards fazia grooves como pano de fundo — “Tumbling Dice”, “Wild Horses”. E desde que Ron Wood entrou na banda, ele tornou-se uma metade de um yin yang musical. “[Um grande riff] simplesmente aparece nas pontas de seus dedos e sai do instrumento”, disse à *Rolling Stone* em 2020. “E isso é um grande riff, totalmente não pensado, sem estrutura, sem regras. Um minuto não está lá, e no próximo, está.”

MELHORES CANÇÕES: “(I CAN’T GET NO) SATISFACTION”, “GIMME SHELTER”



14

## Prince

**E** le tocou o maior solo de power ballad da história (“Purple Rain”). Podia funkear como Jimmy Nolen e Nile Rodgers e gritar como Van Halen. Assim como Bo Diddley, reimaginou a guitarra — primeiro com a “cloud” amarela e depois com sua guitarra-símbolo altamente falóide. Apesar de ter recebido comparações com Jimi Hendrix, Prince via as coisas de maneira diferente: “É só porque ele é negro. Isso é realmente a única coisa que temos em comum”, disse à *Rolling Stone*. “Se realmente ouvissem minhas coisas, ouviriam mais influência de Santana. Hendrix tocava mais blues, Santana tocava mais bonito.” Ele também identificou um benefício pouco conhecido da guitarra: “Estou convencido de que toda essa eletricidade correndo pelo meu corpo fez com que eu mantivesse meu cabelo.”

MELHORES CANÇÕES: “PURPLE RAIN”, “WHEN DOVES CRY”

13

## Tony Iommi



**O** co-fundador do Black Sabbath, Tony Iommi, desenvolveu um estilo sombrio como resultado de um acidente industrial que cortou as pontas dos dedos médio e anelar de sua mão esquerda. Apesar de tocar novamente com a ajuda de ponteiras de plástico nos dedos, as próteses caseiras o obrigaram a usar cordas mais leves e a pressionar o braço do instrumento com mais força. Iommi criou o modelo que faz tremer a terra para inúmeros guitarristas de metal que viriam depois. “Naquela época, você tinha que criar seu som”, Iommi disse à *Guitar World* em 2020. “Você não podia comprar um dispositivo que fizesse o som que queria, tinha que se esforçar e construir um timbre você mesmo. E eu achei isso ótimo, realmente, porque você acredita mais nele quando construiu.”

MELHORES CANÇÕES: “SABBATH BLOODY SABBATH”, “SYMPTOM OF THE UNIVERSE”



12

## Jimmy Nolen

**A**ntes de ingressar na banda de James Brown, Jimmy Nolen criou uma maneira de contornar bateristas fracos: “Costumava apenas tocar e manter o ritmo o mais próximo possível de uma bateria”, disse ele. “Isso meio que mantém o baterista na linha.” Quando entrou para o grupo de Brown sua progressão e a combustão rítmica do cantor se encontraram como amantes em filmes. A vida foi menos romântica — Nolen morreu em 1983 e pediu à sua viúva que insistisse para que Brown não exigisse tanto de seus sucessores — mas ninguém pode questionar os resultados. Começando com “Papa’s Got a Brand New Bag” de 1965 — a introdução, com seu acorde rolante, pertence a Nolen — e continuando por meio meia de clássicos que vão desde “Let Yourself Go” (outra vitrine para o gênio Nolen) até “Cold Sweat” e “Funky Drummer”, Ele definiu o funk na guitarra: ritmo assustadoramente cortante.

MELHORES CANÇÕES: “PAPA’S GOT A BRAND NEW BAG”, DE JAMES BROWN, E “COLD SWEAT”

10

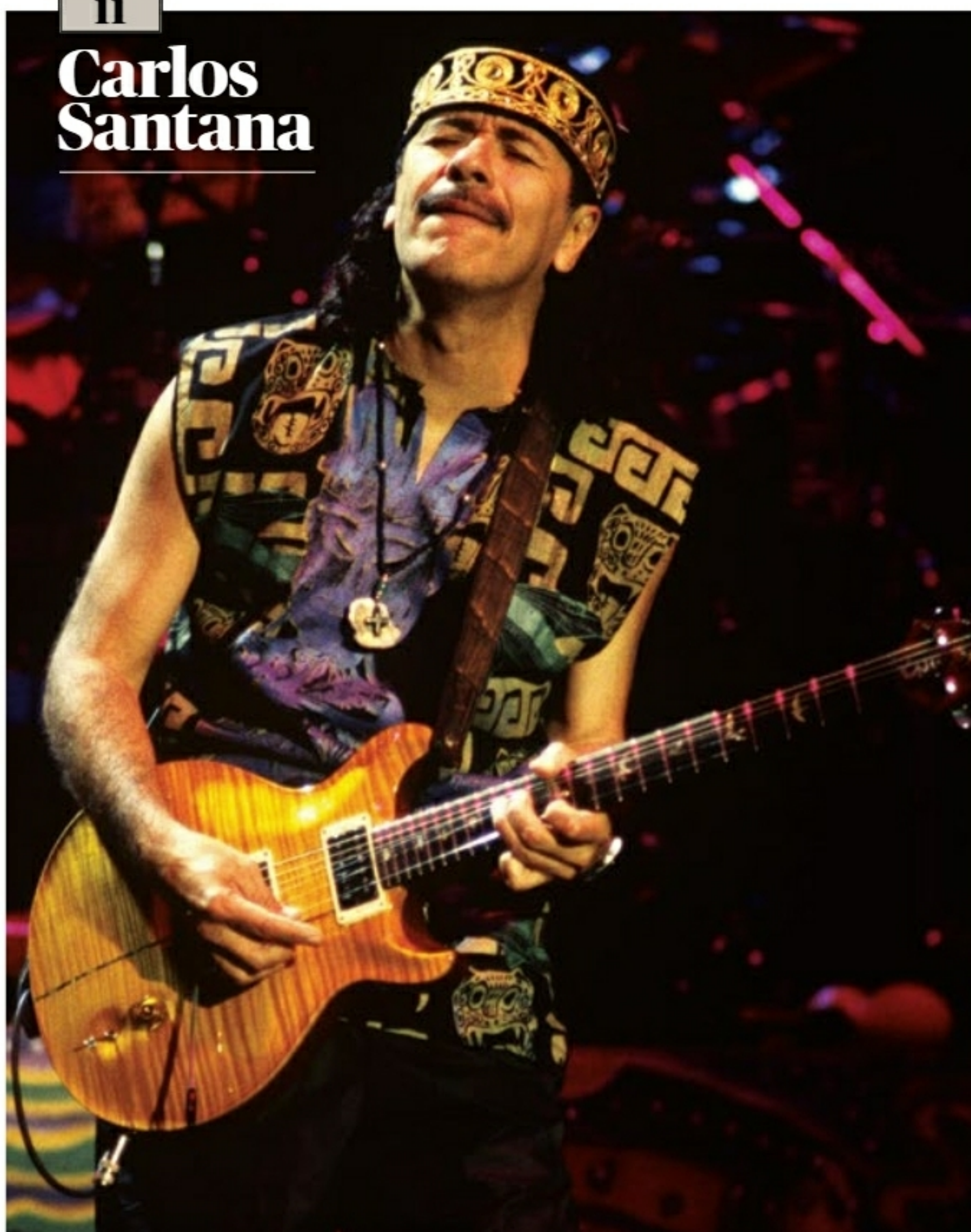
## Duane Allman

**D**uane Allman não viveu muito — ele tinha apenas 24 anos quando morreu em um acidente de moto em 1971. Mas ele preencheu esses anos com uma quantidade de guitarra visionária que valia por várias vidas. Com a Allman Brothers Band, ele percorreu todas as estradas de terra da música americana: jazz modal, blues, country, rock psicodélico do sul. Como um adolescente na Flórida, ele aprendeu a tocar sua Gibson Les Paul ouvindo seus discos de Robert Johnson e Chuck Berry. Primeiro se destacou como sideman, especialmente em suas sessions de soul em Muscle Shoals com Wilson Pickett e Aretha Franklin. Mas logo começou a ABB em 1969 com seu irmão mais novo, Gregg. Na primeira vez em que os músicos improvisaram juntos, Duane disse a eles: “Qualquer um que não queira estar na minha banda vai ter que lutar para sair pela porta”.

MELHORES CANÇÕES: “STATESBORO BLUES”, “YOU DON’T LOVE ME”, “WHIPPING POST”

11

## Carlos Santana



**A** fusão pioneira de blues, jazz e música latina de Carlos Santana foi apresentada ao mundo com uma performance arrebatadora no Woodstock. Foi igualmente poderosa 30 anos depois, quando Supernatural vendeu 15 milhões de cópias e ganhou nove Grammys. Durante todo esse tempo, Santana simplesmente permaneceu ele mesmo, evocando melodias gloriosas com um pé no bairro e o outro em algum plano astral distante. “Sua música era algo novo, mas estava entrelaçada com tudo o que estava acontecendo na época”, disse Henry Garza do Los Lonely Boys. “Ele incorporou sua cultu-

ra à música.” Como Miles Davis, B.B. King e poucos outros músicos, Santana é um instrumentista raro que pode ser identificado em apenas uma nota. Ele diz que tentou imitar seus próprios heróis, especialmente jazzistas como Wes Montgomery e Grant Green, mas “por mais que eu tentasse, não conseguia — sempre soava como eu”. Por sua vez, ninguém consegue replicar o único e cristalino tom de guitarra de Santana, mas seu impacto verdadeiramente foi global. Prince, por exemplo, o considera uma influência maior do que Jimi Hendrix, explicando simplesmente que “Santana tocava de forma mais bonita”.

MELHORES CANÇÕES: “BLACK MAGIC WOMAN”, “OYE COMO VA”, “SOUL SACRIFICE”



09

## Joni Mitchell



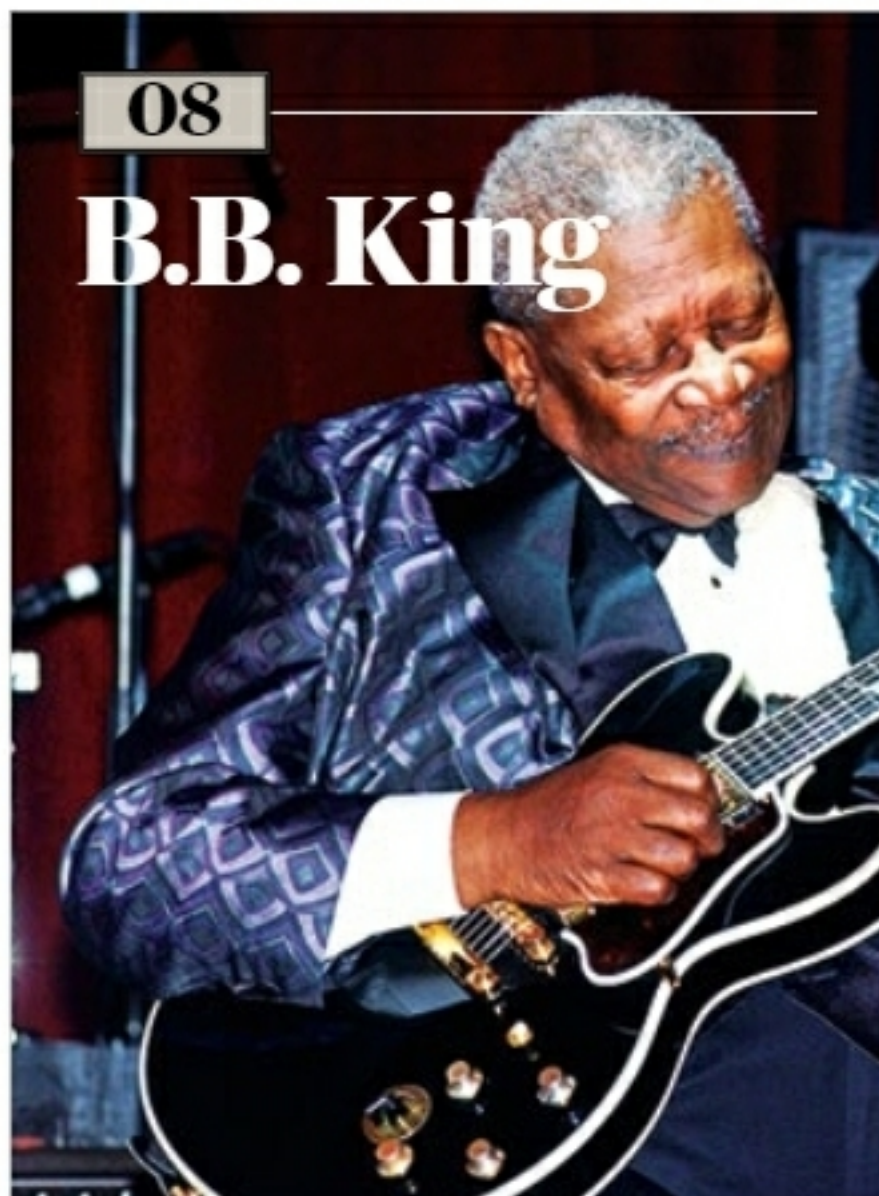
**J**oni Mitchell reina como guitarrista acústica suprema do rock há mais de 50 anos, criando a própria linguagem com afinações alternativas. “Eu queria tocar guitarra como uma orquestra”, disse à *Rolling Stone* em 1999. “Eu sei que tenho uma maneira única de tocar, mas ninguém notava. Achei meio bobo eles descreverem isso como guitarra folk quando era mais parecido com Duke Ellington.” Com a mão esquerda enfraquecida por uma poliomielite na infância, ela compensou usando mais de 50 afinações. “Eu sempre pensei nas cordas superiores como a seção de sopros e nas inferiores como a seção de ritmo.” Outros músicos ficavam maravilhados com seu jeito de tocar. “Se sou um deus?”, ela indagou à *Rolling Stone*. “Sou uma deusette. Nunca tive um deus da guitarra.” O melhor lugar para ou-

vi-la é a obra-prima de 1976, *Hejira*, com o baixista Jaco Pastorius. Conforme seus acordes se tornam difíceis para os companheiros de banda acompanharem, ela simplesmente assumia os solos elétricos ela mesma — metade deles em *Hejira*, quase todos em *Don Juan's Reckless Daughter* e em *Mingus*. No documentário *Rolling Thunder* de Scorsese, ela toca “Coyote” para Roger McGuinn e Bob Dylan — McGuinn se aproxima para olhar suas mãos de perto, por não acreditar nos acordes. “Algo sobre essas ricas afinações modais que ela usava me impressionou muito”, disse Lee Ranaldo do Sonic Youth. “O que Joni fazia era muito misterioso”.

MELHORES CANÇÕES: “FOR THE ROSES”, “COYOTE”, “REFUGE OF THE ROADS”

08

## B.B. King



**O** “Embaixador do Blues” era uma figura tão amada na música americana que é fácil esquecer o quão revolucionário era seu trabalho na guitarra. Como disse Buddy Guy, “Antes do B.B., todos tocavam a guitarra como se fosse acústica”. King fez sua famosa Gibson “Lucille” chorar como uma mulher real. Desde as primeiras notas de seu sucesso “Three O’Clock Blues”, de 1951, é possível ouvir seu estilo inovador e fluído. A técnica de King ao dobrar as cordas e seu vibrato vieram de seu ídolo T-Bone Walker, mas ele levou tudo para um lugar novo, mudando como todos os outros tocavam. “Todo guitarrista que você ouve, tem um pouco de B.B. ali”, disse Guy. “Ele foi o pai de apertar a corda na guitarra elétrica.” King cresceu em uma plantação no Delta do Mississippi, colhendo

algodão e aprendendo o blues rural com seu primo Bukka White. Ele partiu para Memphis em 1948, onde se tornou um DJ de rádio e desenvolveu seu estilo eclético de blues, com toque gospel e refinamento jazz. Seu álbum “Live at the Regal” de 1965 ainda é um dos maiores showcases de guitarra já feitos. Mas King se recusava a diminuir o ritmo, fazendo turnês intensas até sua idade avançada, e manteve Lucille como o amor de sua vida. “Lucille não quer tocar nada além de blues”, disse King. “Lucille é real. Quando eu a toco, é quase como ouvir palavras, e é claro, naturalmente, eu ouço o choro.”

MELHORES CANÇÕES: “EVERY DAY I HAVE THE BLUES”, “THE THRILL IS GONE”

07

## Nile Rodgers



**H**á “influyente”, “muito influyente”, e há Nile Rodgers. A história da música pop nos 50 anos é a história de sua guitarra. O frenesi funk staccato que ele inventou com o Chic nos hits disco dos anos 1970 como “Le Freak” e “Good Times” — tem sido o coração da música pop global desde então. Sua guitarra veloz em “I’m Coming Out” de Diana Ross em 1980 ainda era o som mais forte no rádio quase 20 anos depois, quando Biggie transformou isso em “Mo Money Mo Problems”. Rodgers fundou o Chic com o baixista Bernard Edwards, inspirado pelo Roxy Music. “Quando comecei, tudo que tocava era rock super pesado”, Rodgers disse à *Rolling Stone* em 1979. “Ser Hendrix ou Jimmy Page era sucesso para mim.” Sua Strat dinâmica e imparável alimenta clássicos que ele

fez para Ross (“Upside Down”), Sister Sledge (“We Are Family”), David Bowie (“Let’s Dance”), Duran Duran (“Notorious”) e Daft Punk (“Get Lucky”). Seus riffs também ajudaram a iniciar a era do hip-hop — o Sugarhill Gang rimou sobre “Good Times” para o hit “Rapper’s Delight”. Seu impacto se estende por toda parte, nos acordes jazzísticos e nos ritmos poderosos. Ele foi a maior influência dos Smiths — Johnny Marr sempre chamou Rodgers de herói — e até nomeou seu filho de “Nile”. Mas ele é um verdadeiro inovador que nunca diminuiu o ritmo, continua a fazer história com a guitarra.

MELHORES CANÇÕES: “LE FREAK”, “GOOD TIMES”, “I’M COMING OUT”



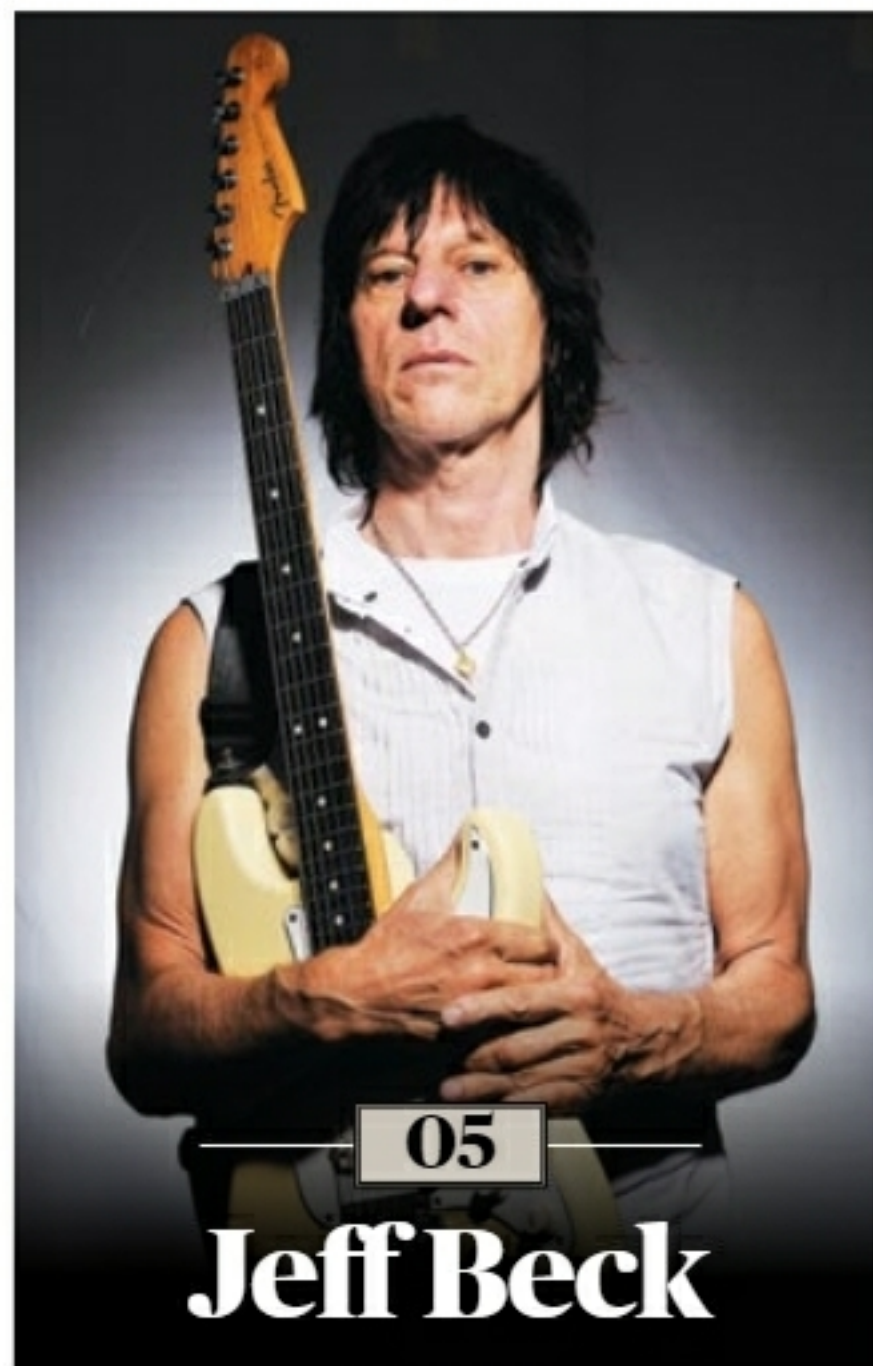


06

## Sister Rosetta Tharpe

**M**ulher negra sexualmente fluída que impulsionou a música gospel ao mainstream, Sister Rosetta Tharpe quebrou vários tabus. Antes do rock existir, ela praticamente inventou o conceito de guitar hero. Bob Dylan a classificava como uma “força poderosa da natureza — uma evangelista que tocava guitarra e cantava”. Inspirada pela mãe, que tocava bandolim, Tharpe, que nasceu no Arkansas e mudou para Chicago com a família, aprendeu a tocar guitarra por volta dos cinco anos. Quando começou a gravar nos anos 1930, já tinha dominado o instrumento. Seu dedilhado e arpejos em “Strange Things Happening Every Day” de 1945 combinavam com o ritmo contagiante do boogie-woogie da música e seu próprio canto vivaz, além de soltar um turbilhão de notas durante um solo na tradicional canção gospel “Up Above My Head”. Em 1964, Eric Clapton, Keith Richards e Jeff Beck foram até Manchester, para vê-la se apresentar em um especial televisivo de folk, blues e gospel. Naquele dia, sua versão de “Didn’t It Rain” destacou suas raízes na potência vocal e na maneira sem esforço de fazer a guitarra cantar. Tharpe faleceu em 2013, mas continua a receber reconhecimento. Refletindo como uma nova geração deve muito a Tharpe, Brittany Howard a introduziu no Rock & Roll Hall of Fame como uma influência maior.

MELHORES CANÇÕES:  
“STRANGE THINGS HAPPENING EVERY DAY”



05

## Jeff Beck

**J**eff Beck nunca quis ser um herói da guitarra. Ele saiu do Yardbirds, desfez o Jeff Beck Group (recusando um convite para Woodstock), e deixou outras bandas desaparecerem antes de ficarem famosas. Mesmo rejeitando a fama, Beck ainda queria tocar guitarra. Sua técnica evoluiu rapidamente, indo do domínio total do blues com o Yardbirds e o Jeff Beck Group para fazer sua Stratocaster cantar no instrumental “Beck’s Bolero”. Constante experimentador, Beck encontrou inspiração no jazz fusion de meados dos anos 1970, optando por fazer da guitarra seu foco total em “Blow by Blow”, álbum instrumental em que ele manipulava sua barra de tremolo, lançava notas e alterava o tom das notas para espelhar a voz da cantora de R&B Syreeta em sua versão de “Cause We’ve Ended As Lovers”. Ele se tornou cada vez melhor em interpretar a voz humana de maneiras incomuns na guitarra: o orgulho cortante de seu solo em “People Get Ready”, o som flutuante e cintilante de quase chorar em “Nadia”, as interpretações suspirantes e apaixonadas de “Over the Rainbow” e “Nessun Dorma”. “Nunca atingi o grande sucesso, e isso possivelmente é bom”, disse ele em 2018. “Olhar ao redor e ver quem alcançou enorme sucesso, parece um lugar realmente ruim para estar quando você pensa. Talvez eu seja abençoado por não ter passado por isso.”

MELHORES CANÇÕES:  
“BECK’S BOLERO”, “FREEWAY JAM”



04

## Eddie Van Halen

**S**e “Eruption” fosse só o que Eddie Van Halen tivesse lançado, ele ainda estaria neste panteão. Com sequências parecidas com piano e acordes semelhantes a trompetes, ele mostrou que a guitarra conseguia mais do que outros jamais sonharam. Mas a verdadeira magia era transformar truques em músicas que as pessoas amavam cantar: “Ain’t Talkin’ ‘Bout Love”, “Dance the Night Away”, “Everybody Wants Some!!”, “Jump” combinavam técnicas de Van Halen às letras de David Lee Roth. Além dos hinos, solos como “Spanish Fly”, “Cathedral” e “Little Guitars” pareciam mais composições do que solos, e ele nunca parou de experimentar: gravou uma furadeira elétrica ao lado da captação de “Poundcake” fazendo a guitarra gritar. “Com Eddie Van Halen, todos estavam hipnotizados”, disse Tom Morello. “Sabíamos que estávamos diante do Mozart dessa geração.” E mesmo quando não estava tocando, aplicava seu gênio à guitarra, construindo sua “Frankenstrat”, inventando uma alavanca de tremolo flutuante e garantindo patentes. Ele ainda era autodidata.

MELHORES CANÇÕES: “ERUPTION”, “AIN’T TALKING ‘BOUT LOVE”, “HOT FOR TEACHER”



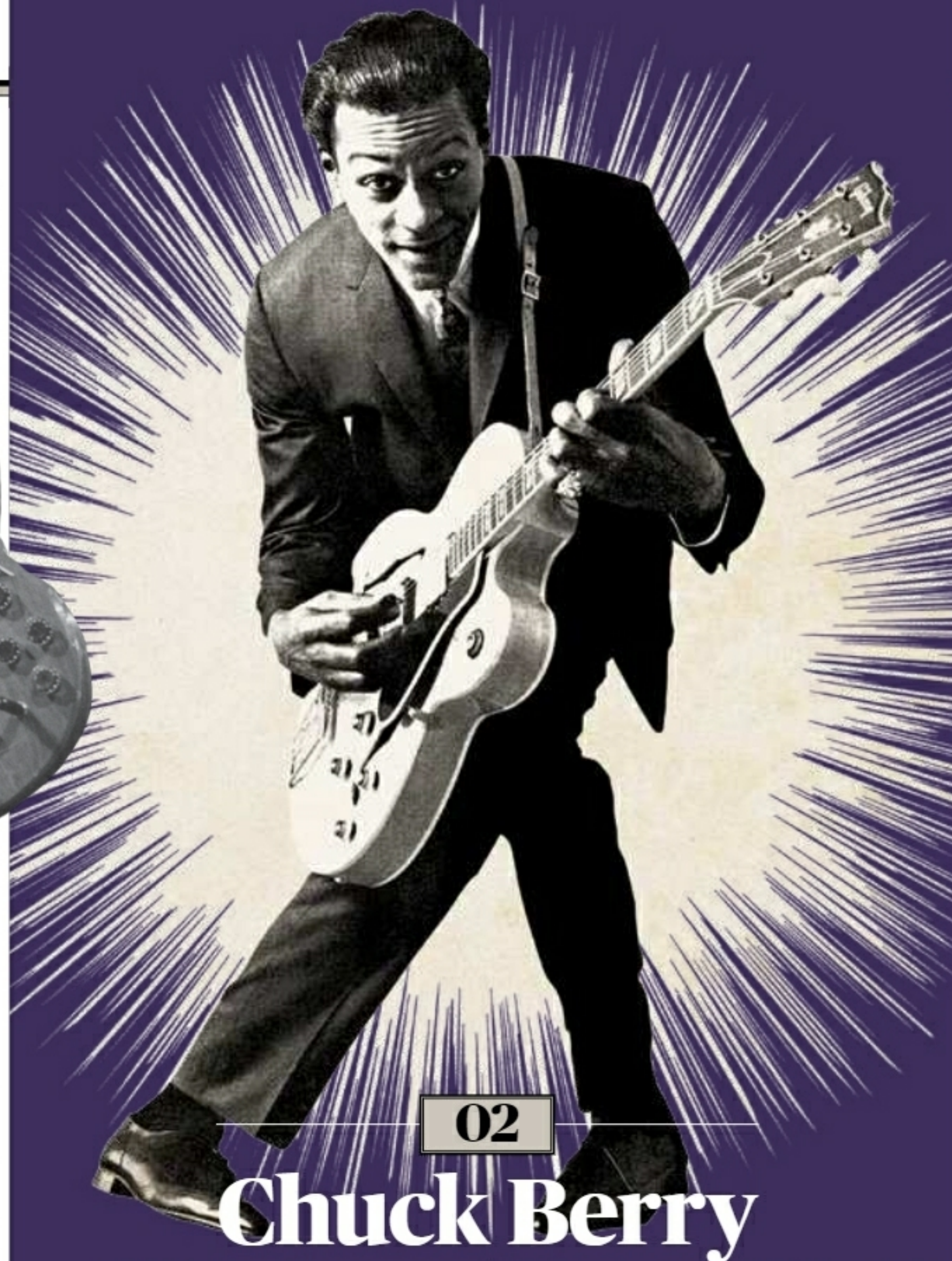


03

## Jimmy Page

Muito antes da formação do Led Zeppelin, Jimmy Page já havia causado tremendo impacto no mundo do rock devido ao seu trabalho nos Yardbirds e sua atuação em toda a cena londrina. Ainda no início dos seus vinte anos, Page foi o guitarrista mais chamado para tocar em discos do The Who, The Kinks, Donovan, Marianne Faithfull e outros. Mas em 1968, ele solidificou seu papel como um dos maiores deuses da guitarra do rock de todos os tempos ao formar uma banda com o cantor Robert Plant, o baixista John Paul Jones e o baterista John Bonham. Com o Led Zeppelin, tudo sobre Page tornou-se instantaneamente lendário — desde seu terno bordado com dragões até sua obsessão pelo ocultismo —, mas seus riffs ardentes sempre foram o destaque. Você não pode ouvir “Communication Breakdown” ou “In the Evening” e não tê-las na cabeça por 72 horas. “Um riff deve ser hipnótico, porque será tocado repetidamente”, ele disse à *Rolling Stone* em 2012.

MELHORES CANÇÕES: “ACHILLES LAST STAND”, “KASHMIR”, “NO QUARTER”



02

## Chuck Berry

Chuck Berry não apenas inventou a guitarra do rock & roll — ele a aperfeiçoou. Você pode ouvir tudo isso na introdução de sua clássica música de 1956, “Johnny B. Goode”, quando ele inicia a canção com um manifesto de seis cordas de 18 segundos, tornando-se o hino definitivo do guitar hero. Ele descobriu como misturar o blues e a música country que amava, fundindo boogie-woogie e a sonoridade caipira em seu próprio estilo original de flashes elétricos em alta velocidade. Em outras palavras: rock & roll. Toda tradição da música americana está em algum lugar na guitarra de Chuck Berry. Como disse seu discípulo Keith Richards, “Chuck é o avô de todos nós”. Ele era um cabeleireiro de St. Louis quando gravou seu revolucionário hit de estreia em 1955, “Maybellene”, para a Chess Records. Ele sempre disse que escreveu

“Maybellene” copiando um clássico country, “Ida Red”, de Bob Wills. Mas ele criou algo novo e incendiou o mundo. Ele definiu o rock & roll com uma série de hits geniais: “Roll Over Beethoven”, “You Can’t Catch Me”, “Little Queenie”, “Brown Eyed Handsome Man”. Seus riffs originaram os Beatles e os Stones, Hendrix e Zeppelin, os Velvets e o Clash. Berry foi injustamente condenado à prisão no início dos anos 1960, onde escreveu a ironicamente amarga “Promised Land”. Mas na era Woodstock, ele celebraria sua nova base de fãs hippie com o ótimo “Tulane” de 1970. “Não há nada de novo sob o sol”, insistiu Berry no filme de 1987, *Hail! Hail! Rock ‘n’ Roll*. Sobre sua maneira de tocar guitarra, ele disse: “É apenas um quadro do tempo passando”. Não poderia haver um resumo mais poético das conquistas de Chuck Berry.

MELHORES CANÇÕES: “MAYBELLENE”, “JOHNNY B. GOODE”, “BROWN EYED HANDSOME MAN”



# 01 Jimi Hendrix

Jimi Hendrix incendiando sua Fender Stratocaster no Monterey Pop é uma das imagens mais icônicas da história do rock. Ele era um showman que tocava com os dentes ou nas costas. Mas por trás de toda a teatralidade está o verdadeiro mestre do instrumento. Sua carreira pode ter durado oito anos, mas músicos passam a vida estudando sua técnica deslumbrante e seu gênio improvisante. Hendrix cantava, mas optou por fazer de sua guitarra a voz principal. Ele popularizou o uso do feedback, inventou sua própria fusão de blues e psicodelia, e influenciou o desenvolvimento do rock, metal, funk e muito mais. Hendrix era eloquente não apenas em sua maneira de tocar, mas também na forma como falava sobre tocar. “O pedal wah-wah é ótimo porque não tem notas”, disse ele à *Rolling Stone* em 1968. “Nada além de acertá-lo direto usando o vibrato e então os tambores entram e então parece... não depressão, mas solidão e frustração, e o anseio por algo. Como se algo estivesse se estendendo.” Em uma era em que a música ainda estava amplamente segregada racialmente, o surgimento de Hendrix — um artista negro que deixava multidões brancas boquiabertas de admiração — foi um evento sísmico que obliterou barreiras culturais. E décadas após sua morte, seu público só continua a crescer. “Jimi Hendrix explodiu nossa ideia do que o rock poderia ser”, disse Tom Morello. “É impossível imaginar o que Jimi estaria fazendo agora; ele parecia ser um personagem bastante volátil. Ele seria um estadista do rock? Seria Sir Jimi Hendrix? Ou estaria fazendo uma residência na Strip de Vegas? A boa notícia é que seu legado está garantido como o maior guitarrista de todos os tempos.”

MELHORES CANÇÕES: “PURPLE HAZE”,  
“VOODOO CHILD”, “LITTLE WING”,  
“THE STAR-SPANGLED BANNER”

Contribuíram: Jonathan Bernstein, Tom Beaujour, David Browne, Brenna Ehrlich, Jon Dolan, J.D. Considine, Dan Epstein, Jon Freeman, David Fricke, Elisabeth Garber-Paul, Maya Georgi, Michael Goldwasser, Sarah Grant, Andy Greene, Joe Gross, Kory Grow, Will Hermes, Brian Hiatt, Joseph Hudak, Maura Johnston, Ernesto Lechner, Alan Light, Leah Lu, Charisma Madarang, Angie Martoccio, Michaelangelo Matos, Brittney McKenna, Craig Seymour, Rob Sheffield, Rob Tannenbaum, Simon Vozick-Levinson, Douglas Wolk, Zhenzhen Yu. Tradução: Eduardo do Valle, Felipe Grutter, Pedro Figueiredo



# ERIC CLAPTON

## A entrevista definitiva

O guitarrista fala sobre sintetizadores, a vida após os Yardbirds e a maldição das paradas de sucesso

Publicado originalmente em 11 de maio de 1968 na *Rolling Stone*



**E**ric Clapton já era venerado como deus da guitarra em Londres, naquela primavera de 1968. Com apenas 23 anos, o músico tinha currículo de autoridade entre a passagem juvenil pelos The Yardbirds, a evolução musical com John Mayall & the Bluesbreakers e a apoteose roqueira do Cream. Na efervescente São Francisco pós-verão do amor, ele encontra uma recém-fundada *Rolling Stone* para dividir suas opiniões por vezes sólidas, como a crítica sobre a dinâmica predatória da indústria e dos charts; por vezes limitada, como sua visão racializada sobre o legado de Jimi Hendrix. Como um retrato, porém, a conversa é testemunho de toda a excitação e idiossincrasias da contracultura, que fez de humanos complexos e contraditórios seus deuses permanentes com guitarras nas mãos.

\*\*\*

**Quando você veio para os Estados Unidos pela primeira vez no ano passado, o que você achou que as pessoas esperavam de você e da Cream?**

Parecemos ser mais populares aqui do que eu imaginava. Eu tinha ouvido dizer que éramos conhecidos no underground. No entanto, eu realmente não imaginava que seríamos tão populares. Ou que seríamos aceitos tão rapidamente como fomos, porque uma banda americana como a Butterfield pode ir à Inglaterra agora e não ser bem recebida em lugar nenhum. A melhor recepção que eles tiveram foi no Mar-

quee, e nem foi tão boa quanto a que a maioria das bandas inglesas teria recebido. Na Inglaterra, todos ficam muito tensos quanto a isso. Eles não querem que estrangeiros entrem. São muito competitivos na cena musical e não querem que ela seja contaminada pelos americanos.

**Talvez isso se deva a algum tipo de complexo de inferioridade musical, sabendo que tudo o que eles fazem é realmente baseado na música americana.**

É uma coisa muito ciumenta. Eles têm medo de que a música americana esteja muito à frente deles. Eles têm essa fantasia, mas negam.

**Como os públicos de São Francisco e Londres diferem?**

Visualmente? Não são muito diferentes. Quanto à recepção, este é provavelmente o melhor público. Eles são obviamente muito críticos. Cada pequeno movimento que você faz e cada nota que toca é notada, devorada, aceita ou rejeitada. Você sabe que, o que quer que faça, será percebido, então faz certo. Você tem que dar o seu melhor, porque eles sabem se você não está dando o seu melhor.

**Você prefere tocar para um público ou em uma situação isolada, como em um estúdio?**

Eu fico entediado ouvindo a mim mesmo tocar guitarra, porque não sou um público muito bom. Se há pessoas presentes, você vai mais longe.

**Quanto o seu estado de espírito afeta sua performance?**

Você quer dizer drogas?

**Não, não exatamente...**

Bem, fizemos algumas festas em lugares muito ruins. Fizemos no norte da Inglaterra, e uma delas foi em um píer. Em um salão de baile no final de um píer. Era como estar vinte anos no passado. Tudo parecia estar em outra era, sabe? Eu não consegui tocar lá de jeito nenhum. Não havia nada familiar para eu me agarrar. Era como estar preso em outro tempo. Fizemos outro show em um clube onde eu costumava tocar com os Yardbirds. E estava exatamente como era antes. O mesmo público — muito histérico e neurótico. E quando você sobe ao palco e todos estão gritando e berrando — você fica louco tentando sintonizar. Esse tipo de coisa me assusta, sabe? O que eu realmente prefiro fazer são shows. Eu realmente gosto de tocar em shows, porque tudo é mais relaxado. O público está sentado, mais calmo, e cabe a você levar a música a qualquer ponto de excitação. É muito melhor trabalhar assim.

**E as bandas que você viu em São Francisco? Não vi nenhuma; não tivemos tempo.**

**Você ouviu o disco do Grateful Dead? Sim, é ótimo.**



Peter Townshend disse que viu o Dead no Pop Festival e os chamou de “uma das bandas mais arrastadas”.

“Arrastada” significa chata. Eu não acho que a qualidade da música deles seja tão alta quanto a de muitas outras boas bandas de estúdio. As pessoas estão mais preocupadas com música ao vivo do que com gravações, talvez. Não tenho certeza disso. Estou apenas supondo. Se o Grateful Dead é uma das melhores bandas, eles não estão fazendo um bom trabalho em gravações.

O que você acha da guitarra deles? A síntese de blues, jazz, country e western de Jerry Garcia, com um toque de jug band?

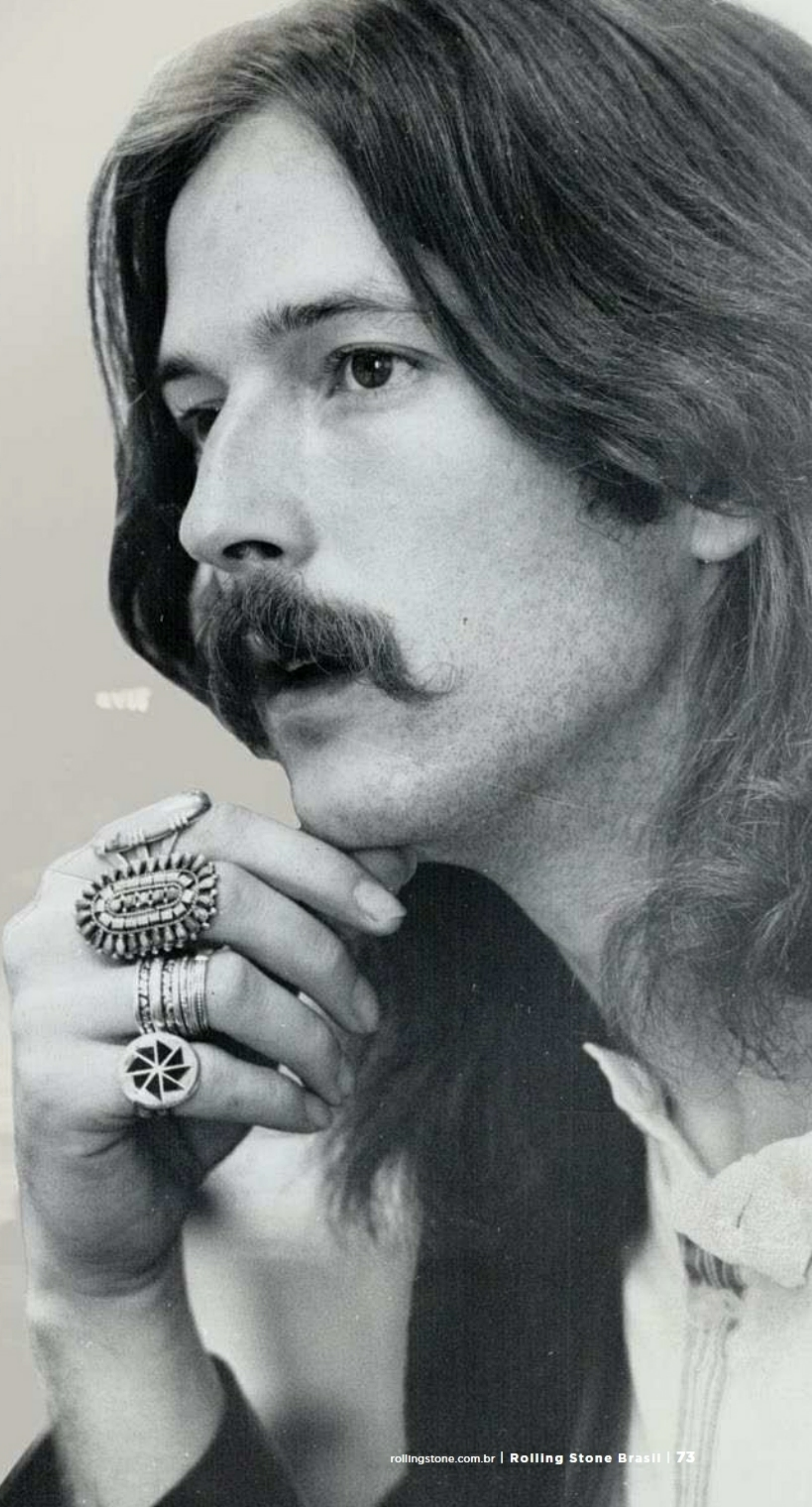
É muito bom e muito preciso, mas não é o meu estilo.

O que você viu em São Francisco que poderia melhorar a cena em Londres?

A atitude. Aqui há menos competição e mais incentivo de músico para músico. A

## **“EU FICO ENTEDIADO OUVINDO A MIM MESMO TOCAR GUITARRA. SE HÁ PESSOAS PRESENTES, VOCÊ VAI MAIS LONGE.”**

música floresce selvagemmente na Inglaterra porque eles são ciumentos do sucesso de alguém. Eles são ciumentos, então precisam fazer melhor. Aqui você é incentivado. Todo mundo curte todo mundo e não esconde isso. Na Inglaterra, eles poderiam ser um pouco mais maduros; o mercado musical inglês foi alimentado por tanto tempo com imaturidade que a imprensa e os jornais de música só se preocupam com o Top 40 e a música em si não importa. Não há um jornal de música inglês que cubra toda a cena musical; todos estão divididos em pequenos grupos. Eles poderiam aprender com São Francisco a serem um pouco mais abertos à música, a amadurecer. Música não é mais uma coisa de três anos. Não está mais relacionada a “sucessos repentinos” e coisas assim; superamos isso. As pessoas por trás disso — os empresários e aqueles que lucraram com isso — também precisam aprender e superar isso. Músicos não são mais idiotas.





**O que você acha das paradas de sucesso, dos charts?**

Pessoalmente, não acho que seja amoral, entende, musicalmente falando. Acho que elas são anti-música e anti-progresso. São obsoletas.

**Elas realmente prejudicam as bandas?**

Elas reduzem tudo a um nível muito infantil. Quero dizer, a parada existe para cumprir um único propósito — indicar para todo mundo o que é melhor e o que é pior. Mas não é assim que funciona, porque música boa, idiomáticamente falando, é boa, e música ruim é ruim, e realmente não importa o que as pessoas dizem sobre isso. Não importa quais são os gostos das pessoas. As pessoas podem ir lá e comprar um disco, tipo, um disco do [cantor britânico de pop] Engelbert Humperdinck, e então todos podem dizer que é o melhor disco disponível. O que é uma besteira. Só porque é popular não quer dizer que seja a melhor música.

**Quanto as paradas atrapalham o músico?**

Veja, em princípio, não seria algo ruim se fosse em menor escala. Se as paradas não fossem tão dominantes, não seria ruim. Seria como aquelas pesquisas que rolam às vezes para eleger o melhor músico, coisas assim, e tudo bem. Mas o problema é que hoje em dia todo mundo está condicionado a aceitar o que as paradas dizem como a verdade.

Então não sobra espaço para mais nada. Não sobra espaço para tocar boa música. Digo, talvez estejamos conseguindo agora, mas só está começando a mudar. Até agora, não havia espaço para tocar sem lançar um single. Você tinha que lançar um single de sucesso para poder sair e tocar em algum lugar. Caso contrário, era simplesmente rejeitado. O single de sucesso é uma alavanca. Digo, todo mundo chega e fala: "Vamos fazer um disco comercial primeiro. Vamos conseguir um sucesso e, quando todo mundo gostar de nós, faremos o que quisermos". Era esse o propósito de um single de sucesso até agora. Você fazia algo realmente ruim, formulado e estereotipado, que chega ao número 1, e aí, quando você está lá, diz:

olhem, agora é isso que vamos fazer. Não acho que isso deveria ser necessário. Entendo que foi necessário, mas não acho que você deva perder seu tempo fazendo esse tipo de coisa.

**Tem alguém fazendo o que realmente quer?**

Sim. Acho que há muita gente. Mas veja, não é fácil saber o que se quer fazer hoje em dia. Porque todo mundo está tão bagunçado pela presença das paradas de sucesso que não está claro na cabeça deles o que eles realmente querem fazer. Foram moldados a pensar no que é certo e no que é errado, e isso não está claro em suas mentes. Não tem muita gente que seja realmente firme o suficiente para saber. O que digo é, se você considerar do ponto de vista comercial, no momento o público não está recebendo um bom valor pelos discos. Os singles são muito caros pelo que oferecem, e os LPs também. O que eu gostaria de ver é um LP pelo preço de um single e um LP estendido pelo preço de um LP atual. Talvez isso nunca aconteça. É um sonho otimista, talvez, mas é o que eu gostaria de ver. Acho

Em 1968, Eric Clapton vivia o auge do sucesso do Cream ao lado de Jack Bruce e Ginger Baker



que seria muito melhor para o público. Quero dizer, com um single — o que você tem? Você tem o lado A e o lado B, e se tiver sorte, em três semanas ainda pode gostar dele.

O que estamos fazendo agora é nos concentrar exclusivamente nos LPs. E se, por acaso, um single sair de uma sessão de LP, então nós o lançamos. Mas antes, você tinha duas sessões separadas: uma para LPs e outra para singles. E as sessões de singles são terríveis. Não consigo fazer nenhuma. É tipo — você entra e o grande problema é se aquilo é comercial. Esse é o problema. Não importa como é a música, tem que ser comercial, tem que ter um refrão marcante, tem que ter isso e aquilo, e você acaba caindo em um buraco muito escuro. Eu não aguento isso.

O que gostaríamos de fazer, eventualmente, é usar os LPs no lugar dos singles. Gravar um LP a cada dois meses, ou todo mês, e gravar um LP estendido, que seria tocado a 16 rpm. Fazer isso duas vezes por ano. Isso seria como um show completo.

**Você é considerado um dos melhores guitarristas de blues ou rock do mundo. Acha que correspondeu a essa expectativa?**

Todo mundo pareceu estar satisfeito. Não encontrei nenhuma crítica importante sobre nosso grupo. Musicalmente, parece que fomos muito bem.

**De onde vem sua energia?**

Bem, é um ciclo vicioso. Digo, se eu nunca tivesse tocado um instrumento, eu nunca precisaria tocar um. Mas agora que eu toco, sinto essa necessidade. Vou tentar explicar melhor: quando eu saio do palco, eu expressei tudo o que pude naquele momento. E eu sei que, se tenho um show no dia seguinte. De algum jeito, preciso armazenar energia suficiente para tocar no dia seguinte. É como se você gastasse e depois recuperasse, gastasse e recuperasse de novo. Você tem que fazer isso. É uma reação básica que acontece subconscientemente o tempo todo... Estou sempre observando as coisas, me expressando sobre elas. Às vezes parece forçado, especialmente quando temos que trabalhar muito.



**Quem você acha que são as melhores bandas da cena britânica, excluindo os Beatles e os Rolling Stones, que não estão mais se apresentando?**

Pois é, a música de estúdio virou tão grande que você nem pode compará-la com a música ao vivo. E nem acho que precise. Se você me perguntar sobre performances, gosto muito do Pink Floyd como banda ao vivo.

**E o The Who?**

Faz muito tempo que não os vejo, mas em algum momento eles me impressionaram com aquele tipo de apresentação.

**Fora as apresentações deles...?**

Se não posso ver o The Who, realmente não me preocupo e nem ouço muito. Eles são coesos e todos muito intensos, mas musicalmente não acho que estejam indo em uma direção muito radical. Eles ficam presos ao que está nos discos, coisas assim.

**O que o Pink Floyd faz?**

É um grupo bem estranho. O mais próximo que se poderia comparar aqui... Bem, nem consigo pensar em um grupo que se relacione com eles. Bem excêntricos. Eles não são realmente psicodélicos. Fazem coisas como tocar uma única música por uma hora. Estão muito ligados a experimentações eletrônicas. Também são bem engraçados. Eles são legais, realmente um grupo muito bacana. Não são ambiciosos e você se sente bem assistindo. Eles não tentam te convencer de nada.

**O que você acha de Jimi Hendrix?**

Eu não quero ser muito crítico aqui. Acho que Jimi canta muito bem; ele só diz que não consegue cantar, e todo mundo aceita isso. Acho que ele canta muito bem. E também acho que é um grande guitarrista. Não gosto de vê-lo muito, prefiro ouvi-lo.

E quando ele chegou na Inglaterra, sabe... os ingleses têm uma grande admiração por negros. Eles adoram essa coisa mágica, sexual. Todo mundo cai nessa. Todos na Inglaterra ainda acham que negros têm genitálias enormes. E Jimi veio e explorou isso ao máximo. Todo mundo comprou a ideia. Que besteira!

Eu também comprei. Depois de um tempo, comecei a suspeitar. Quando o conheci melhor, percebi que isso não tem nada a ver com quem ele realmente é. Aquilo que ele faz no palco, quando ele faz, é para testar a plateia. Ele faz muitas coisas, como brincar com a língua, tocar a guitarra atrás das costas e esfregar na virilha. E ele olha para o público, e se eles gostam, ele não gosta do público. En-

tão ele continua, zombando deles. Toca menos música. Se eles não gostam, então ele toca de forma mais séria, porque sabe que tem que fazer isso. É engraçado. Ouvi que aqui nos Estados Unidos, ele fez aquele show no primeiro set e as pessoas ficaram meio indiferentes. No segundo set, ele só tocou, o que foi ótimo.

Ele tinha a combinação perfeita na Inglaterra. Era exatamente o que o mercado queria: uma estrela pop psicodélica que parecia excêntrica, além de toda a questão do blues. Então Jimi apareceu, vestiu todas as fantasias e fez sucesso de imediato. Era uma fórmula perfeita. Por trás de tudo, ele tem um talento musical incrível. Ele é realmente um dos melhores músicos na cena ocidental. Se você tirar toda a besteira em volta dele, vai encontrar um cara incrivelmente talentoso e um guitarrista maravilhoso para sua idade. Eu só não consigo engolir toda a parada plástica.

## É AÍ QUE QUERO ESTAR: ONDE EU NÃO PRECISE TOCAR NADA ALÉM DE IMPROVISACÃO.

**Qual foi a primeira experiência com música que você se lembra, algo como Humpty Dumpty, em que você se perguntou: “O que está acontecendo nesse rádio?”**

Chuck Berry me fez isso. “Schooldays” e depois “Johnny B. Goode”. Entrei nessa. Eu tinha uns 16 ou 17 anos, e fui fisgado aos 17, sozinho. Aprendi com discos.

Acho que todo mundo que tocou um instrumento de corda me influenciou. Todos os músicos indianos que ouvi e todos os músicos de blues me influenciaram. Há muitos outros estilos que nem toquei ainda, campos da música que nem me aproximei. Também tenho influências de pessoas que não tocam instrumentos de corda. Tem um gaitista de blues chamado Little Walter Jacobs que toca uma gaita muito boa. Ele me influenciou muito, porque você pode transferir o que ele faz para a guitarra.

**Mais algum guitarrista?**

No começo, eu tocava exatamente como Chuck Berry por seis ou sete meses. Você não conseguiria notar a diferença quando eu estava com os Yardbirds. Depois, comecei a me

interessar por bluesmen mais antigos. Gostei de Big Bill Broonzy, porque ele estava acessível; depois ouvi muitos caras que eu nunca tinha ouvido antes: Robert Johnson, Skip James e Blind Boy Fuller. Fiquei completamente encantado por esse novo mundo. Estudei, ouvi, mergulhei nele e emergi nele. Eu tinha cerca de 17 ou 18 anos. Quando saí disso, me conectei com B.B. King, e tem sido assim desde então. Ainda acho que não há melhor guitarrista de blues no mundo do que B.B. King.

**Mas ele é sua principal influência?**

Não. Ele domina um campo, é o melhor em um campo. No momento, sou mais influenciado pela música indiana - não estruturalmente, mas pela sua atmosfera e seus ideais. Não pelas notas; nunca pretendo tocar cítara ou tocar a guitarra como uma cítara, apenas abri minha mente para o fato de que não é necessário tocar com arranjos e simplesmente improvisar o tempo todo. É aí que quero estar: onde eu não precise tocar nada além de improvisação.

**E os outros “Kings”, Albert e Freddie?**

Albert é ótimo porque ainda está gravando e bem. Do Freddie não ouço falar há muito tempo.

**Quem te influenciou como pessoa?**

As primeiras duas pessoas que me vêm à mente são do mundo da música. Isso é simplesmente porque é o mundo em que vivo. A primeira é Mike Bloomfield. Sua maneira de pensar realmente me surpreendeu na primeira vez que o conheci e falei com ele. Nunca conheci alguém com tantas convicções fortes. E Dylan realmente me inspirou. Ele é um homem muito corajoso -- falando o que pensa, sabe? Esses são realmente os maiores influenciadores, porque são muito convincentes. Acredito nesses dois caras mais do que em muitas outras coisas.

**Os Yardbirds foram sua primeira banda?**

Não. Toquei com dois grupos amadores antes disso, no meu tempo livre. Um chamado “The Roosters” e outro chamado “Casey Jones and the Engineers”. Não fiquei com nenhuma dessas bandas por mais de duas semanas. Era mais como uma jam session. Depois, me ofereceram um trabalho profissional com os Yardbirds.

**Você entrou no início da banda?**

Cerca de duas semanas depois. Fiquei com eles por um ano e meio. Eles não queriam que soubessem que eu tinha saído. Naqueles dias, sair de uma banda era algo pesado.



**Por que eles tiveram uma sucessão tão longa de guitarristas?**

Os guitarristas que tocam com eles não gostam deles. Fui enganado para entrar na banda, atraído pela coisa pop, o dinheiro grande, as viagens e as garotas. E foi assim por um ano e meio, até que comecei a levar a música a sério. Percebi que faria isso pelo resto da vida e era melhor fazer direito. Eu estava tocando o que eles queriam que eu tocassem.

**Depois dos Yardbirds?**

Eu pretendia parar de tocar completamente. Estava meio confuso com tudo. Tocar em uma banda assim te coloca em uma mentalidade muito estranha. Você perde muitos dos seus valores originais. Fiquei de repouso por algumas semanas com um amigo. Não fiz muito e então me ofereceram um trabalho com John Mayall, a quem sempre admirei por sua integridade. Se eu fosse entrar em uma banda, que fosse com ele. Toquei com ele por cerca de um ano e meio também. Então realmente me aprofundi na minha música e a desenvolvi mais do que nunca, porque eles levam isso a sério. Depois, decidi que queria ir além do que aquela banda estava fazendo. Eles estavam presos ao estilo de blues de Chicago. Eu queria ir para outro lugar e colocar meu estilo de guitarra em um contexto diferente, em um novo tipo de música pop. Achei que essa música era mais válida do que o blues de Chicago para mim, porque o rock and roll é mais como a música folk, contemporânea.

**Você diria que o que está fazendo agora é mais rock do que blues?**

Sim.

**Como vocês formaram o Cream?**

Nós nos conhecíamos de nossas respectivas bandas. Quando Jack estava com Manfred Mann e Ginger Baker estava com Graham Bond.

**Seu primeiro show foi no Windsor Festival, certo?**

Sim. Decidimos que queríamos tocar juntos mais do que com qualquer outra pessoa no país e formamos uma banda. Completamente cooperativa. Apenas fizemos. Não foi muito difícil, foi fácil. Montar foi difícil porque não sabíamos realmente o que queríamos tocar, só sabíamos que queríamos tocar juntos. Não tínhamos ideia de que tipo de material tocar e por muito tempo foi difícil encontrar uma direção real. Tocamos muitos números de outras pessoas. Jack não conseguia compor tantas músicas. Ainda há algumas músicas de blues e rock and roll que tocamos, mas por escolha e não por obrigação.

**Quem é o seu produtor?**

Felix Pappalardi. Ele tem trabalhado principalmente na cena folk, com pessoas como Joan Baez e afins. Ele estava por Atlantic City e disse que topava fazer, e nós queríamos ele.

**Que tipo de guitarra e amplificadores você usa?**

Uma Les Paul, moderna. Sólida. Mesmas captadores, mais ou menos o mesmo braço, só um corpo diferente dos modelos de 1958. Obviamente não tem um som tão bom quanto os antigos, porque eles têm o fator "vintage", como vinho envelhecido. Não tenho mais nenhum modelo antigo intacto, todos se quebraram ou deformaram. Quando uma guitarra é tão antiga, você precisa ter cuidado. Há um fabricante, acho que é a Hagstrom ou alguém assim, que está copiando as antigas Les Pauls, mas eu não compraria uma.

**“SOU APENAS UM MÚSICO. SE ELES CURTEM MINHA MÚSICA, ISSO É ÓTIMO, MAS NÃO PRECISAM SABER O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA MINHA CABEÇA.”**

**E os amplificadores, e como você os ajusta?**

Dois Marshalls de 100 watts. Eu os ajusto no máximo em tudo: agudos no máximo, graves no máximo e presença no máximo, o mesmo com os controles da guitarra. Se você deixar o amplificador e a guitarra no máximo, há tanto volume que você pode estar a 100 milhas de distância e ainda haverá retorno — o efeito de sustentação — e em qualquer lugar nas proximidades haverá retorno.

**Cordas?**

Fender rock and roll.

**Quais são as diferenças que você encontra nas atitudes dos jovens bluesmen daqui — como Bloomfield ou Butterfield, por exemplo — e na Inglaterra, como John Mayall?**

O músico de blues geralmente é um fanático; esse é o denominador comum entre os músicos

de blues, eles são fanáticos. Na Inglaterra, são muito mais porque estão distantes da cena e não sabem realmente o que está acontecendo. Eles não sabem como é ser um músico de blues nos Estados Unidos. Como Mike Bloomfield sabe; eles são todos românticos sobre isso e têm muitos ideais e noções. Muito ego entra nisso e eles acham que são os únicos caras tocando música de verdade.

**Que tipo de coisas você quer que o Cream faça?**

Nada mais ambicioso do que sermos musicalmente livres o máximo que pudermos. Você não pode nem adivinhar onde isso vai te levar musicalmente. Eu não sei onde estarei no próximo ano. Sei que preciso ser mais livre e não ficar preso a rótulos ou tocar como outras pessoas ou até mesmo ser influenciado por outras pessoas.

**Qual é o papel de um músico na Inglaterra?**

Nos últimos anos, o papel é mais do que apenas ser um músico. Há essa grande questão de que você vai influenciar os jovens. Por alguma razão incrivelmente estranha, um músico é mais importante que um político hoje em dia. E, como isso é verdade, o papel do músico é um fardo. Você não precisa ser tão inteligente para tocar música; não precisa ter responsabilidade moral. Não há razão para que eles devam ter isso, eles estão apenas lá para tocar música, e as pessoas deveriam deixá-los assim. Porque tanta responsabilidade é atribuída, é demais, um fardo, muita opinião pública colocada em cima de um músico. O que estou fazendo agora é só meu jeito de pensar, mas se isso sair em algum jornal, as pessoas vão dizer que o que eu estou dizendo é como elas deveriam pensar. E isso é errado, porque eu sou apenas um músico. Se eles curtem minha música, isso é ótimo, mas não precisam saber o que está acontecendo na minha cabeça.

**Isso é por causa dos Beatles.**

Sim.

**Em Londres, costumavam dizer “Clapton é Deus”.**

Uau! Isso ainda está acontecendo! Sim, isso aconteceu — bem, quando não havia nada acontecendo na Inglaterra, exceto eu, o que foi um período bem estranho, sabe. Tipo, não havia muita coisa nas paradas e eu tinha acabado de deixar os Yardbirds e me juntado ao John Mayall, e era como se a nossa banda, a John Mayall Band, fosse a única tocando algo como o blues de Chicago. E, naquela época, isso tinha acabado de se tornar algo na moda — muitas pessoas agarraram meu nome e começaram a usá-lo,



sabe – e as pessoas começaram a escrever “Clapton é Deus” por toda parte sem realmente saber do que estavam falando. Muito engraçado. Muito estranho.

**Como é isso para você?**

Eu não sei, porque não sei qual é a imagem.

**Quando você olha nos olhos deles, você deve obter algum feedback interessante.**

Sim, e na maioria das vezes é bem decepcionante. Muito do tipo de apreciação que eu recebo geralmente é mais por coisas como “que tipo de sapato eu estou usando hoje à noite”. Não acho que já encontrei muitas pessoas na mesma sintonia que eu – sabe, me apreciando pelas mesmas razões que eu me aprecio. Eu realmente não consigo ver dentro da mente deles para saber se a imagem é uma que eu gostaria ou não. Basicamente, sou contra isso, de qualquer forma. Há coisas muito engraçadas que acontecem – tipo, em um show, eu usava uma jaqueta militar vermelha e, por algum motivo, eu tocava e todo mundo ficava impressionado. E então fazíamos o próximo show, algumas semanas depois, em outro lugar, e todo mundo na plateia estaria usando jaquetas militares vermelhas. E eu teria um bigode e estaria usando uma jaqueta de camurça verde, e todos estariam tipo – “O que fizemos de errado?” É esse tipo de coisa que geralmente acontece.

Não é tão grande, entende. Se eu estivesse na posição de alguém como Dylan ou Lennon, então eu teria que ser mais cuidadoso. Na maioria das vezes, as pessoas raramente dizem que gostam da música, raramente dizem que acham que sou um bom guitarrista. Ninguém jamais, tipo, cometeu suicídio por minha causa e provavelmente isso nunca vai acontecer. Então, digo, eu não sou um ídolo tão grande para eu pensar que tenho alguma responsabilidade, sabe. A menos que algo drástico aconteça, acho que nunca terei que me preocupar com isso.

**Como você se sente sobre as implicações sexuais?**

Admito, eu tentei. Eu tentei, tipo – quando eu estava com os Yardbirds, eu fazia isso o tempo todo. Era uma coisa obviamente nova para se



Eric Clapton toca com o Cream em Los Angeles, 1968

tentar fazer. Você sai da escola, sabe, e entra em um grupo, e então há milhares de garotas. Digo, você estava na escola e tinha espinhas e ninguém queria saber de você. E então, lá está você no palco com milhares de meninas gritando. Cara, isso é poder! Uau! Mas, quando você encontra algo que pode ocupar mais a sua mente – tipo, quando você descobre que está realmente interessado em tocar guitarra, então acho que não dá para fazer as duas coisas. Eu não poderia fazer isso agora, principalmente porque não tenho tempo para parar e pensar sobre isso. Se eu estivesse fazendo isso, pulando por aí, então eu só tocaria acordes. Se eu quero tocar e fazer algo que é um esforço consciente, então eu não posso fazer nada além de ficar parado e pensar no que estou fazendo.

**Você passa por dificuldades no aeroporto quando volta para Londres?**

Não, não estamos nessa cena, de forma alguma. Não nos interessamos por menores de 18. Você quis dizer com fãs?

**Não. Eu quis dizer ser revistado por drogas – devido à notoriedade especial que os músicos têm agora na Inglaterra por serem viciados.**

Ah, sim. Nós somos revistados toda vez que voltamos para a Inglaterra. Eles nunca deixam claro que estão procurando drogas. Mas você nunca pode adivinhar a mente de um inspetor de alfândega. Às vezes, eles podem te deixar passar, e outras vezes te revistam. Ele pode te deixar

passar com um tijolo de haxixe às vezes. Eles não deixam claro o que vão fazer. Eles são imprevisíveis. Eles podem te deixar passar com um grande bloco de haxixe e te pegar em outro momento, porque acham que você pensa que pode escapar sempre.

**O que mais te impacta em São Francisco?**

A primeira coisa que me impactou muito foi que o Grateful Dead estava fazendo vários shows de graça. Isso me comoveu bastante. Nunca tinha ouvido falar de alguém fazendo isso antes. Isso realmente é um dos maiores passos que qualquer um já deu na música até agora, além dos avanços musicais. Acho que isso resume o que eu penso sobre São Fran-

cisco, sobre o que o Grateful Dead está fazendo. Existe essa coisa incrível que os músicos parecem ter em relação ao público: eles querem dar algo.

**Isso poderia dar uma manchete incrível na Inglaterra.**

Caramba! Isso é a coisa mais surreal, cara. Sempre que faço algum tipo de entrevista em Londres, eu falo um parágrafo completo, no qual tudo faz sentido como um parágrafo, mas alguém pega três palavras e coloca no topo, transformando em algo polêmico. Em um jornal irlandês, me perguntaram se os Beatles voltariam a tocar no palco. Eu falei de forma bem elaborada sobre como, se os Beatles voltassem, seria algo incrível porque eles fariam um espetáculo, e seria uma coisa incrível. Eu disse que eles não subiriam no palco só para tocar, que isso provavelmente seria muito difícil para eles. O jornal colocou como manchete: “Clapton acha que os Beatles não conseguiriam tocar no palco”. Isso sempre acontece.

**Dito isso, “Clapton detona Londres”.**

Vai acontecer. O lado bom é que, agora, os músicos são tão unidos entre si que eles dizem “dane-se” se lerem algo que não acham certo. Tipo, o George Harrison não vai acreditar se ler algo que eu disse sobre ele que ele não acredita ser verdade, porque eu não vou falar nada de ruim pelas costas dele. Os jornais de música ingleses não são levados a sério. O problema é que os jovens podem acreditar que é verdade. ☺



Prince no Earl's  
Court, Londres,  
em junho de 1992

## Rolling Stone

**PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)**  
**JAY PENSKE**, CHAIRMAN AND CEO  
**GEORGE GROBAR**, PRESIDENT  
**DEBASHISH GHOSH**, MANAGING DIRECTOR,  
INTERNATIONAL MARKETS  
**GURJEET CHIMA**, VICE PRESIDENT,  
INTERNATIONAL MARKETS

---

### ROLLING STONE USA

---

**GUS WENNER**, CHIEF EXECUTIVE OFFICER  
**SEAN WOODS**, EXECUTIVE EDITOR  
**LISA TOZZI**, EXECUTIVE DIGITAL DIRECTOR  
**JOSEPH HUTCHINSON**, CREATIVE DIRECTOR  
**MARIA FONTOURA**, DEPUTY EDITOR  
**BRIAN SZEJKA**, PUBLISHER, EVP, HEAD  
OF GLOBAL BRAND PARTNERSHIPS  
**JESSICA GRILL**, ASSOCIATE PUBLISHER

---

### JANN S. WENNER, FOUNDER

---

### ROLLING STONE BRASIL

---

**LUIS FERNANDO MALUF**, PUBLISHER

---

**ADEMIR CORREA**, DIRETOR DE CONTEÚDO

**EDUARDO DO VALLE**, EDITOR

**FELIPE FIUZA**, DIRETOR DE ARTE

**IGOR ALEIXO, ALANA SALA**,  
ASSISTENTES DE ARTE

**JOÃO PEDRO ESTEVO**, ESTAGIÁRIO DE ARTE

**EMERSON CAÇÃO**, TRATAMENTO  
DE IMAGEM DA CAPA

**FELIPE GRUTTER, PEDRO**  
**FIGUEIREDO**, COLABORADORES

**FERNANDO LEOMIL**, DIRETOR COMERCIAL

**ANDREA PEZZUTO**, GERENTE COMERCIAL

**CONCEIÇÃO AUGUSTO, RITA CINTRA, FRANCISCO**  
**NETO, MARLEY GALVÃO, ROSANA DINIZ,**  
**VALÉRIA ALVES**, EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS

---

CRÉDITOS: CAPA: MICHAEL PUTLAND/GETTY  
IMAGES. SEGUNDA CAPA E PÁGINA 03: KEVIN  
MAZUR/GETTY IMAGES, PAUL NATKIN/GETTY  
IMAGES, MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY  
IMAGES, GILLES PETARD/REDFERNS, GARY  
MILLER/GETTY IMAGES, SCOTT DUDELSON/  
GETTY IMAGES. QUARTA CAPA E NESTA  
PÁGINA: GUNTER ZINT-K & K ULF KRUGER  
OHG-REDFERNS, DAVE BENETT/GETTY IMAGES

---



Copyright © 2024 por Spring Publicações  
Ltda. Todos os direitos reservados. A  
reprodução sem permissão do conteúdo  
total da revista ou de qualquer uma de suas  
partes é proibida. O nome Rolling Stone  
e o logotipo são marcas registradas por  
Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi  
concedida à Spring Publicações Ltda.



**VIKING**  
AUTHENTIC MAN

**SAN BERNARDINO**  
ELIXIR

O seu novo perfume!  
A suprema expressão do luxo e do poder.

QR CODE

Accesse o Qr Code  
com a câmara do celular  
e saiba mais sobre o seu  
novo Elixir!

ROUTE 66

© 2024 Tempting Brands AC. All rights reserved.  
ROUTE 66 is a registered trademark.

vikingbrand viking.brand

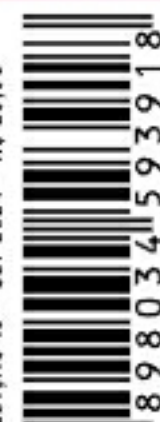




**RollingStone**  
BRASIL

SPRING

EDIÇÃO 15 - SET 2024 - R\$ 29,90



7 898034 593918